

São Luís

Relatos e Retratos de uma Época

Práticas e costumes, do início da década de
1950 ao final da década de 1970

Emílio José Guimarães Vellozo

SÃO LUÍS

RELATOS E RETRATOS DE UMA ÉPOCA

PRÁTICAS E COSTUMES, DO INÍCIO DA DÉCADA DE 1950 AO FINAL DA DÉCADA DE 1970

EDITORA PASCAL

2021

2021 - Copyright© da Editora Pascal

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Emílio José Guimarães Vellozo

Conselho Editorial

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr. Gabriel Nava Lima

Dr^a. Elba Pereira Chaves

Dr^a. Camila Pinheiro Nobre

Dr. Diogo Guagliardo Neves

M.Sc. Eduardo Oliveira Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V441

Vellozo, Emílio José Guimarães

São Luís: relatos e retratos de uma época. Práticas e costumes, do início da década de 1950 ao final da década de 1970 / Emílio José Guimarães Vellozo. São Luís: Editora Pascal, 2021.

171 f. ; il.:

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-86707-60-1

D.O.I.: 10.29327/541128

1. São Luís. 2. História. 3. Costumes. 4. Relatos. I. Vellozo, Emílio José Guimarães

CDD: 94(812.1) *1908/1970*

Qualquer parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, desde que seja citado o autor.

2021

www.editorapascal.com.br

AUTOR

EMÍLIO JOSÉ GUIMARÃES VELLOZO



Engenheiro agrônomo, formado em 1976, pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, hoje, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Eu sempre tive vontade de relatar e retratar, histórias da cidade de São Luís, em um livro, do meu tempo de infância e adolescência, compartilhar com os leitores aquela cidade calma, hospitaleira, romântica e poética, que inspirou vários poetas a louvarem suas belezas.

Vejo esse sonho realizado nesta obra, “São Luís: Relatos e Retratos de uma Época; Práticas e Costumes, do início da década de 1950 ao final da década de 1970”, onde descrevo fatos e acontecimentos importantes da cidade, ocorridos durante esses trinta anos, revelando como era a vida na ilha, nos velhos, belos e saudosos tempos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria pelas bênçãos recebidas, diariamente, dos céus.

Aos meus pais Maury e Marieta, pela formação escolar, ética e religiosa, que me permitiram galgar conquistas ao longo da vida.

A minha esposa Ironildes, filhos e filhas, pela força e apoio nos momentos mais difíceis da caminhada.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Ao meu querido e amado pai Maury Cosson Vellozo e a minha querida e amada irmã Rossana Vellozo Guterres, que partiram desta vida, deixando-nos com muitas saudades.

APRESENTAÇÃO

Enalteço o Centro Histórico, narrando sua rica história e belíssima arquitetura. Faço um pequeno histórico da gênese da cidade, dos povos que a ocuparam, o legado que eles deixaram e o início do processo de urbanização. Apresento aos leitores os antigos “reclames” ou propagandas das indústrias e dos comércios local, extraídos do livro “Álbum do Maranhão de 1908”.

Retrato alguns dos nossos belos prédios, igrejas e monumentos históricos e faço um relato resumido de suas histórias. Apresento, em memória, a Quinta (propriedade rural) da Rua 18 de novembro, com o seu prédio secular de azulejos amarelo, que abrigou importantes famílias. Presto homenagem ao bairro do Monte Castelo, onde descrevo parte de sua história.

Exponho aos leitores, com saudosa lembrança, as utilidades e utilitários das décadas de 1950, 1960 e 1970. Narro as práticas e costumes da época. Resgato memórias e fatos históricos, políticos, culturais, sociais, esportivos etc, tornando conhecido o cotidiano da cidade, naquelas inesquecíveis décadas.

Concluo o livro dedicando uns poemas a querida cidade de São Luís, com o título: Decantos do Meu Encanto.

BOA LEITURA

Emílio José Guimarães Vellozo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
PREFÁCIO.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	15
EM MEMÓRIA DA QUINTA DA RUA 18 DE NOVEMBRO	
CAPÍTULO II.....	25
CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS	
CAPÍTULO III.....	31
ANTIGOS ANÚNCIOS COMERCIAIS	
CAPÍTULO IV.....	39
PRÉDIOS E MONUMENTOS HISTÓRICOS	
Palácios.....	40
Palacetes.....	45
Monumentos.....	46
Porto.....	48
Biblioteca.....	49
Igrejas.....	50
Teatro.....	57
Museus.....	58
Fontes.....	64
Estação Ferroviária.....	66
Mercados Públicos.....	67
CAPÍTULO V.....	69
BAIRRO DO MONTE CASTELO	
CAPÍTULO VI.....	76
UTILIDADES E UTILITÁRIOS DA ÉPOCA	
CAPÍTULO VII.....	88
PRÁTICAS E COSTUMES	
Moedas do Brasil.....	91
CAPÍTULO VIII.....	92
SETORES DA ECONOMIA	
PRIMÁRIO.....	92
SECUNDÁRIO.....	94
TERCIÁRIO.....	96
TRANSPORTE PÚBLICO.....	96
Bonde.....	96

Ônibus	102
Terminal Rodoviário	104
EDUCAÇÃO	105
COMÉRCIO	108
SAÚDE	111
INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS.....	111
SEGURANÇA	112
COMUNICAÇÃO	113
Rádio.....	113
Jornal	114
Década de 1950	115
Década de 1960	115
Década de 1970	116
Revista	117
Televisão	118
Cartas e Telegramas	127
Telefone	128
CULTURA.....	129
Música	130
Cinema	132
Festas Juninas	133
Carnaval	135
Circo e Parque de Diversão	138
ESPORTES	139
Futebol	139
Esportes de Quadra	141
TURISMO	143
Clubes Sociais.....	143
Praias e Rios.....	146
Vida Noturna	147

CAPÍTULO IX..... 149

POLÍTICA NAS DÉCADAS: 1950 – 1960 – 1970

PRESIDENTES DO BRASIL.....	149
GOVERNADORES DO MARANHÃO.....	150
PREFEITOS DE SÃO LUÍS.....	151
Governo Eugênio de Barros: 1951 – 1956	151
Governo Matos Carvalho: 1957 – 1961	152
Governo Newton Bello: 1961 – 1966	153
Ditadura Militar no Brasil: 1964 – 1985	153
Governo Castelo Branco – 1964 a 1967	153
Governo Costa e Silva – 1967 a 1969.....	154
Governo Garrastazu Médici – 1969 a 1974	154
Governo Ernesto Geisel – 1974 a 1979	154
Governo João Figueiredo – 1979 a 1985	155
Período Vitorinista no Maranhão: 1945 – 1965	155
Governo José Sarney: 1966 – 1970	156

Governo Pedro Neiva de Santana: 1971 – 1975	160
Governo Nunes Freire: 1975 – 1979	161
Governo João Castelo: 1979 – 1982	161

CAPÍTULO X..... 162
A ÁRVORE DA MINHA CIDADE

CAPÍTULO XI 165
POEMA: DECANTOS DO MEU ENCANTO

REFERÊNCIAS 168
LISTA DE SIGLAS..... 169

PREFÁCIO

Engenheiros Agrônomos, de um modo geral, são mais afeitos aos números do que as palavras. Emílio Vellozo quebra essa regra, ao colocar no papel suas memórias neste livro, "São Luís: Relatos e Retratos de uma Época; práticas e costumes, do início da década de 1950 ao final da década de 1970".

O autor, em seu primeiro livro, "Meus Passos na Vida", traça uma trajetória de sua vida, ao longo dos seus 66 anos, dando passos firmes e decisivos que lhe trouxeram alegrias e vitórias, mas confessa que também tropeçou, em outros passos, que lhes causaram dissabores e tribulações ao longo da caminhada, como acontece com todo ser humano, mas manteve a paciência, humildade e resiliência, para superar as adversidades, confiante que dias melhores viriam.

Neste seu segundo livro, o autor faz uma imersão nas décadas de 1950, 1960 e 1970, e garimpa histórias que viveu e vivenciou, e convida o leitor a se transportar em um período rico de transição de nossa bucólica São Luís, quando deixamos de ser uma cidade rural, para tomarmos contornos de cidade grande.

O autor busca na memória afetiva, o resgate de sua infância e pré-adolescência, na relação íntima que mantinha com cada lugar que lhe marcou, de forma indelével, suas etapas de vida.

Todo memorialista é antes de tudo um bom observador do seu tempo e do seu entorno, aguçando o olhar para coisas, pessoas, objetos e acontecimentos, que uma grande maioria passa despercebido, para os guardiões da lembrança, memórias são lavas de um vulcão que têm de ser colocadas pra fora, que ele não contém em represar.

Clarice Lispector já disse que, todos temos um livro dentro de nós, e Emílio Vellozo prova que ele não tem apenas um, mas alguns livros que teimam em eclodir a cada tempo. A riqueza de detalhes com que ele narra os fatos, leva você, caro leitor, a uma viagem no túnel do tempo, e resgata fatos de um tempo ingênuo que vivemos, e, que pela corrida a nós imposta pela aceleração de nossa vida moderna, perdemos de nós mesmos a delícia, que é reviver fatos que são parte de nossa história.

Este livro, "São Luís: Relatos e Retratos de uma Época", é leitura obrigatória para todo aquele que ama nossa Ilha do Amor; para os que nasceram depois das décadas retratadas ou dos que têm ligação com nossa cidade, rica em história, cultura, folclore, encantos e magia. O ludovicense é antes de tudo um contador de histórias, de belas histórias, e o autor confirma que temos muita coisa boa para narrar.

Em um tempo em que se perde aos poucos a memória de nossa cidade, Emílio Vellozo, com seu memorial do afeto, faz sua parte em resgatar para esta e futuras gerações, narrativas de uma cidade, através de relatos de quem viveu e retratos de quem guardou na retina, acontecimentos únicos e especiais.

Que as fecundas e ricas memórias do autor bissexto Emílio Vellozo, nos brinde com novas e apetitosas histórias. A conferir.

Luiz Thadeu Nunes e Silva

Engenheiro Agrônomo, Palestrante, viajante, o sul-americano
mais viajado do mundo com mobilidade reduzida.



INTRODUÇÃO

Emílio Vellozo

Neste livro “São Luís: Relatos e Retratos de uma Época”; práticas e costumes, do início da década de 1950 ao final da década de 1970”, compartilho com os amigos leitores minha relação com a querida cidade de São Luís, meu torrão natal, única capital brasileira fundada pelos franceses, no dia 8 de setembro de 1612, em seguida invadida por holandeses em 1641, e finalmente, colonizada pelos portugueses, a partir de 1644.

Pesquisando na internet, pouco encontrei do registro da existência da Quinta, como era conhecida a propriedade rural, e o casarão sede, onde nasci, construído no século XIX e situado na Rua 18 de novembro no Canto da Fabril, embora tenha sido o último espaço rural explorado, economicamente, mais próximo do centro da cidade, porém faz parte da minha história e de quem nela conviveu.



Busquei na memória afetiva, o resgate da minha infância e pré-adolescência na relação íntima que eu tinha com aquele lugar, preservando sua lembrança e difundindo a importância dela, aquela pequena propriedade rural que muito representou para as famílias que tiraram seus sustentos lavrando a terra, além do lazer dos parentes e amigos que, frequentemente nos visitavam para saborearem os frutos nela produzidos ou banharem na sua piscina coberta e de água transparente. Agradeço ao historiador Carlos de Lima, que bem mencionou o nome da Quinta, no livro “Caminhos de São Luís” e a sua esposa, escritora Zelinda Lima, que exaltou a beleza daquele lugar, no livro “Ajuntamento de Memórias”, do jornalista Euclides Moreira Neto.

Passeando pelas becos, escadarias, praças e estreitas ruas, com pavimentos de pedras e paralelepípedos, fico apreciando a formosura de São Luís, do seu Centro Histórico, com o seu conjunto arquitetônico colonial e monumentos, esse verdadeiro museu a céu aberto, reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, no dia 6 de dezembro de 1997, na cidade de Nápoles na Itália, sendo a nona cidade do Brasil a ser incluída na Lista de Patrimônio Mundial Cultural e Natural da UNESCO.

Naquelas décadas, São Luís era uma cidade pacata e ordeira, que guardava a tranquilidade de uma época em que se cultivava os valores da amizade, respeito e hospitalidade. Parecia que o tempo não se apressava em passar, espreguiçava-se nas horas lentas, como se quisesse preservar o seu tesouro histórico, conservando o seu passado e se opondo ao despertar para o tempo progressista, que se avizinhava.

Retrato uma São Luís antiga, que tive a graça de participar do seu cotidiano, pois vivi intensamente e acompanhei as muitas mudanças e transformações da cidade, ocorridas desde os idos da década de 1950 até o final da década de 1970. Busquei também, muitos escritos, fotos e informações de pesquisadores, parentes e amigos, que registraram detalhes do nosso passado.

Apesar de ter nascido no Canto da Fabril, expresso meu afeto e carinho ao bairro do Monte Castelo, fazendo um pequeno memorial da sua história e importância para nossa cidade, cujo bairro cheguei na pré-adolescência e residí por quinze anos.

O “brasileiro tem memória curta”, ouvimos muito esse bordão. Por isso, neste livro, resgato memórias e fatos históricos, políticos, culturais, sociais, esportivos etc, com o intuito de divulgar e tornar mais conhecido o cotidiano da nossa amada São Luís, daquelas inesquecíveis décadas.

A esta linda cidade que nos encanta a cada dia, conhecida como Ilha do Amor, Atenas Brasileira, Jamaica Brasileira, Cidade dos Azulejos, entre outros cognomes, ofereço esta pequena obra em homenagem aos 409 anos de sua fundação.



Concluo, este livro, com alguns poemas dedicados a São Luís, com o título “DECANTOS DO MEU ENCANTO”, exaltando o seu rico e histórico acervo arquitetônico e cultural, herdado dos portugueses há mais de quatro séculos, que inspiraram respeitáveis poetas, e, que, nos dias de hoje, continua exalando o néctar do seu passado, invocando-nos a expressar manifestos líricos de amor por esta bela Ilha.

Convido os leitores e as leitoras, que admiram nossa cidade, os jovens, para conhecerem nosso rico passado, e os mais experientes, que viveram aquela época, a recordarem os velhos, belos e saudosos tempos das nossas vidas, mergulhando nesse túnel do tempo.

CAPÍTULO I

EM MEMÓRIA DA QUINTA DA RUA 18 DE NOVEMBRO

Louvação a São Luís

(Poeta Bandeira Tribuzzi)

“Ó minha cidade, deixa-me viver
Que eu quero aprender tua poesia
Sol e maresia, lendas e mistérios
Luar das serestas e o azul de teus dias.”

Canção do Exílio

(Poeta Gonçalves Dias)

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossas vidas mais amores”.



Com essa primeira estrofe do hino “Louvação a São Luís”, composição do poeta Bandeira Tribuzzi, e das estrofes iniciais do poema “Canção do Exílio”, do poeta Gonçalves Dias, belos versos desses dois ícones da poesia maranhense, homenagem a minha querida e amada terra natal.

Peço licença, aos caros leitores, para apresentar, em memória, o local onde nasci, pois faz parte da minha história e da história desta querida cidade, embora pouco mencionada, lamentavelmente, por historiadores.

Sou cidadão ludovicense, nascido no dia 25 de maio de 1953, no casarão centenário da Quinta, (como era conhecida e significa sítio, chácara, propriedade rural), cujo prédio sede, construído no século XIX, ficava localizado na Rua 18 de novembro, também conhecida como Baixinha, no Canto da Fabril. Desde o seu portão de ferro, na entrada, onde hoje está localizado o Posto de Combustível Vitória, antigo Marazul, até o imponente casarão, de azulejo amarelo na fachada, se percorria uma pequena estrada carroçável de, aproximadamente, 70 metros, margeada por palmeiras imperiais.

Minha família era formada por meu pai Maury Cosson Vellozo, minha mãe Marieta Guimarães Vellozo, minhas irmãs Emília Maria e Rossana e eu.

Emília e eu nascemos de partos normais, pelas mãos de parteiras na Quinta, funcionárias da Rede Ferroviária Federal S.A. – RFFSA. Naquela época, era comum as parteiras realizarem partos normais nas residências, devido as poucas opções de maternidades e de médicos. Meus avós paternos Raimundo Martins Velloso e Emília Cosson Velloso, tiveram sete filhos, sendo cinco homens e duas mulheres e criaram um casal, filhos de seus amigos.

A Quinta era uma propriedade rural, próxima ao Centro da cidade, com aproximadamente 10 hectares, “pertencera, anteriormente, ao Sr. Cazuza Lopes”, conforme relato do historiador Carlos de Lima, esposo da escritora e pesquisadora Zelinda Lima, no seu livro “Caminhos de São Luís”. Depois, a Quinta pertenceu ao Sr. Frederico Gonçalves Machado e esposa Torquata Gonçalves Rodrigues, que residiram nela em meados das décadas de 1930 e 1940. Eles eram pais de oito filhos, sendo três mulheres e cinco homens, entre eles destaque: Torquato Machado, Marcelino Machado e Lino Machado, todos políticos. Torquato Machado foi deputado estadual, amigo e compadre de meus avós paternos e pai do poeta e escritor Nauro Machado, amigo na infância de tio Carlos Velloso. Marcelino Machado era médico e foi deputado federal, também compadre de meus avós. Depois que ele deixou a política, fixou residência no Rio de Janeiro. A ponte de concreto sobre o Estreito dos Mosquitos, que separa a ilha de São Luís do continente, inaugurada em 1970, tem o seu nome. Marcelino Machado era genro do ex-governador do Maranhão, Benedito Leite. A ponte metálica para passagem de trem sobre o Estreito dos Mosquitos, ligando a ilha de São Luís ao continente, construída em 1929, tem o nome



de Benedito Leite, bem como a Biblioteca Pública Estadual, na Praça do Phanteon, no Centro e de município maranhense. Lino Machado, também compadre dos meus avós, era médico e foi deputado federal e senador da república, também morou na cidade maravilhosa.

A família Velloso, morou, nos anos de 1920 e 1930, na Avenida Maranhense, posteriormente chamada de Avenida Pedro II e hoje conhecida como Praça Dom Pedro II, quando meu pai e seus irmãos eram crianças, numa residência próxima, ao hoje, Tribunal de Justiça do Maranhão, cuja construção do prédio dessa instituição, ocorreu no ano de 1948. Minha saudosa tia Stella contava que ela, seus irmãos e colegas vizinhos, costumavam brincar na ladeira da Rua Montanha Russa, esquina com a Prefeitura de São Luís, na descida para a Avenida Beira Mar e que estudava no Colégio Santa Teresa, na Rua do Egito, próximo a residência da família.

Depois que a família Machado deixou a Quinta, a família Velloso morou nela, na década de 1940, ficando arrendada para o meu avô desde então, para a criação de vacas leiteiras. As duas famílias eram unidas e se confraternizaram muitas vezes na Quinta, cujas instalações acolheram várias gerações dessas duas famílias. A pesquisadora Zelinda Lima conta, numa entrevista ao jornalista Euclides Moreira Neto, no seu livro "Ajuntamento de Memórias", que a Quinta, era conhecida como a "Quinta do Veloso" e que meu avô, no carnaval, "gostava muito de receber os Blocos Tradicionais Carnavalescos". Ela cita ainda que meu avô "morava num Sítio muito bonito".

Meus avós mudaram-se, no final da década de 1940, para sua residência na Rua Oswaldo Cruz, mais conhecida como Rua Grande, em frente ao antigo Galpão Municipal ou Mercado Público Municipal, cuja estrutura era de ferro fundido e ficava localizado, onde hoje se encontra a caixa d'água, próximo ao Ginásio Costa Rodrigues. Na década de 1950, meus avós adquiriram e ampliaram sua residência, localizada na Avenida Getúlio Vargas, Nº 1684, ao lado do Edifício Emílio Ayoub, no Canto da Fabril, hoje Associação dos Fazendários Federais – ASSEFAZ.



Casarão sede da Quinta no Canto da Fabril (Fonte: Acervo do autor)

A foto acima foi doada por Lino Machado Filho, renomado advogado e jornalista do Rio de Janeiro. Vê-se a pequena estrada de acesso a sede da Quinta, margeada por palmeiras imperiais e cerca de arame farpado. No fundo, ao centro, localiza-se o prédio sede, no seu lado direito vê-se a casa onde os empregados da Quinta moravam e no lado esquerdo do casarão, encontra-se a piscina coberta.

Meu avô Velloso era funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos – DCT, hoje Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT. Ele queria comprar a Quinta, que lhe foi oferecida pelo Sr. Torquato Machado, mas a minha avó Miloca, foi contrária ao negócio.

Após o casamento de meus pais em 1951, eles foram morar na Quinta, cuja administração dos negócios agropecuários, ficou sob a responsabilidade do meu pai, que era funcionário Rede Ferroviária Federal – RFFSA e tinha o cargo de almoxarife. Para as tarefas na Quinta, meu pai contava com a ajuda de três funcionários, de nomes Tibúrcio, Reginaldo e outro, que não recordo o seu nome, além do jovem Sílvio Fontes, irmão adotivo do meu pai, para as tarefas da pecuária, no trato com as vacas leiteiras, suínos e pastagens. O leite retirado das vacas era entregue, por Sílvio Fontes, na residência de meus avós, situada na Rua Grande,

para a venda aos clientes.

A propriedade era limitada ao norte pelo antigo prédio do Fomento, pertencente ao Ministério da Agricultura, hoje Superintendência Federal de Agricultura, do terreno das irmãs da Congregação Dorotéia e bairro Diamante; ao sul pela Rua 18 de novembro; ao leste pela ferrovia São Luís – Teresina da RFFSA, hoje bairro da Camboa e rio Anil e a oeste pelo terreno das irmãs da Congregação Dorotéia, hoje Faculdade Estácio.

O casarão da Quinta tinha dimensões aproximadas de 20 m x 70 m, construído de pedra e alvenaria, tinha cobertura de telha canal, piso com assoalho de madeira e sua imponente fachada era revestida com azulejo amarelo, composta por uma enorme porta de entrada central de madeira de lei, com duas folhas e com dois janelões de cada lado, também com duas folhas de madeira de lei. Em frente à porta principal, tinha um terraço com, aproximadamente, 20 metros de comprimento por 04 metros de largura, contendo pequenas escadarias nas suas laterais e possuía um corrimão de ferro com quatro pequenas colunas com um jarro de ferro com plantas em cada coluna, em frente ao terraço. O piso de assoalho de madeira era suspenso do chão, aproximadamente, 1 metro, onde possuía um porão, cujo baldrame perimétrico do casarão continha vários óculos, ou seja, pequenas aberturas redondas de alvenaria, com mais ou menos 30 centímetros de diâmetro, para ventilação do porão e proteção do casarão dos possíveis alagamentos.



Jarro de ferro original, que adornava o terraço, na entrada do casarão da Quinta acima de uma pequena coluna. (Fonte: Acervo do autor)



Em frente ao terraço ou pátio, tinha um poço construído com paredes de pedra e cal, possuindo água de boa qualidade, tanto para o nosso consumo, pois não possuía água tratada, bem como, para alguns vizinhos e amigos do meu avô, como o Sr. José Couto, que residia em um sítio próximo ao antigo Grêmio Lítero Recreativo Português, no bairro do Anil. Ele mandava seu motorista, conhecido por “Carranca”, buscar água em tonéis de ferro na sua pick-up Studebaker, frequentemente. Na Avenida Edson Brandão, em frente ao sítio do Sr. José Couto, existia um posto fiscal com cavaletes de madeira, nos dois sentidos da avenida, que possibilitava a passagem de somente um veículo por vez.

O casarão possuía divisórias com paredões de 40 a 50 centímetros de largura. No período carnavalesco, a parte da frente do casarão, que possuía três salões com janelas e um corredor, era alugada para o Sr. Brito, para realização de bailes populares no carnaval. Morávamos na parte de trás do casarão, separada por uma grande porta de madeira, composto de um salão que tinha duas portas nas suas laterais com pequenas escadarias que davam acesso a essa parte do casarão, três quartos enormes com janelas, corredor, cozinha, despensa e banheiro. Cada quarto media aproximadamente 20 metros quadrados.

No lado direito do casarão havia outra casa onde Sílvio e os funcionários moravam. Após o casamento de Sílvio com Olívia, o recém-casal passou a morar na casa, depois de uma pequena reforma. Os empregados mudaram-se para um apartamento na parte da frente do casarão.

O lado esquerdo possuía uma piscina retangular, de aproximadamente 2,50 m de largura, 4,00 m de comprimento e 1,50 m de profundidade, em média, pois possuía uma parte mais rasa e outra mais profunda, revestida de azulejo azul, cobertura de telha canal e paredes de alvenaria, com porta de entrada e uma janela na lateral direita. A piscina era circundada com calçadas laterais cimentadas, de mais ou menos 1,00 metro de largura. A água cristalina da piscina vinha do poço, em frente ao terraço do casarão, que era canalizada, assim como a drenagem da água para fora da casa. A casa da piscina era cercada com arame farpado e a porta de acesso a piscina era fechada com cadeado para evitar a entrada de pessoas estranhas. O poço da frente do casarão estava sempre cheio d’água, pois o lençol freático era superficial, o que causava alguns atolamentos de carros na estrada carroçável de entrada da Quinta, no período chuvoso.

Na Quinta havia muitas árvores frutíferas como jambeiros, das variedades vermelho e rosa, fruta-pão, goiabeiras, cajazeiras, buritizeiros, coqueiros e bananeiras, além dos cultivos de hortaliças como agrião e alface e grandes áreas de pastagens.

Como construções rurais a Quinta tinha uma vacaria, local de recolhimento das vacas para repouso e ordenha, coberta de telha canal, com piso, bebedouros e cocheiras construídos de cimento, um poço de pedra e alvenaria para o abastecimento dos bebedouros para as vacas, uma pocilga onde eram criados os porcos,

com cobertura também de telha canal, além de um galinheiro rústico onde minha mãe criava muitas galinhas. Existia também um poço construído de pedras ao lado esquerdo do casarão, próximo a pocilga dos porcos, mas não era utilizado e foi aterrado.

Como o corredor da parte da frente do casarão era largo, eu costumava jogar bola com meus primos e colegas, filhos de dona Neuza, comadre de minha mãe e proprietária do colégio Instituto São Lázaro que ficava quase em frente à Quinta, no início da avenida, foi para essa escola que enderecei meus primeiros passos para os estudos.

Nos finais de tarde, ouvíamos o alto falante do bairro do Matadouro, hoje Liberdade, que além de anunciar algumas notícias de utilidade pública para os seus ouvintes, nos presenteava também com algumas músicas dos cantores de sucesso da época como Silvinho, Orlando Dias, Nelson Gonçalves, Núbia Lafaiete, Dalva de Oliveira, entre outros.

No período junino meu pai levava a família para assistir as apresentações do bumba meu boi, com sotaque de matraca, na residência do senhor Manasés, na Rua 18 de novembro.

Os funcionários costumavam tirar o leite “mugido”, primeira ordenha das vacas, que era consumido de forma, “in natura”, como nosso primeiro alimento e para a venda aos clientes, entre eles o médico Edson Teixeira, o militar Colares Moreira e José Couto, amigos do meu avô. Parte da pastagem também era cortada e vendida ao antigo 24º Batalhão de Caçadores do Exército, hoje 24º Batalhão de Infantaria, para consumo da cavalaria.

Lembro-me quando minha mãe, no 9º mês de gravidez da minha irmã caçula Rossana, foi com o meu pai, de “carro de aluguel”, como era chamado o táxi, na época, para o hospital Português, em março de 1959, para realizar o parto. Eu tinha 5 anos de idade. Naquele tempo, quando as mães pariam seus bebês, os pais contavam para as crianças que a cegonha trazia o recém-nascido enrolado num lençol, voando pela cidade e colocava na porta da residência do casal, para não falarem sobre sexo para as crianças, pois era um tabu.



Figura da Cegonha carregando um recém-nascido, contavam os casais para os seus filhos (Fonte: imagem de internet)



Na década de 1950 até meados de 1960, o rádio era o veículo de comunicação mais utilizado pela população em busca de notícias e entretenimento, haja vista que, nessa época ainda não existia a televisão em São Luís. No final dos anos 50 a Rádio Nacional exibia a radionovela "Jerônimo, o Herói do Sertão", ambientada no nordeste brasileiro, mas baseada no faroeste americano, e tinha grande audiência. Apesar de minha mãe nunca se ligar em novela, nessa época ela escutava, às vezes, alguns capítulos no rádio, que ficava sobre uma mesinha, ligado a eletricidade e uma cadeira ao lado. A radionovela ficou 14 anos no ar. Lembro-me também, quando vibrei, aos sete anos de idade, ouvindo pelo rádio a transmissão da luta de boxe, quando o pugilista brasileiro Éder Jofre, conquistou seu primeiro título de campeão mundial de boxe, no dia 18 de novembro de 1960.



Anúncio de Jornal da época (Fonte: foto de internet)



Modelo de rádio elétrico de mesa (Fonte: br.pinterest.com)



Para cortar o cabelo, meu pai me levava, frequentemente, no humilde salão do senhor Salazar, que ficava situado na sala de sua residência, de porta e janela, localizada na Rua Senador João Pedro, no Canto da Fabril, próximo ao casarão da Quinta. O salão, muito simples, era composto de duas cadeiras de barbeiro e dois espelhos fixados na parede.

Recordo-me que nossos calçados domésticos eram as sandálias de borracha com tiras, que chamávamos de “japonesas” ou os “chamatós” também chamados de “tamancos”, calçados confeccionados de madeira com tiras de couro.

Transcorria o ano de 1960 quando o governador Matos Carvalho iniciou a construção da Avenida Venceslau Brás, indenizando os herdeiros da Quinta, onde passaria a avenida, anteriormente chamada de Avenida Camboa do Mato, por intermédio do Departamento de Estradas de Rodagem – DER, órgão do Estado, começando no Canto da Fabril, cruzando a Rua 18 de novembro e cortando a Quinta entre o portão de entrada e o casarão. Lembro-me quando, saindo do Instituto São Lázaro e me dirigindo para casa, na Quinta, avistei um trator de esteira limpando um terreno baldio que existia na Rua Grande, começando assim a construção da avenida.

A população de São Luís na década de 1960 era de aproximadamente 160 mil habitantes.

O supervisor da obra do DER era um senhor muito simpático e educado, conhecido como Sr. Manduca. Durante a supervisão dos trabalhos de construção da avenida, ele ficava acompanhando e fiscalizando as obras, e estando exposto ao sol, às vezes, para saciar sua sede, nos pedia água gelada, e, prontamente, era atendido, por mim ou por minha irmã Emília. Lembro-me que nossa primeira geladeira foi da marca Prosdócimo. Existia um campinho de futebol, dentro da Quinta e próximo da estrada de ferro na Camboa, chamado de Salina, onde os moradores da Rua 18 de Novembro, dos bairros Matadouro e Diamante costumavam jogar futebol.

Após a construção da Avenida Venceslau Brás, do Canto da Fabril até o bairro Camboa, a Quinta entrou num processo de invasão, com diversas famílias ocupando sua área ao longo da avenida. Com a construção da avenida meu avô foi vendendo e se desfazendo dos animais. O velho casarão centenário entrou em decadência e deterioração, algumas rachaduras começaram a aparecer em suas largas paredes da cozinha, o que ocasionou nossa mudança no ano de 1962, para a casa de uma irmã de minha mãe, a convite dela, no bairro do Monte Castelo, pois, nessa época, tinha muita dificuldade para se encontrar residência para alugar. Meus pais até procuraram casa de porta e janela ou meia morada para alugar, mas eles não encontravam, pois era grande o déficit habitacional da cidade, na época.

Era comum, nesse tempo, as pessoas falarem das moradias pela tipologia das fachadas. As casas de “porta e janela” eram consideradas de famílias de baixa renda e se concentravam próximas as fábricas de tecidos de algodão, onde moravam



seus operários. As residências de “meia morada” se caracterizavam por terem uma porta com duas a três janelas na fachada e nelas residiam as famílias de classe média. As casas denominadas de “morada inteira”, eram as que possuíam uma porta no centro e quatro janelas, sendo duas de cada lado e moravam as famílias com alto poder aquisitivo. Acima das portas ou janelas possuíam as bandeiras, geralmente de ferro, ou seja, pequenas janelas de forma retangular ou semicirculares, geralmente vasadas para circular o ar. Já os imponentes “sobradões coloniais”, na parte de baixo funcionavam os comércios, no primeiro andar moravam as famílias e nos segundo e terceiro andares eram para receber os caixeiros viajantes, que vendiam seus produtos aos comerciantes.

Os óculos, buracos arredondados nas paredes, serviam para a entrada da ventilação quando os casarões estivessem fechados. Nas fachadas observa-se também os balcões sacadas com as janelas recuadas, nos andares superiores.

O piso das residências geralmente eram de mosaico, assoalho de madeira ou cimento avermelhado. Os pisos dos dormitórios das residências das famílias de maior poder aquisitivo, eram com tacos de madeira.

CAPÍTULO II

CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS

Dedico este capítulo, especialmente, para enaltecer o Centro Histórico de São Luís, que por sua rica história e belíssima arquitetura, nossa cidade é reconhecida com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade e visitada por turistas do mundo inteiro, nos enchendo de orgulho, mas também de responsabilidade, em preservar para gerações futuras, o que nossos antepassados nos deixaram como herança.

O Centro Histórico de São Luís abrange o bairro da Praia Grande, subindo para o Largo do Carmo em direção aos bairros Desterro, Madre Deus, Goiabal, Lira, Belira, Macaúba, Apicum, Vila Passos, Canto da Fabril, Diamante e Camboa. Compondo ainda esta área, estão inseridos palácios, palacetes, igrejas, museus, teatros, casarões, ruas, avenidas, becos, escadarias, travessas, fontes, pontes, ladeiras, largos, parques, portos, praças, rampas e sítios, numa área de 220 hectares. É composto de 3.000 imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico Estadual e 1.400



imóveis pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e 42 espaços livres públicos. Incluídos como imóveis tombados estão, os solares, sobrados, casas térreas e edificações, com até quatro pavimentos. Parte desse sítio foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, em dezembro de 1997, pela UNESCO, por seu conjunto arquitetônico colonial português.

Considero a Praia Grande, a “Pérola”, desse espesso colar, chamado Centro Histórico, que adorna a bela e madura senhora, cidade de São Luís.

Destaco, a seguir, num pequeno histórico, a gênese da cidade, dos povos que a ocuparam, o legado que eles deixaram e o início do processo urbanístico.

Conforme relatos de historiadores e memorialistas, os habitantes de São Luís, antes da chegada dos franceses, holandeses e portugueses, eram os índios tupinambás, que migraram da costa leste brasileira e moravam aqui, de forma natural, na ilha denominada de “Upaon Açu”, que quer dizer, Ilha Grande.

Os franceses, comandados por Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, desembarcaram na cidade com cerca de 500 homens e escolheram um local estratégico, entre as baías de São Marcos e de São José, em uma ponta de terra, numa colina de 15 metros de altura, cercada pela foz dos profundos rios Anil e Bacanga. Contando com a ajuda dos índios tupinambás, os franceses instalaram o “Fort Saint Louis” ou Forte de São Luís, hoje Palácio dos Leões, em homenagem ao Rei menino da França, Luís XIII, filho da Regente Maria de Médicis, dando origem ao nome da cidade, iniciando assim, seu projeto de instalação da França Equinocial. A fundação da cidade de São Luís ocorreu no dia 8 de setembro de 1612, com a celebração da primeira missa, por frades capuchinhos. Os franceses construíram também o antigo porto denominado Cais da Sagração em 1612, o Convento de São Francisco, atual Igreja Santo Antônio em 1613, a Fonte dos Bispos em 1615, dois Fortes Artilhados, um denominado Santo Antônio da Barra, localizado no bairro da Ponta D’areia e outro aos pés do Forte São Luís, e os primeiros caminhos tortuosos, entre 1612 e 1615.

Segundo relatos do Padre José de Moraes, a Fonte das Pedras, foi o local de acampamento das tropas de Jerônimo de Albuquerque, para a expulsão dos franceses de São Luís. Em 1615, sob a liderança de Jerônimo de Albuquerque, os portugueses conseguiram expulsar definitivamente os franceses, na Batalha de Guaxenduba, tanto do Maranhão quanto do Brasil. No entanto, os portugueses mantiveram e preservaram as edificações construídas pelos franceses em São Luís.

Com a expulsão dos franceses, os portugueses iniciam o processo de colonização da cidade.

O arquiteto e engenheiro militar do Estado do Brasil, português Francisco Frias de Mesquita, integrou a expedição organizada por Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos Moreno para combater os franceses na invasão de São Luís no ano



de 1615. Em São Luís ele teve a missão de reformar o Forte São Luís, projetar e executar a construção do Forte de Santa Maria, na praia de Guaxenduba, ponto de partida dos expedicionários para a vitória contra os invasores franceses. Com a expulsão dos franceses, o engenheiro Frias de Mesquita elaborou o plano urbanístico para São Luís, com traçado ortogonal, orientado segundo os pontos cardeais, sendo o referencial para a expansão e desenvolvimento da cidade. Ainda hoje, observamos no Centro Histórico ruas estreitas, retilíneas, paralelas e perpendiculares, com quadras formando entre elas ângulos retos, mantendo preservado o traçado urbano do século XVII.

Devido as características naturais de São Luís, os colonizadores adotaram um modelo de ocupação, utilizado na época, ou seja, a “Cidade Alta”, administrativa, militar e religiosa, e a “Cidade Baixa”, marinheira e comercial, que integradas aos tipos das construções e paisagens urbanas, que foram surgindo ao longo do tempo, que tornaram a cidade com aspectos parecidas com as das cidades lusitanas de Lisboa e Porto.

Entre 1619 e 1620, cerca de duzentos casais colonos do arquipélago português de Açores, chegam para povoar a cidadela, antes habitado por índios e mil soldados portugueses, que combateram os franceses. São Luís era uma Cidade - Fortaleza, mas com a chegada dos açorianos ela deixa de ser um simples quartel de tropas portuguesas, para se transformar em povoamento. Os açorianos trouxeram consigo a cultura, costumes, artesanatos, tradições e arquitetura. A migração de açorianos se intensificou nos anos seguintes.

Em 1641, os invasores holandeses tomaram São Luís, liderados pelo conde Maurício de Nassau, atraídos pela rota do açúcar. Eles construíram cinco engenhos e deixaram importantes documentos cartográficos, mas saquearam a cidade. A ocupação durou vinte e sete meses, entre 1641 e 1644. Após inúmeras batalhas, os portugueses expulsaram os holandeses, garantindo a posse da cidade e iniciaram, efetivamente, o seu processo de expansão urbana.

Onde hoje localiza-se a Praça João Lisboa, ocorreu o primeiro combate entre portugueses e holandeses em 1643, vencido pelos lusos. A praça também é considerada o primeiro espaço público da cidade.

O início da colonização portuguesa foi muito difícil, pois os colonos, constantemente, estavam em batalhas com os índios tupinambás, conforme relato de Y’ves D’Evreux, devido à demora dos tupinambás em aceitarem os portugueses, diferente da relação com os franceses, que acolheram de imediato. Aos poucos, os colonos portugueses, foram dominando os índios.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, a mão de obra indígena era a predominante no Maranhão. A partir de 1750, foi sendo utilizada a mão de obra dos escravos e tudo girava em torno dos seus trabalhos. Os escravos trabalhavam nas lavouras de arroz, cana de açúcar e, principalmente, de algodão, na criação de animais e



atividades domésticas. O Maranhão foi o quarto Estado que mais recebeu escravos africanos. No recenseamento de 1872, São Luís possuía 7.026 escravos (Faria, “Demografia...”, 2004. p.90).

São Luís vivenciou ciclos econômicos importantes, principalmente no fim do século XVIII, quando foi instalada a Companhia Geral do Comércio do Grão Pará e do Maranhão, estruturada pelo senhor Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, diplomata e primeiro-ministro português, em virtude dos investimentos gerados, com o crescimento acentuado da produção de algodão e açúcar e suas exportações, além de arroz e couro, o que materializou a urbanização da capital e ascensão da sociedade burguesa emergente.

Nesse período, surgiu o bairro da Praia Grande, como situava-se numa região portuária, foram construídos aterros, armazéns, porto da Sagração, residências e pavimentação de ruas, dando início ao desenvolvimento comercial da cidade. O povoamento da cidade foi intensificado com forte migração de colonos vindos dos Açores.

Outro ciclo de crescimento, que São Luís viveu, foi na indústria têxtil, entre 1890 e 1940, com a construção de fábricas na capital e interior do Estado. A capital abastecia teares da Inglaterra com algodão de boa qualidade em plena revolução industrial.

A maioria das fábricas era de fiação e tecelagem de tecido de algodão, mas haviam também fábricas de fósforo, chumbo, prego, destilação de bebidas, fiação, calçados, tecidos de lã, de malha, cerâmica e sabão, citadas pelo historiador Carlos de Lima. Destaco algumas abaixo:

- 1) Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense: Criada em 1888/1890; faliu em 1970. Era a mais antiga fábrica do Maranhão possuía 300 teares com produção de 1.800.000 metros de riscados anual;
- 2) Companhia de Fiação e Tecelagem de São Luís: Criada em 1894; faliu em 1960. Empregava 55 operários; 55 teares para uma produção anual de 350.000 metros de tecidos;
- 3) Companhia Lanifícios Maranhenses ou Fábrica Santa Amélia, integrava o grupo cotonifício Cândido Ribeiro; faliu em 1969; produzia 440.000 metros/ano empregando 50 operários;
- 4) Companhia Progresso Maranhense: Criada em 1892; tinha 150 teares para uma produção anual de 70.000 metros/ano com 160 operários;
- 5) Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão: Fábrica de tecido de Codó, criação em 1893. Produzia 750.000 metros/ano, 250 operários na fiação e tecelagem;
- 6) Companhia Fabril Maranhense: Criada em 1893; tinha uma produção anual de 3 milhões de metros; 600 operários; faliu em 1971;
- 7) Companhia de Fiação e Tecido do Rio Anil: Criada em 1893, faliu em 1966; pertenceu ao grupo Jorge & Santos com uma produção 1 milhão metros/ano; 100 operários;



- 8) Companhia de Fiação e Tecido do Cânhamo foi criada em 1891; faliu em 1969; possuía uma produção anual 1.500.000 metros/ano com 250 operários;
- 9) Companhia Industrial Maranhense: Criada em 1894, 22 teares para 50 operários; 120 t/ano;
- 10) Cotonière Brasil Ltda.: Criada na década de trinta, empresa de origem francesa subsidiária da LILI; tinha por objetivo abastecer aquela indústria de algodão de alta qualidade; desativada após 1945.

Em 1788, a população de São Luís chegou a 16.580 habitantes e a Praia Grande, primeiro bairro mercantil, das grandes casas comerciais, consolidou-se comercialmente em 1789, principalmente, pela ampliação das atividades de importação e exportação de mercadorias, principalmente para a Europa, pelo Cais da Sagração, principal referência portuária e comercial da cidade. Como berço da atividade econômica ludovicense, a Praia Grande guarda as relíquias mais antigas da cidade, como seu conjunto arquitetônico composto de sobradões azulejados, com sacadas em pedra de lioz, mirantes e telhados com eira, beira e tribeira, ruas estreitas, becos, escadarias, ladeiras e travessas dos séculos XVII, XVIII e XIX, construídos pelos primeiros gestores de São Luís.

A diversidade dos azulejos dos sobradões, com cores azul, verde e amarelo, vinham em grandes quantidades da Península Ibérica, principalmente de Portugal, para embelezarem as fachadas e protegerem do sol, do salitre e das chuvas que caíam intensamente, denota a grandeza de um passado colonial de poder, riqueza e prosperidade dos seus moradores, especialmente nos séculos XVIII e XIX, refletindo como moravam os colonizadores. Os casarões eram construídos de pedra, sal e óleo de peixe.

São Luís tornou-se a cidade mais lusitana do Brasil, apesar de não ter sido fundada por portugueses. Na metade do século XIX, por volta de 1835, ela havia se tornado uma metrópole, sendo a quarta cidade mais importante do Império Brasileiro, depois das cidades do Rio de Janeiro, sede do império, Salvador e Recife.

A cidade era uma das mais prósperas do Brasil, as famílias mais abastadas construía suas residências com tribeira, ou seja, com os três acabamentos do telhado, mandavam seus filhos para estudar na Europa, nas melhores universidades de Portugal ou da França, e ao retornarem, se destacavam no cenário nacional como jornalistas, escritores e poetas, tornando São Luís conhecida como Atenas Brasileira, por causa dos seus intelectuais.

Na Praia Grande, até meados do século XX, existiam ainda grandes firmas comerciais de propriedade de portugueses, sírios e libaneses, que abasteciam São Luís e o interior do Estado com mercadorias, mas lá também se instalaram, em séculos passados, alguns órgãos de controle e fiscalização do comércio, como a Alfândega, Receita Federal, Tribunal de Contas da União e o Tesouro Estadual.



A beleza da arquitetura no Centro Histórico com suas suntuosas igrejas, seus imponentes palácios, palacetes, museus, teatros e casarões seculares, dos variados janelões com seus mirantes, das ruas de ladeiras como a Rua do Giz e Rua da Estrela, a famosa Rua Portugal, mundialmente conhecida com seus prédios azulejados, do Beco da Pacotilha, Beco Catarina Mina e Beco da Alfândega, da Praça do Comércio, travessas, escadarias e calçadas com pedras de cantaria, que resistem ao tempo e testemunham a grande herança portuguesa, tornaram a cidade de São Luís admirada pelos seus habitantes e visitantes, por possuir o maior aglomerado urbano de azulejos da América Latina.

CAPÍTULO III

ANTIGOS ANÚNCIOS COMERCIAIS

Apresento aos leitores alguns reclames, como eram chamadas as propagandas ou anúncios, de fábricas e estabelecimentos comerciais de São Luís do passado, extraídos do Livro "Álbum do Maranhão de 1908", relíquias fotográficas registradas pelas lentes do fotógrafo Gaudêncio Cunha, documento, a ele recomendado, pelo então Governador do Maranhão, Benedito Pereira Leite, cujo exemplar original encontra-se na Biblioteca Pública Benedito Leite, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura – SECMA.

ANÚNCIOS

ARMAZEM
— DE —
Perragens e Miudezas
Commissões, Consignações
e Representações —



ANDRADE & C.^a
Caixa Postal, 47
Travessa do Commercio, n. 1
S. LUIZ
MARANHÃO

EDUARDO BURNETT & Companhia
SUCCESSIONS de OLIVEIRA NEVES & C.^a
End. Tel. BIRZHO CAIXA POSTAL, 79
Rua Candido Mendes, n. 8
S. LUIZ MARANHÃO BRASIL

SECÇÃO BANCARIA:
Agentes e correspondentes dos principais Bancos e Bancos, Reservas das Companhias de Seguros de Vida "A Sul Americano" (Equilibrado), "New York Life Insurance Co." e outras.
Agentes da "Alliance Assurance Co., Ltd.", de Londres.
Secura sobre os principais prazos do juro e do estrangeiro — Encargos de cobrança sobre o mar dentro do prazo de 40 dias e do Estado do Piauí, compra de apólices e outros títulos, realízate realízate realízate.

SECÇÃO DE FAZENDAS, MIUDEZAS, PERRAGENS, CRIVAS, etc. por atacado.
SECÇÃO DE EXPORTAÇÃO de todos os generos do juro, pagando pelas melhores preços desta e da praça de Parahyba (Piauí).
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES Recolimentos nas repartições publicas e outras operações licitadas e comissões por conta de licenças.
CRÉDITO TELEGRÁFICO USADO Rêchis — A. B. C. A., S.ª ed. e Molinada — Peterson's — Bentley's — Parthenon.

LLOYD MARANHENSE



Marcellino Gomes de Almeida & C.^a
S. LUIZ
Travessa d'Alfandega, 25
Endereços telegraphicos — MARCELLINO
S. LUIZ

Frote: — S. José, S. João, S. Pedro, São Paulo e S. Antonio
BANCOS PARA NEGOCIO:
Fribanque, Maranhão, Curator, Fribanque, Praxos, Colman, Amannese, Riquadese, Bousiere e Cia. etc.

Escala todos os portos interiores das
rãs Ilpecari, Mexim, Pindar, etc.

Os vapores saem recheados de carga e com passageiros abajados aos concertos, voltando da interior nas mesmas condições.

Cunha Santos & C.^a
— Tel. — BIRZHO — e — BIRZHO, 2 —

Escritorio de Commissões e Consignações

GRANDES ARMAZENS de PERRAGENS e DROGARIA

Compradores e exportadores de caxaca, óleo babassú, óleo de copaliba e todos os demais productos da fazenda e do mar.

Unicos vendedores neste Estado e no do Piauí, dos acreditados

Arados "COLLINS" — Moendas "PEARL" — Taxas de ferro para assucar e arame farpado "CABEÇA de INDIO" em rolos de 502 metros garantidos.

RUA PORTUGAL, 26, 28 e 35
S. LUIZ do MARANHÃO

J. M. A. SANTOS & COMP.
Caixa Postal, 33
End. Tel. CRISPIM
Rua Candido Mendes, n. 15 — Maranhão
Codigos A. B. C. B. S. BIRZHO BENTLEY'S BORGES e PARTICULARES

COMMISSÕES
CONSIGNAÇÕES
FAZENDAS
REPRESENTAÇÕES
IMPORTAÇÃO
ESTIVAS
EXPORTAÇÃO
MIUDEZAS

REPRESENTANTES E DEPOSITARIOS:
The Texas Company (South America) Ltd. — Rio de Janeiro — Petróleo e todos os productos TEXACO.
Ford Motor Company — S. Paulo — Automóvels e camiónes FORD, motores FORDSON e carros LINCOLN.
General Electric Co. — Rio de Janeiro — Rádio electrico, lampas EDISON, motores, dynamos, etc.
Comp. Brasileira Amador de Borracha — Rio de Janeiro — Artigos de borracha, fabricados dos melhores generos e com o melhor.
John Juergens & Comp. — Rio de Janeiro — Anilinas, corantes alfarda AGFA e KALLIE, material photographico AGFA, drogas e productos photographicos e químicos de superiores qualidades procedentes do Alimento.
Renda, Priol & Irade — Recife — Fabricações de bonfones, caramélos, balas, chocalhos, café e frutas crystallizadas, da combinacão marca BEBACOLOR.
Firestone Tire & Rubber Comp. — New-York — Productos de borracha PNEUS e CAMARAS.
Thomson & Comp. — New-York — Artigos musicos, familia de água, farragos, catolico, lampas, arcos e orgãos.
Schl. Bolker, Ltd. — Manchester — Ferrarias, ferragens, machoneras em geral.
Richard Walchello & Comp. — Rio de Janeiro — Duqas, ferragens e machoneras.

CASA PAULA BARROS
Rua Nina Rodrigues n. 23
— MARANHÃO —




ATELIER de PINTURA, ESPELHAÇÃO e GRAVURA
Molduras - Espelhos - Estampas - e - Vidros
ARTIGOS RELIGIOSOS
Especialidade em retratos a crayon, óleo e ampliação
Sortimento variado de ESPELHOS

Baptista Nunes & C.^o
(Succ. de Nunes de Oliveira & Irade)
Codigo BIRZHO
Edifício Sigmund - BIRZHO
TELEPHONO N. 88 ← CAIXA POSTAL N. 18

IMPORTADORES EXPORTADORES ESTIVAS MIUDEZA
Fabrica de Cigarros
PSIGANDER
Rua 28 de Julho, 13
MARANHÃO
BRASIL

C. S. d'OLIVEIRA NEVES & C.^a
Rua Portugal, n. 37
CAIXA POSTAL, 89 End. Tel. NEVES

EXPORTADORES E NEGOCIOS BANCARIOS

AGENTES DE:
The Board of Underwriters of New-York.
The World Auxiliary Insurance Corporation Ltd.
Societate Anonima LLOYD NACIONAL.
Lloyd Real Belga (Brasil), S/A.
Societate Nazionale di Navigazione (Genova).

CORRESPONDENTES DO:
Banque Belge (Rio e São Paulo).
Banco Commercial do Rio de Janeiro.
Banco Commercial do Brasil (Rio de Janeiro).
Banque F. et R. de la France pour l'Amérique du Sud (Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Recife).
Banco Portuguez do Brasil (Rio de Janeiro).
Banco Auxiliar do Commercio (Recife).
Banco do Pará.
The National City Bank of New-York (Rio de Janeiro).

COMPANHIA SVEATLANTA DO BRASIL, S. A.
SUCCURSAL DE MARANHÃO

Telegr.: SVEATLANTA RUA PORTUGAL, 43 Caixa Postal, 36

Casa Matriz em Helsingborg (Suecia)

PTIAGAS: Rio de Janeiro, Santos, Pernambuco, Maranhão, Buenos Ayres e Gopenhague

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

EXPORTAÇÃO
Babassú e todos os demais generos do Paiz

IMPORTAÇÃO
Branco BIFFALÉ, papel para jornais, lençol, etc.

Agente da Linha Baltica Sul Americana (34 vapores) um vapor cada mez escalando por este porto
Agentes da Companhia Americana de Seguros de São Paulo (Maritimos e Terrestres)

Kerosene AURORA Agentes da Anglo Mexican Oil Company **Gazolina ENERGINA**

ANÚNCIOS

CANDIDO RIBEIRO & C.^{ia}
 REPRESENTANTES DOS FERRITOS
 S. LUIZ (de Fiação) e SANTA ANELIA (de Tecidos) na cidade de
S. LUIZ do MARANHÃO
 End. Telég.: AZERRESSE — CAIXA POSTAL, 162
 Contato: BORGES, RIBEIRO, A. B. C. & C.



São fabricadas de lã e algodão de algodão
 ESPECIALIDADES:
 Os famosos brins "Joffre" e "America"
 e o riscado "Lisboeta"
 Têm-se outros tipos de tecidos grossos, segundo as
 exigências dos mercados

Côres fixas e padrões variados

Os seus tecidos foram premiados na Exposição de S. Luiz (Cidade
 Nova) e em de São Paulo (1905) e 1907-1908 com medallas
 de ouro e de primeira classe

Biscoitos AYMORE
 EXPERIMENTEM
 A melhor marca nacional

DUNLOP
 Pneumáticos e Carenos
MARCA INGLEZA

A THOMAZ & Comp.
 Exportadores
 PARIS — FRANÇA
 End. Telég. FRANKLIN

REPRESENTANTES
Machado Cavalcanti & C.^{ia}
RUA 28 DE JULHO, n. 18
 MARANHÃO — BRAZIL

FABRIL EM PERNAMBUCO
 Avenida Marquez de Olinda, n. 225 - 1.^o andar

Companhia Nacional de Tabacos
 MANUFACTURA DE FUMOS, CIGARROS e CHARUTOS
 Exportadores de fumo em folha e de tabacos

P. T. Wessel & C.^{ia}
 IMPORTADORES
 EXPORTADORES
 Londres — Inglaterra

DESINFECTOL
 Desinfetante potente
 Empregado para lavagem
 de roupa
 e desinfecção em geral

MOVEIS
 de madeira vergada
 "BERGURU"
 Type Austriaco

CAIXA POSTAL, n. 97
 FABRICA DE JARDINEIROS
 de CHUMBO
 Quanto de mais, em tempo, há
 a parte do dia

"PLATINO"

MIRANDA LIMA & COMP.
 Comissarios e Consignatarios

Arrendam de saccos e methodos, artigos nacionaes e estrangeiros
 PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua Portugal, n. 22 — Maranhão
 CAIXA POSTAL n. 39 — End. Telég. MIRALINA

M. Silva & Comp.
 EXPORTADORES

Commissões, consignações e conta propria
RUA PORTUGAL, n. 12
 MARANHÃO

CAIXA POSTAL 31 — End. Telég. SILVEIRA — Telephone, 17
 Contato: A. B. C. & C. — Ribeiro e Companhia

Regulam os estudos de loi e vãos, artigos, tecidos em geral, tecido de gaza,
 obra de canuda, seda, lã, algodão, algodão, algodão e algodão de algodão

FERREIRA & COMPANHIA
 Comissões e Consignações

RUA 28 de JULHO, n. 5

Telegraphos-FERREIRA
 MARANHÃO

BRAGA AZEVEDO & C.^{ia}
 End. Telég.: BRAZEVEGO

Telephone, n. 181

MARANHÃO — BRASIL

Arrendam de Ferragens
 Vendas e Receitas
 Comissões e
 Consignações

RUA CANDIDO MENDES, n. 13

MARTINS, IRMÃOS & C.^{ia}

Estabelecidos a Praca 1.^a de Maio com Fabricas de:

Algodões Medicinaes, Gelo, Sábão e Ovos vegetaes

CAIXA POSTAL, 43 — End. Telég.: MARTINS

São Luiz — Estado do Maranhão
 — BRAZIL —



SODOS e FERRAS:

Jodo Pereira Martins
 Manoel Pereira Martins
 Dr. Jodo de Vasconcellos Martins
 Thomaz Marques dos Santos

ELIXIR de MURURÉ CALDAS
 DEPURATIVO INFALIVEL

ELIXIR DE MURURÉ CALDAS




DROGARIA e LABORATORIO CALDAS de BERNARDO CALDAS & CRUZ — Rua Candido Mendes, 35
 — MARANHÃO —

A EXPOSIÇÃO
 Rua Oswaldo Cruz n. 5
 CASA FUNDADA EM 1890

São Luiz — MARANHÃO

Fazendas, miudezas, calçados, cha-
 peos, perfumarias, camisaria,
 artigos para homens, senhoras
 e creanças

NOVIDADES por todos os vapores
 IMPORTAÇÃO DIRECTA

Tudo que ha de mais moderno,
 melhor e mais barato

AS DUAS PRIMEIRAS CASAS DE MODAS

Filial da A EXPOSIÇÃO
 Praca Benedito Leite n. 2
 CASA FUNDADA EM 1910



ELEGANCIA, CONFORTO
 e ECONOMIA

M. BORGES & C.^{ia}
 Comissões e consignações — Estivos e Miudezas

End. telég.: MARQUES

Travessa do Comercio
 MARANHÃO — BRASIL

Agencia Commercial A. NOVAES
 Representações Nacionais e Estrangeiras

RUA DA PALMA, N. 2-B
 São Luiz — Maranhão

End. Telég.: LEDEJOFFER
 Codigos: — RIBEIRO, A. B. C. e PARTICULARES

FAZENDAS e ESTIVAS
 a GROSSO

Morceira, Sobrinho & C.^{ia}

Telegraphos: MINHO
 Caixa Postal, 84
 MARANHÃO

Vianna & Santos

RUA 28 de JULHO n. 9

CAIXA POSTAL, 2

End. Telég.: ALBERTO

ARRENDAM de FAZENDAS
 COMISSÕES e CONSIGNAÇÕES

IMPORTADORES

MARANHÃO

Estabelecimentos Químicos Industriais AMERICA
 São Paulo, 1911 — RUA VIGORDE FARIAS, 426 — São Paulo

FABRICA de Sabão **SABONETE PACAEMBU**

FABRICA EXCLUSIVAMENTE ARTIGOS DE VIDRO
 para pharmaceuticos, laboratorios de chimica, phisicos,
 bacteriologicos e industriaes

VIDROS NEUTROS especies

CAFE — ASSUCAR — ALCOOL — FUMO
 e todos os artigos nacionaes e estrangeiros

REPRESENTANTES

CAIXA POSTAL n. 67 **MACHADO CAVALCANTI & Comp.** Telég. FRANKLIN
 MARANHÃO — Rua 28 de Julho, n. 18 — BRAZIL
 Filial em Recife — AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, n. 225 - 1.^o andar

A CAMA ESPECIAL
 GRANDE FABRICA DE Estovas de arame e
 CAMAS DE FERRO — artigos congeenios —
 fabricadas de arame, gesso e madeira

AFFONSO MORMANNO & Ca.
 Santos e São Paulo

Chapeus BOSISIO
 Recommenda-se
 pela qualidade
 e perfeição

ANÚNCIOS

Machado & Trindade

Parnaíba - São Luís - Teresina - Florianópolis - União

EXPORTADORES:

Babacu, Cera de Carnaúba, Tucum, Mamona, Couros de Boi, Jaborandý, Celulo, Goma de Mandioca, Arroz e demais gêneros de produção do Piauí e Maranhão

IMPORTADORES: Ferragens, Linhas, Aparelhos e Material Elétrico, Máquinas, Motores, Etc.

REPRESENTAÇÕES: - Exclusividade no Piauí: General Motors do Brasil, S. A. Linhas Pontiac - GMC, Veículos Land-Rover-Pneus Royal, General Elctric, S. A., RCA Victor S. A., etc. - Seção de Navegação e Seguros: Agentes do The Yorkshire Insurance Co., Moore & Co. e Messageries S. A. e Agentes do Banco da Bahia, S. A. - Exclusividade no Maranhão: Couros Land-Rover e Rover, Radios Muller & E. R. Squibb do Brasil, Inc. etc.

ANICETO CRUZ & CIA.

Importação e Exportação
Fazendas, Estivas e Mudas, por Atacado

Compradores de algodão em rama,
em caroço e cereais

Grande empório de fumo em cordo,
de procedência baiana

SUCESORES DE ALMIR CRUZ & COMPANHIA
Casa Fundada em 1916

Praça Cândido Mendes N. 19
Rua Celso Neto N. 1

Caxias - Maranhão - Brasil

BANCO DO BRASIL S. A.

Capital 100.000.000,00
Reservas 2.137.647.923,00

é mais importante estabelecimento do Centro do País

Agentes e Correspondentes nos Principais
Países do País - Agência no Exterior: Assa-
ção (Paraguai e Montevideo - Uruguai)

Realiza todas as Operações
Bancárias, inclusive Câmbio

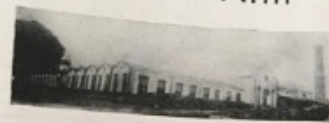
TAXAS PARA DEPOSITOS:

Depósitos à Vista 10.000/100 4,5% a. a.
Depósitos à Vista 10.000/100 3,5% a. a.
Dep. 15 dias 3% a. a.
Dep. 30 dias 2,5% a. a.
Dep. 60 dias 2,0% a. a.
Dep. 90 dias 1,5% a. a.

Expedientes em Conta Corrente, Descontos,
Cobranças e Ordem de Pagamento,
de saldos em favor do País

CAXIAS - MARANHÃO - BRASIL

Cia. de Fiação e Tecidos do Rio Anil



Fábrica Rio Anil

Os únicos fabricantes de MORINS no Maranhão

MORINS: XXXX, XXX, XX, X, Família, Vera-Cruz, Santa Eliza, Fafango, Açucena, Rebato, Z-R e R-M (Mandica)

TINTOS: Fustão, Lutrino, Azulina, Bailarina e Moça

CRUS: Vera-Cruz, Fortaleza, Anileto e Bramante

Fábrica: ANIL - Escritório: RUA PORTUGAL, 185

Endereço Telegráfico: CETRA

CAIXA POSTAL 13* - TELEFONE 1753

São Luís - Maranhão



A Criadora, no
Estado, da venda de
LIVROS a PREÇO DE CAPA

MATRIZ: Agência das principais revistas editadas
no País - Figurinos, Livros e Papelaria
PRAÇA JOÃO LISBOA N. 153

FILIAL: Seção Gráfica, possuindo duas automa-
ticas alemãs, únicas existentes no Estado
RUA TARQUINIO LOPES N. 292

Endereço Telegráfico "COLEGIAL" - Caixa Postal, 197 - São Luís - Maranhão

PÁGINA 27

Moreira Sobrinho & Cia.

IMPORTADORES

ARMAZEM DE FAZENDAS E ESTIVAS

Endereço Telegráfico - "MINHO"

CAIXA POSTAL, 84

Rua Djalma Dutra, 200

SÃO LUÍS - MARANHÃO

LOJAS RIANIL

DE ABREU & REGO

TECIDOS EM GERAL, A GROSSO E A VAREJO

REZ: RIO DE JANEIRO - Rua do Brás, 119 - Loja - Amazon Distribuidor: Rua do
Araújo, 133 - Rio - Filial no Maranhão: R. Luis - Rua Djalma Dutra, 58 e 112 - Filial de
60 - Avenida Magalhães de Almeida, 35 - (Departamento de Grãos) - Interior: São Paulo,
Cabo, Pedreiras, Itaocara, Caxias, Coroado e Vargem Grande

FILIAL NO AMAZONAS: MANAUS - Avenida 7 de Setembro, 498

PÁGINA 28

PÁGINA 28

Lojas A PERNAMBUCANA

As maiores lojas de tecidos do
Brasil, fundadas especialmente
para vender os melhores produ-
tos da indústria têxtil nacional,
os famosos tecidos marca Olho!

Com mais de 500 filiais no ter-
ritório Nacional, Lojas A Per-
nambucana são o orgulho do
comércio retalhista do Brasil!



Rua Ovarado Cruz, 123 - Telefone, 1402

LUNDGREN TECIDOS S. A.

Filial no Interior do
Estado:

- CAXIAS
- PEDREIRAS
- BACABAL
- ODO
- BARRA DO CORDA
- PINHEIRO
- SÃO BENTO



Rua Portugal, 132 - Telefone, 1122

Tecidos em profusão! Sortimento sempre novo re-
cebido diretamente de suas FABRICAS PROPRIAS.
Preços mínimos. Gêneros absolutamente firmes!

No Maranhão, como em todo o Brasil, são as mais
preferidas pelo povo, sobretudo pela absoluta sin-
ceridade dos negócios!

Lojas A PERNAMBUCANA

Rua Ovarado Cruz, 60 - Telefone, 1268

PÁGINA 29

ALBUM DO MARANHÃO

EMPRESA DE CINEMAS DUAILIBE LTDA.

Em São Luís e em Teresina, sessões contínuas
a partir das 15.15 horas

CIRCUITO 35 M/M: Cine-Teatro, Cine-Anil, Cine-Casino, Cine-São
Luís (Codô) e Cine-Rosario

CIRCUITO 16 M/M: Pedreiras, Bacabal, Pinheiro, Cururupá, Coroatá,
Itapicuru, Viana e Azari

CIRCUITO 35 M/M (Teresina - Piauí): Cine-Rex e Cine S. Raimundo

A EMPRESA DE CINEMAS DUAILIBE LTDA. mantém contrato com as se-
quintes Companhias distribuidoras dos melhores filmes: Art-Films, Warner
Bros, França Filmes, Programas Borealis, Beto Miguel, Monogram Picture, Palmes,
United Artist (U.C.B.) e Swiss Films

Escritório Central: CINE-TEATRO, 5 Rua Nina Rodrigues
São Luís - Maranhão

Malaque Sales & Abreu

O MAIOR DEPOSITO DE
MIUDEZAS DO MARANHÃO
PREÇOS IGUAIS AOS DA
PRAÇA DE RECIFE

Rua Afonso Pena, 28 e 34

Caixa Postal, 169

End. Tel. - MABREU

Fone. 1263

São Luís Maranhão

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

VENDEM AOS
MENORES PREÇOS DA PRAÇA

Ferreira & Cia.

RUA JOÃO GUALBERTO, 49

Telefone, 1309

S. Luís - Maranhão - Brasil

PÁGINA 29

ALBUM DO MARANHÃO

ANÚNCIOS

EMPRESA DE CINEMAS DUAILIBE LTDA.

Em São Luis e em Teresina, sessões contínuas a partir das 15.15 horas

CIRCUITO 35 M/M: Cine-Teatro, Cine-Anil, Cine-Casino, Cine-São Luis (Cód) e Cine-Rosario

CIRCUITO 16 M/M: Pedreira, Bacabal, Pinheiro, Cururupá, Coroa, Itapicuru, Viana e Arari

CIRCUITO 35 M/M (Teresina- Piauí): Cine-Rex e Cine S. Raimundo

A EMPRESA DE CINEMAS DUAILIBE LTDA. mantém contato com as seguintes Companhias distribuidoras dos melhores filmes: Art-Films, Warner Bros, Franco Films, Progresso Brasileiro, São Miguel, Mogram Pictures, Palmes, United Artist (U.C.I.) e Soria Films

Escritório Central: CINE-TEATRO, à Rua Nina Rodrigues
São Luis - Maranhão

Malaque Sales & Abreu

O MAIOR DEPOSITO DE MIUDEZAS DO MARANHÃO

PREÇOS IGUAIS AOS DA PLACA DE RECIFE

Rua Afonso Pena, 28 e 34

Caixa Postal. 169

End. Tel. - MABREU

Fone. 1263

São Luis Maranhão

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

VENDEM AOS MENORES PREÇOS DA PRAÇA

Ferreira & Cia.

RUA JOÃO GUALBERTO, 49

Telefone. 1309

S. Luis - Maranhão - Brasil

Banco do Estado do Maranhão S. A.

Carta Patente N.º 1923, de 6 de Maio de 1927

Matriz: Avenida Pedro II, 4 - S. Luis-Maranhão - Agência: Araozes-Maranhão

Capital: R\$ 5.000.000,00
Reservas: R\$ 2.000.000,00
Autuação do Capital autorizado para: R\$ 1.000.000,00

CORRESPONDENTES: Possui a mais extensa rede de correspondentes no Estado do Maranhão e representantes nas principais praças do país

TAXAS DE DEPÓSITOS

POPULARES (até R\$ 100.000,00)	5% a/a
LIMITADOS (até R\$ 200.000,00)	4,8% a/a
(até R\$ 300.000,00)	4% a/a
SEM LIMITE	3% a/a
AVISO PREVIJO	
(de 90 dias)	4% a/a
(de 90 dias)	4,8% a/a
(de 120 dias)	5% a/a
PRAZO FIXO	
(de seis meses)	5,5% a/a
(de dois meses)	6% a/a
PRAZO FIXO (com pagamento mensal de juros)	
(de seis meses)	5% a/a
(de dois meses)	6,5% a/a
LIMITADOS ESPECIAIS (até R\$ 100.000,00)	5% a/a

EFETUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS, EXCETO CAMBIO

TELEFONES	Presidência, 1124
	Contadoria, 1737
	Cobrança do Interior, 1811
	Empréstimos e Descontos, 1354

PAGINA 218

ALBUM DO MARANHÃO

ALBUM DO MARANHÃO



Estabelecimento comercial da firma Francisco Aguiar & Cia., à Avenida Pedro II

Francisco Aguiar & Cia.

Fones: Gerência 1236 CAIXA POSTAL N.º 28 End. Telefones: Representações 1044 Caracol - Canibal - Candelaria
RUA DJALMA DUTRA N.º 30
SÃO LUIS - MARANHÃO

SECCÃO DE REPRESENTAÇÕES:

The Texas Co. (South America) Ltda., Produtos de Petróleo - Saerlich A. S., Cigarros e Cigaretas - Chrysler Corporation, Autos Chrysler, Plymouth, Camionetas e Camionetas Fargo - Caterpillar Tractor Co. Inc., Tratores, Niveladoras e Camionetas Originals - Cillmar, Motores de Camionetas, Motores, Motores, etc. - Aktiebolaget Originals - Cillmar, Motores de Camionetas, Motores, Motores, etc. - Alberto Amaral & Cia. Ltda., Aktiebolaget Ford, Motores de camião, etc. - Motores e materiais elétricos - The Móveis de aço - Standard Elétrica S. A., Motores e materiais elétricos - The Engelsing Hules Co. Inc., S. A. Indústria N.º Francisco Matarazzo, Produtor, Rolamentos de esferas - S. A. Indústria N.º Francisco Matarazzo, Produtos diversos - Abbott Laboratorios do Brasil S. A., Produtos farmacêuticos diversos - Abbott Laboratorios do Brasil S. A., Produtos farmacêuticos - Fábrica Instituto Organoterápico de Testos, Curos e Metal S. A., Iprê - Artelopes Fernandes & Cia. Ltda., Prod. Farmacêuticos H. Sarmento Fernandes & Cia. Ltda., Prod. Farmacêuticos

HALDA - uma máquina eficiente - A máquina de escrever, suaca, de alta qualidade

PAGINA 217



Fábrica Martins

Martins Irmão & Cia.

Indústrias Reunidas

Algodão Hidrófilo - Sabão - Óleos Vegetais - Gelo

À mais antiga fábrica de Algodão Hidrófilo da América do Sul

AGENTES GERAIS DE: Atlantic Refining Company of Brazil, Urbana, Companhia Nacional de Seguros, Pneu Brasil

ALGODÃO HIDRÓFILO: "BORIFICO", "FENICADO" e "IDODIFORMADO" As marcas mais reputadas e preferidas pelas suas propriedades absorventes e seu valor antibacteriano

SABÃO MARTINS

SEMPRE IMITADO E NUNCA IGUALADO

A constante procura com que vem o povo distinguindo, ha muitos anos, este produto, vale por um atestado de sua superioridade

Fábrica de OLEO e de GELO com Frigorífico

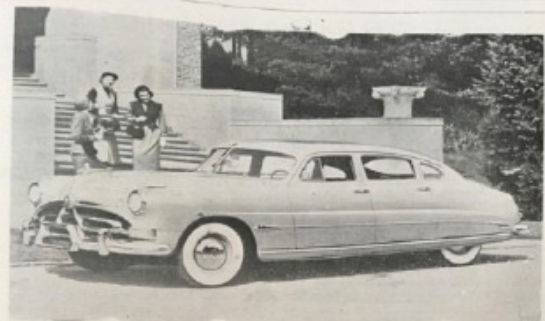
Estabelecimentos Industriais: PRAÇA PRIMEIRO DE MAIO

Estabelecimento Comercial: Edifício Martins - Rua Portugal, 199

Telegr. - MARTINS - Caixa Postal. 40

São Luis - Maranhão - Brasil

PAGINA 216



Um belo "HUDSON", modelo 1930

CASTRO, GOMES & CIA. LTDA.

IMPORTADORES

Especialistas em Ferragens, Tintas, Óleos e Materiais de Construção Distribuidores exclusivos no Maranhão dos famosos automóveis "HUDSON"

RUA CANDIDO MENDES N.º 129

SÃO LUIS - MARANHÃO - BRASIL

MOVEIS "CIMO"

Fabricados com maior perfeição, com madeira de melhor qualidade, com fino acabamento e elevado gosto artístico

Dormitórios, Salas de Jantar, Grupos Estofados, Cadeiras de Balanço, Cadeiras de Divertimento, Sôfás, Cadeiras Esculetas, Poltronas para Cinema e Auditórios e MOVEIS PADRONIZADOS PELO DASP

Unicas distribuidoras nos Estados de Maranhão e Piauí: PLOSK & CIA. - Revendedora Loja das Noivas Rua Oswaldo Cruz, 265 - Fone. 1904 - São Luis-Maranhão

PAGINA 222

FERREIRA & CIA.

Importadores - Comissões e Consignações

Ferragens - Tintas - Cateclarias - Farcendas - Estivas - Molezinas

TELEFONE, 1300 - Telegr. FERREIRA - CAIXA POSTAL, 150

Rua João Gualberto (antiga Travessa do Comércio), 49

SÃO LUIS - MARANHÃO - BRASIL

Manoel J. Moraes Rego & Cia. Ltda.

EXPORTAÇÃO - IMPORTAÇÃO - REPRESENTAÇÕES

Distribuidoras das Marcas "Lectron", "Dicoil" e "HMG" CAIXA MATRIZ: 191 - RUA LUIZ GOMES DE OLIVEIRA, 11 - SÃO LUIS - MARANHÃO

Rua Cândido Mendes N.º 336 CAIXA POSTAL 53 - S. Luis-Maranhão-Brasil

LAGES & COMPANHIA

SEMPRE IMITADO E NUNCA IGUALADO

Importadores de Têxteis, Seda, Felpados e Acessórios de Vestuário - Vestuário de Criança - Fios de Algodão - CORDOES e SERRALHAS DE FIOS em MARANHÃO, PIAUÍ, BAHIA e SANTA PEDE

RUA PORTUGAL N.º 303 - FONE. 1248 End. Tel. "INUSADE" São Luis - Maranhão

CAFÉ MINEIRO

O mais gostoso em São Luis pela sua Superior Qualidade

Use hoje, amanhã e sempre o saboroso CAFÉ MINEIRO, torrado e vendido por

J. NAUFEL & IRMÃOS

RUA OSVALDO CRUZ N.º 433

TELEFONE, 1191 - SÃO LUIS - MARANHÃO

Figueiredo & Cia. Ltda.

IMPORTAÇÃO e REPRESENTAÇÕES

Farinha, Flocos, Macarrão, Confeitos e Consignações

CODIGOS: Endereço Telefônico: RIBEIRO e MASSONE

CAIXA POSTAL N.º 21

RUA PORTUGAL N.º 243 SÃO LUIS - MARANHÃO

Banco do Brasil S. A.

1808-1950

O Mais Importante Estabelecimento de Crédito do País

Sede: RUA 1.ª DE MARÇO N.º 85

RIO DE JANEIRO, D. F.

O Banco faz todas as operações de R\$ 200.000,00 - Descontos, Empréstimos, em Letras, Cédulas, C. de Banco, Transf. de Dinheiro, etc.

2000 - MARANHÃO

Auto-Elétrica, Limitada

FUNDADA EM 1910

Commissário - CHEBROLET, FORD, DODGE e GMC

Commissário - General Motors do Brasil S. A.

Prêmio - LITON de The United Franchise Co. (Ohio - America) Ltd.

MARCA - CHEBROLET

EMPREENDIMENTO EM BARRA

Caixa Postal, 870 - Tel. AUTELÉTRICA - Fone. 1987

Rua Joaquim Távora N.º 340 São Luis - Maranhão - Brasil

PAGINA 221

ALBUM DO MARANHÃO



CAPÍTULO IV

PRÉDIOS E MONUMENTOS HISTÓRICOS

Grandes construtores e mestres de obras do passado, vindos diretamente de Portugal, das cidades de Lisboa e Porto, edificaram nossos belíssimos prédios e monumentos históricos, verdadeiros tesouros, que hoje admiramos e referenciamos, com retratos de suas obras e relatos resumidos de suas histórias.



PALÁCIOS



Palácio dos Leões (Fonte: oimparcial.com.br)

O Palácio dos Leões é a sede do Governo do Estado e fica localizado na Praça Dom Pedro II, no Centro Histórico de São Luís, na área tombada pela UNESCO como Patrimônio Mundial. É um dos mais belos monumentos do país. O Palácio dos Leões tem três mil metros quadrados de área construída, divididos em três alas: residencial, administrativa e visitação. Com uma história que começa no início do século XVII, o Palácio dos Leões é um dos maiores símbolos da cultura do estado. O monumento tem uma coleção de 1.300 obras dos séculos XV ao XX como telas, porcelanas, mobiliário e esculturas, que expressam o poder e riqueza do século XVII, quando de sua construção.



Palácio La Ravardière (Fonte: tripadvisor.com.br)

O Palácio La Ravardière é a sede do Governo Municipal e fica localizado na Praça Dom Pedro II ao lado do Palácio dos Leões. Por volta de 1689 foi construído no local a Casa da Câmara e Cadeia de São Luís, mas o atual palácio é resultado de várias reformas posteriores. As janelas do primeiro piso são de verga curva, enquanto que as do segundo andar são de verga reta, com sacadas. No interior há uma elegante escadaria de acesso ao andar superior.



Palácio Episcopal e Museu de Arte sacra (Fonte: pt.wikipedia.org)



O Palácio Episcopal fica localizado ao lado da Igreja Nossa Senhora da Vitória, Catedral da Sé, na Praça Dom Pedro II, Centro. Destaca-se no centro da fachada o portal em pedra de lioz, com o brasão da diocese. Com a criação da Arquidiocese de São Luís em 1922, o palácio passou a ser despacho dos arcebispos da cidade. Hoje, no segundo andar do Palácio Episcopal, abriga o Museu de Arte Sacra, buscando apresentar o processo histórico de colonização e ocupação do território maranhense, iniciado no século XVII, guardando um acervo de objetos de arte sacra e arte jesuíta. A catedral tem seu retábulo em talha dourada, um tesouro da arte barroca brasileira, e foi tombada pelo IPHAN em 1954.



Palácio Cristo Rei (Fonte: mapio.net)

O Palácio Cristo Rei fica localizado da Praça Gonçalves Dias no final da Rua Rio Branco. É um sobrado de três pavimentos construído em 1838. Teve como primeiros donos o comendador José Tavares Teixeira Vieira Belfort e sua esposa. Foi sede de diversas instituições de ensino ao longo dos anos. Nos anos 30, foi sede da Escola de Jesuítas, da Escola de Aprendizes marinheiros e da Escola Normal do Estado. Foi sede do Arcebispado, a partir de 1953, quando recebeu a denominação de Palácio Cristo Rei. O palácio também abrigou a Faculdade de Filosofia do Estado, formando bacharéis e licenciados em História, Geografia, Letras e Filosofia. Na década de 70, o palácio foi adquirido pela Universidade Federal do Maranhão e passou a abrigar a sede da reitoria.



Palácio das Lágrimas (Fonte: imirante.com)

O Palácio da Lágrimas fica localizado na esquina da Rua da Paz com a Rua São João, em frente à Igreja São João Batista, Centro. O Palácio das Lágrimas é de propriedade da Universidade Federal do Maranhão e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No passado, abrigou a Faculdade de Farmácia e Odontologia da UFMA. São muitas as lendas em torno do prédio que existiu no século XIX, que tinha uma maldição e recebeu o nome de Palácio das Lágrimas. Uma delas é contada pelo escritor Jomar Moraes, no seu livro "Guia de São Luís do Maranhão", narra que a principal lenda fala de dois irmãos portugueses que resolveram "fazer a América", e vieram ao Maranhão. Um deles, Jerônimo de Pádua, comerciante, enriqueceu bastante, enquanto o outro jamais conseguiu sair da pobreza. Cheio de inveja do rico, o irmão pobre concebeu o plano de assassiná-lo, com a finalidade de herdar-lhe a grande fortuna, pois o irmão rico não tinha herdeiros legítimos, vivendo amasiado com uma escrava, com quem teve vários filhos. Informado de quem fora o verdadeiro assassino do seu pai, um dos filhos, indignado, tomou o tio e, de uma das janelas, arremessou-o violentamente à rua, provocando-lhe a morte. Por ser escravo, foi condenado à morte na forca. Em direção ao seu destino, o condenado proferiu, como últimas palavras esta frase: "Palácio, que viste as lágrimas derramadas por minha mãe e meus irmãos, daqui por diante, serás conhecido como Palácio das Lágrimas".



Palácio Clóvis Beviláqua (Fonte: garrone.com.br)

O Palácio Clóvis Beviláqua, também conhecido como sede do Tribunal de Justiça do Maranhão fica localizado na Praça Dom Pedro II, Centro. O Palácio foi fundado em 1948 e leva o nome do jurista e legislador cearense, autor do projeto do Código Civil brasileiro em 1899, quando foi Ministro da Justiça. De três pavimentos, abriga atualmente as sessões plenárias do colegiado de desembargadores e das câmaras isoladas e reunidas cíveis e criminais.

PALACETES



Palacete Gentil Braga (Fonte: facetubes.com.br)

O Palacete Gentil Braga fica localizado na Rua Grande esquina com a Rua do Passeio, Centro. Foi construído em 1820, apresenta características coloniais, mas sofreu diversas influências que resultaram no seu ecletismo, sendo conhecido pelos seus azulejos portugueses e possui 22 janelas. Também é chamado de Palacete do Canto da Viração. Foi residência de Gentil Braga, figura importante da literatura maranhense, poeta e escritor da metade do século XVIII. No local, eram realizados saraus, reuniões e festas frequentadas por ilustres intelectuais que fizeram parte da história da nossa literatura maranhense, como Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Sousândrade, João Lisboa, entre outros.



MONUMENTOS



Pedra da Memória (Fonte: br.pinterest.com)

A Pedra da Memória é um obelisco construído em homenagem a maioria de Dom Pedro II. A construção foi iniciada em 1841 e concluída em 28 de julho de 1944. Inicialmente ficava localizada em uma região denominada Campo de Ourique, onde hoje fica localizado o colégio Liceu Maranhense, nas proximidades do antigo Quartel Militar do 5º batalhão de Infantaria. Com sua inauguração, outras denominações também foram dadas para o logradouro, como Largo do Quartel (área da frente), que mais tarde passou a se chamar Praça da Independência em 1868 e Praça Deodoro, e área posterior foi chamada de Largo da Pirâmide.

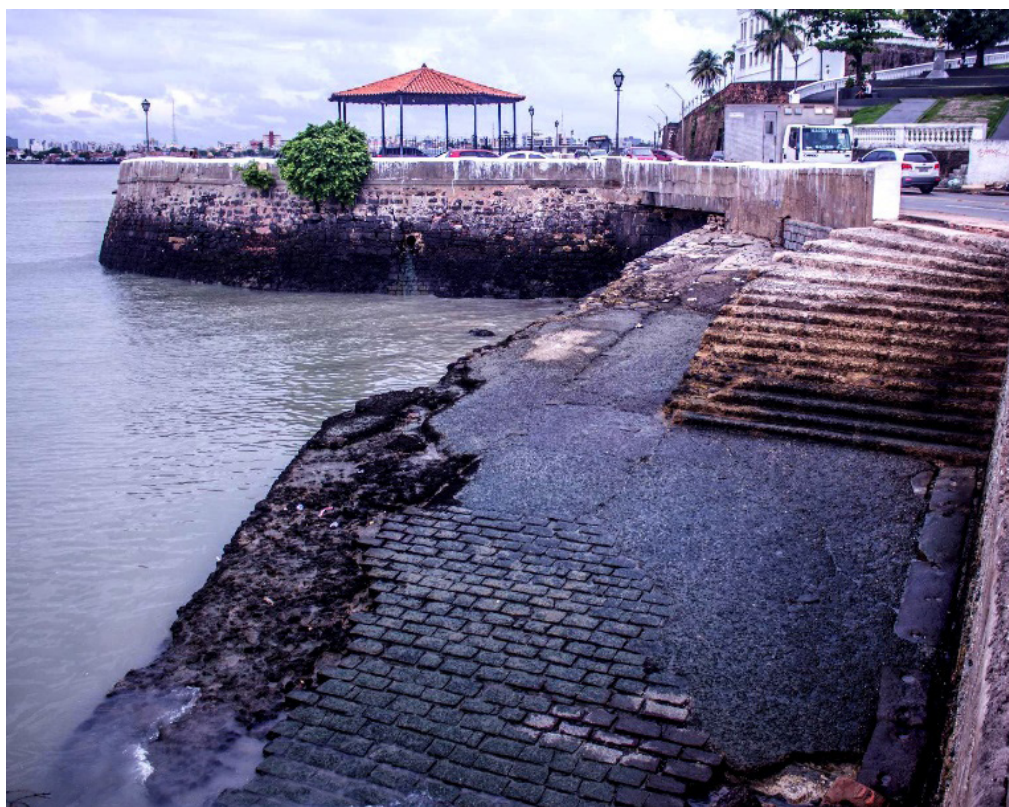
Em 1940 ela foi deslocada para o local onde hoje se encontra, ou seja, no baluarte São Cosme e São Damião, semicírculo da Avenida Beira-Mar, próximo ao Palácio dos Leões. O referido monumento possuía dois canhões, um de cada lado, até ao final da década do 1970.



Pirâmide de Beckman (Fonte: facebook.com)

A Pirâmide de Beckman está localizada na Avenida Beira-Mar, na Praça Manuel Beckman. É um monumento simples, em forma piramidal de base quadrangular com cantos boleados, talhados em mármore. A pirâmide foi construída em homenagem a Manuel Beckman, líder da revolta de Beckman em 1684. O historiador Euges Lima, acredita que o antigo Pelourinho de São Luís, datado de 1815, não foi totalmente destruído como se imaginou, pois, seu pedestal continuou e foi reaproveitado, utilizado como alicerce da construção da chamada Pirâmide de Beckman.

PORTO



Porto do Cais da Sagração (Fonte: patrimoniosmaranhao.net)

O Cais da Sagração era um antigo porto de São Luís e ficava localizado na Avenida Beira-Mar. Sua construção iniciou no ano de 1841, ano da coroação de Dom Pedro II como Imperador do Brasil, tendo o porto recebido esse nome em homenagem ao novo monarca.

Como o local onde foi construído o atual Palácio dos Leões sofria com a intensidade das ondas do mar, foram construídos dois baluartes batizados de São Cosme e São Damião, em formato de meia-lua, na tentativa de conter o avanço do mar, porém essa tentativa foi insuficiente para conter os danos pelas ondas marinhas. No entanto, para evitar a escavação e o desmoronamento dos baluartes, foi lançado o projeto para a construção de um novo porto com a finalidade de controlar esses danos nos baluartes, facilitar a comunicação entre a Praia Grande e as ruas que terminam no mar, acabar com o pântano, que existia desde o baluarte até a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e, também para dar uma visão mais harmoniosa da cidade. Nessa época, também foi construída uma grande extensão de muralhas espessas de pedras, com bancos embutidos na Avenida Beira-Mar.

O Cais da Sagração foi o principal porto de São Luís, até a construção do Porto do Itaqui iniciado na década de 1960.

BIBLIOTECA



Biblioteca Pública Benedito Leite (Fonte: bibliotemasma.org)

A Biblioteca Pública Benedito Leite é a maior do Maranhão. Está localizada na Praça do Phanteon, no Centro Histórico de São Luís. É a décima primeira maior do Brasil, com um acervo de 140 mil obras nacionais e internacionais. Sua inauguração ocorreu em 12 de setembro de 1951. Em meados do século XX, foi iniciada a construção da sede atual, projetada pelo arquiteto João Magalhães de Araújo e executada pelo engenheiro Antônio Alexandre Bayma, durante o governo de Sebastião Archer, sendo inaugurada em 12 de setembro de 1951. O prédio possui estilo neoclássico, com elementos como colunas em estilo grego, alas semicirculares, uma cúpula central e janelas encimadas por frontões. Pelo Decreto nº 1316 de 8 de abril de 1958, a Biblioteca Pública do Estado recebe o nome de Biblioteca Pública Benedito Leite, em homenagem ao ex-governador do Maranhão.



IGREJAS



Catedral da Sé e Palácio Episcopal Fonte: wikipedia.org)

A Catedral da Sé situada na Praça Dom Pedro II, Centro, presta homenagem a Nossa Senhora da Vitória, Padroeira de São Luís, e sua construção teve início pelos Jesuítas em 1622, passando por grandes reformas em 1690 e 1761. A feição decorativa atual do Palácio Episcopal deve-se a uma reforma que aconteceu no século XIX. A fachada da Catedral foi alterada em 1922 com a construção da segunda torre e foi elevada a sede da Arquidiocese. A missa da minha formatura em agronomia foi na Catedral da Sé no dia 18 de julho de 1976.



Igreja do Carmo (Fonte: guiadasartes.com.br)

O convento Nossa Senhora do Carmo situa-se no Largo do Carmo, centro e foi construído em 1627. Durante a invasão holandesa (1640 – 1644) a igreja foi depredada pelos invasores que danificaram suas torres e paredões. Com a expulsão dos holandeses ela abrigou diversos órgãos como o Corpo Policial de Segurança Pública, primeira Biblioteca Pública do Maranhão (1831) que funcionou no andar superior e a primeira sede do Liceu Maranhense (1838) dirigido por Sotero dos Reis. Em 1808 as duas torres foram erguidas e em 1866 a fachada foi restaurada com azulejos portugueses.



Igreja São João Batista (Fonte: tripadvisor.com.br)

A igreja São João Batista localizada no cruzamento da Rua São João com a Rua da Paz, centro, é a quarta igreja mais antiga da cidade. Ela abriga o túmulo de Joaquim Silvério dos Reis, traidor da Inconfidência Mineira falecido em 1819. Foi construída em 1665 e foi elevada a categoria de paróquia em 10 de maio de 1857. As igrejas de Sant'Anna e Santo Antônio fazem parte de sua jurisdição. Em 1862 foi feita uma reforma e em 1867 o Largo de São João recebeu calçamento. Em 1934 a igreja passou por uma grande reforma.

Na Escola São João, localizada ao lado da Igreja São João Batista, estudei a primeira e segunda séries do primário, nos anos de 1961 e 1962.



Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Fonte: commons.m.wikimedia.org)

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos fica localizada na Rua do Egito, no Centro Histórico, tendo sido construída por escravos no final do século XVII em estilo barroco. Em 1947, o Bispo D. Adalberto Sobral, transferiu para a igreja a irmandade de São Benedito. Desde então, a irmandade de São Benedito é responsável por zelar e manter a integridade da memória histórica da Igreja Nossa Senhora do Rosário, sendo realizada a festa de São Benedito todos os anos no mês de agosto.



Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Fonte: pt.wikipedia.org)

A Igreja Nossa Senhora dos Remédios encontra-se localizada na Praça Gonçalves Dias. Sua construção foi no ano de 1719. No final do século XVII a capela desabou e foi reconstruída no início do século XIX, graças as doações de negociantes do Maranhão que tomaram Nossa Senhora dos Remédios como protetora do comércio. Dentre as maiores igrejas católicas de São Luís, esta é a única construída em estilo gótico. A igreja atual tem três corpos de fachada, com janelas em formato ogivado. Possui uma única torre sineira, ao centro, com base quadrangular e duas aberturas em cada lado, encimadas por óculo e rosácea. No topo da torre há uma pirâmide octogonal sobre a qual se eleva uma cruz de ferro. As fachadas laterais também possuem óculos e rosáceas, e são encimadas por cruces de ferro ladeadas pelas estátuas dos Evangelistas: Lucas, João, Mateus e Marcos, esculpidas por Teixeira de Lopes e posicionadas em 1907. Os vitrais que ornam a igreja são alemães, do século XX. O interior possui três altares, sendo o principal em mármore.



Igreja Santo Antônio (Fonte: pt.wikipedia.org)

A Igreja Santo Antônio está localizada na Praça Antônio Lobo, ao lado da Escola Modelo Benedito Leite, no Centro Histórico. A Capela Bom Jesus dos Navegantes foi construída por capuchinhos franceses, no ano de 1613, considerada uma das primeiras edificações religiosas em São Luís. O convento original começou a ser construído em 1624, ao lado da Capela e abrigou o primeiro quartel do Corpo de Polícia da Província do Maranhão, atual Polícia Militar. Em 17 de janeiro de 1867, a Igreja Santo Antônio foi inaugurada com uma grande comemoração, após o recebimento da imagem de Santo Antônio, com grande procissão e uma salva dos canhões do Baluarte. Após a construção da Igreja Santo Antônio, a Capela de Bom Jesus dos Navegantes foi anexada ao prédio da igreja. Do púlpito da Capela Bom Jesus dos Navegantes, localizada a direita da Igreja Santo Antônio, o Padre Antônio Vieira teria proferido o famoso "Sermão de Santo Antônio aos Peixes", em 1654, fazendo uma crítica velada à sociedade da época.



Igreja São José do Desterro (Fonte: wikimapia.org)

A Igreja São José do Desterro é conhecida por ser a mais velha igreja de São Luís e a única no Brasil, a ainda ter traços da arquitetura bizantina, sendo sua primeira construção datada de 1618, quando foi erguida uma ermida. A igreja apresenta uma única torre sineira, à esquerda com base quadrangular, encimada com remates piramidal ligados por grades de ferro com data de 1868, na frente. A presença dos bulbos no frontão faz com que a igreja seja erroneamente classificada como bizantina. Apresenta cinco janelas na fachada, sendo as três centrais posteriores ao restante da fachada, assim como a torre. A porta central é ladeada por nichos e duas outras portas encimadas por óculos. No interior da nave central, o piso é de lajotas de barro cozido, e o teto, em abóbada de berço. O altar-mor tem piso de cantaria e retábulo do século XIX, em estilo neoclássico. As naves laterais são assoalhadas e têm teto de madeira.

TEATRO



Teatro Artur Azevedo (Fonte: g1.globo.com)

Inserido na Rua do Sol, no Centro Histórico encontra-se o Teatro Artur Azevedo, o segundo teatro mais antigo do Brasil, berço da cultura maranhense e tesouro arquitetônico da cidade. O teatro foi inaugurado em 1º de julho de 1817 chamando-se inicialmente de Teatro União e recebia companhias teatrais de Paris. O teatro possuía 740 lugares para uma população de aproximadamente 35 mil habitantes. Em 1852 passou a chamar-se Teatro São Luíz e em 1920 ganhou o nome de Teatro Artur Azevedo em homenagem ao grande dramaturgo maranhense.

Recordo-me que na minha infância assisti com meus colegas de classe, algumas comédias infantis no Teatro Artur Azevedo, conduzidos, cuidadosamente, pela nossa professora da Escola São João, que ficava ao lado da Igreja São João Batista, no Centro.



MUSEUS



Museu Histórico e Artístico do Maranhão (Fonte: pt.wikipedia.org)

O Museu Histórico e Artístico do Maranhão é um museu público localizado na Rua do Sol, Centro Histórico de São Luís, no Solar Gomes de Souza. O prédio foi construído em 1836, tendo pertencido inicialmente ao major Ignácio Gomes de Souza, um fazendeiro da região do vale do Itapecuru, e pai do intelectual maranhense e pioneiro na pesquisa matemática no Brasil, Joaquim Gomes de Souza. Também foi moradia de Alexandre Colares Moreira, senador e vice-governador do Maranhão entre 1902-1904 e de José Francisco Jorge, grande industrial têxtil do Maranhão, que o vendeu ao governo do estado em 1968.



Prédio da Casa do Maranhão (Fonte: pt.wikipedia.org)

O prédio da Casa do Maranhão está localizado no Centro Histórico de São Luís. É um museu folclórico, abriga exposições sobre lendas, azulejos, embarcações, danças, gastronomia e festas religiosas. O museu apresenta também, fatos históricos, como a tentativa de instalação da França Equinocial em São Luís. O edifício foi construído entre 1871 e 1873 por Francisco Gonçalves dos Reis, que ganhou o direito de explorar a propriedade por quinze anos. O prédio serviu para abrigar o Tesouro Público Provincial. No ano de 1890, após ter sido proclamada a república, o imóvel foi adquirido pelo Estado e funcionou a Alfândega e a Secretaria Estadual da Fazenda. Em 1958 o imóvel ganhou um anexo conhecido como Armazém do Estado, que foi demolido, parcialmente, para a construção da Avenida Vitorino Freire. Atualmente as paredes restantes fazem parte da Praça da Fé. Na fachada vemos brasões das Armas Nacionais.



Museu de Artes Visuais (Fonte: cultura.ma.gov.br)

O Museu de Artes Visuais é um museu localizado na Rua Portugal, na Praia Grande, criado com o intuito de adquirir, preservar e conservar obras de artistas plásticos do Maranhão e de outros artistas de renome nacional. O museu foi construído no século XIX e possui três pavimentos e um mirante. Sua fachada é revestida de azulejos portugueses e possui grades de ferro nas sacadas. Originalmente, o andar térreo era para fins comerciais, o primeiro andar para residências e o segundo piso servia de hospedaria aos caixeiros viajantes. O museu foi criado também para atender uma necessidade de descongestionar o Museu Histórico e Artístico do Maranhão, bem como fornecer à classe artística um espaço para exposição e guarda do acervo de Artes Plásticas.



Convento das Mercês (Fonte: pt.wikipedia.org)

O Convento das Mercês começou a ser construído em 1654 de taipa coberta de palha. No ano seguinte reedificaram as instalações em pedra e cal, construindo a capela-mor de Nossa Senhora da Assunção. Em meados do século XVII o imóvel foi abandonado. Somente no século XIX o logradouro passou por reformas para ser a sede do Seminário Menor. No dia 05 de maio de 1905 o governo do Maranhão adquiriu o imóvel e tratou de fazer novas intervenções na arquitetura original, invertendo a fachada do convento e da igreja anexa, que ficavam em frente para o Rio Bacanga, para a Rua Jacinto Maia. A partir dessas modificações, que ficaram a cargo do Tenente Coronel Zenóbio da Costa, o prédio passou a abrigar o quartel da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Estado, permanecendo até o final da década de 1980, quando os batalhões foram transferidos para as sedes atuais. O Convento da Mercês é detentor de um rico acervo museológico e bibliográfico e foi considerado um dos Sete Tesouros de São Luís.



Cafuá das Mercês ou Museu do negro (Fonte: turismo.ma.gov.br)

O prédio do Cafuá das Mercês ou Museu do Negro está localizado no bairro da Praia Grande, ao lado do Convento das Mercês, no Centro Histórico. É um museu dedicado a preservar e difundir a memória da cultura negra no estado. Cafuá é uma palavra originada do dialeto "banto", e significa cova, caverna, lugar escuro e isolado.

Construído no século XVIII para receber os negros originários de vários portos africanos, o local funcionou muitos anos como depósito de escravos que eram comercializados em São Luís e em outras cidades do Maranhão. Na década de 1970 esse pequeno prédio, somente com dois pavimentos, foi transformado em museu. O prédio é tombado pelo IPHAN e é um dos poucos prédios das Américas, onde funcionaram mercados de negros, durante o período da escravidão, que permanecem com sua estrutura intacta.

No museu encontram-se instrumentos do período da escravidão, objetos da cultura afro-maranhense, como o tambor-de-mina e uma valiosa coleção de arte africana, proveniente de diversas regiões e etnia da África.



Museu Solar dos Vasconcelos (Fonte: wikimapia.org)

O Solar dos Vasconcelos foi construído no século XIX e é um dos mais significativos exemplares da arquitetura de São Luís. Apresenta uma belíssima fachada de dois pavimentos simétricos e duas portas emolduradas em cantaria lavrada. Reformado e adaptado, recebeu o acervo do Memorial do Centro Histórico, exibindo maquetes e painéis fotográficos que registram toda a história de preservação e revitalização do Centro Histórico de São Luís. Abriga também uma importante coleção de maquetes de barcos típicos do Maranhão.

FONTES



Fonte do Ribeirão (Fonte: br.pinterest.com)

A Fonte do Ribeirão está situada num pequeno largo entre as ruas do Ribeirão, das Barrocas e dos Afogados, no Centro Histórico e é considerada um dos pontos turísticos mais importantes da cidade. Sua construção foi em 1796, durante o mandato do governador do Maranhão, Fernando Antônio Soares de Noronha. Possui piso em cantaria e um grande frontispício, no topo do qual fica uma estátua do deus romano Netuno. Na parte central da fachada, encontram-se três janelas que dão acesso a galerias subterrâneas. Na parte inferior, existem cinco carrancas esculpidas em cantaria com biqueiras em bronze pelas quais a água escorre. Em 1950, a área da fonte foi tombada pelo Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, do Governo Federal, devido às características coloniais das fachadas das construções, que caracterizam uma área do século XVIII. A fonte do Ribeirão possui algumas lendas populares. A mais conhecida trata de uma enorme serpente adormecida que cresce aos poucos no subsolo, cuja cabeça se encontra da fonte do Ribeirão e a cauda, abaixo da igreja São Pantaleão; segunda lenda, no dia em que a cabeça da criatura encontrar a cauda, o animal acordará e destruirá a ilha de São Luís. Também há histórias que afirmam que os túneis da fonte teriam sido construídos para que os padres se locomovessem em segredo entre as igrejas da cidade, ou que tinham função estratégica de permitir a fuga no caso de uma invasão estrangeira ou revolta popular.



Fonte das Pedras (Fonte: oimparcial.com.br)

A Fonte do Bispo é uma fonte histórica d'água localizada no Centro Histórico. A origem do seu nome se deve em divergência em 1699, entre o bispo Dom Timóteo do Sacramento e o governador do Pará, que administrava o Maranhão. Foi decretada a prisão domiciliar do bispo. Sem poder receber visitas e sem meios de sobrevivência alimentar, rompeu o isolamento e com uma vasilha, foi apanhar água na fonte mais próxima de sua residência. Desde então, a nascente ficou conhecida como Fonte do Bispo.



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA



Prédio da RFFSA onde funcionou a Estação Ferroviária (Fonte: [pt.wikipedia.org/Lyssuel Calvet](https://pt.wikipedia.org/Lyssuel_Calvet))

A economia do Maranhão, no século XIX, era baseada na exportação do algodão, realizada por meio do transporte fluvial por companhias de navegação a vapor, no rio Itapecuru, que banhava as regiões produtoras, como o município de Caxias, até o porto de São Luís. A capital do estado também desenvolvia um parque industrial têxtil, mas era necessária uma forma de transporte mais eficiente. Dessa forma, foi pensada uma linha férrea que unisse o principal centro produtor de algodão e o principal comprador, interligando os maiores núcleos urbanos maranhenses. Também deveria servir para outros produtos, em especial o babaçu, cujo óleo começava a ser adquirido pela Europa. Apesar das necessidades evidentes de construção de uma via férrea já em meados do século XIX, ela não foi concretizada antes do início do século XX, o que contribuiu para a deficiência da atividade econômica. Em 1905, foi sancionada a lei federal nº 1.329, determinando a construção de uma ferrovia entre São Luís e Caxias, e o então presidente da república, Afonso Pena, visitou o estado e fez uma viagem pelo rio Itapecuru, na companhia do então governador Benedito Leite, constatando a dificuldade de navegação e autorizando a construção da estrada de ferro. A ponte metálica sobre o Estreito dos Mosquitos, denominada Benedito Leite, ligando a ilha de São Luís ao continente, no entanto, só foi concluída em 1928. A Estação João Pessoa, no Centro de São Luís, na Avenida Beira-mar, foi inaugurada em 1929. A ferrovia foi incorporada à RFFSA em 1957.

Recordo-me do dia em que meu pai, me levou a esse majestoso prédio de três andares e andei de elevador pela primeira vez, em 1961. Esse foi o primeiro prédio de São Luís a possuir elevador.

MERCADOS PÚBLICOS



Mercado das Tulhas (Fonte: redescobrimto.com.br)

O Mercado das Tulhas fica localizado na Rua da Estrela, na Praia Grande, é também conhecido como Casa das Tulhas, Feira da Praia Grande ou Mercado da Praia Grande. É um mercado especializado em produtos maranhenses. É o mais antigo mercado de São Luís. As obras de sua construção tiveram início em 1804, porém todo o espaço que conhecemos hoje, foi concluído em 1865. O seu nome "tulha", se refere a, inicialmente, ser um local para venda de grãos, um celeiro público, onde o lavrador guardava e vendia os gêneros que seriam comercializados. Ocupando uma edificação retangular, possui quatro entradas. A principal delas fica localizada na Rua da Estrela. Também há entradas na Rua Portugal e outras duas com laterais para o Centro de Criatividade Odylo Costa Filho e a Câmara Municipal de São Luís. Na área externa, existem lojas comerciais que vendem artesanato e vestuário. Na parte interna, estão localizados boxes, bancadas e barracas vendendo produtos ligados à gastronomia, incluindo comidas típicas, temperos, bebidas artesanais, tiquira, cachaças, licores, castanhas e doces.



Mercado Central de São Luís (Fonte: www.jornalpequeno.com.br)

O Mercado Central de São Luís está localizado no centro da cidade e ocupa uma quadra entre a Rua de São João e o fim da Avenida Magalhães de Almeida. O Mercado Central foi fundado em 1864. Entretanto, o prédio original foi demolido e reconstruído pelo interventor Paulo Ramos, em 1939, através de um programa sanitarista, sendo entregue à população em 12 de maio de 1941. Foi chamado durante muito tempo de Mercado Novo, em razão dessa reconstrução. O lugar também já foi chamado de Largo do Açougue Velho, pela existência de um curtume que tinha vínculo com o curral municipal, na década de 40. No local, já funcionou o antigo gasômetro, que abastecia os postes de iluminação pública de todo centro da cidade. Existem cerca de 450 estabelecimentos no Mercado Central. O mercado é bastante procurado pela grande variedade de produtos comercializados.

CAPÍTULO V

BAIRRO DO MONTE CASTELO

Até o ano de 1949, o bairro do Monte Castelo era conhecido como Areal, devido à grande quantidade de areia existente. A mudança do nome para Monte Castelo, deu-se em homenagem aos soldados brasileiros que lutaram na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, na batalha do Monte Castelo travada e vencida pelos aliados no dia 21 de fevereiro de 1945, contra os nazistas e a tomada de Monte Castelo por tropas brasileiras.

A avenida Getúlio Vargas, que corta o bairro, foi construída pelo interventor do Maranhão, Dr. Paulo Ramos, em 1939, ela é o prolongamento da Rua Grande e tinha como proposta a expansão moderna da cidade, na "Era Vargas", ou seja, do Presidente da República Getúlio Vargas, que governou o Brasil no período de 1937 a 1945.



A avenida foi construída com duas largas pistas de rolamento medindo sete metros cada, para linhas do bonde e veículos, canteiros centrais gramados com jardins e árvores, com quatro metros de largura, e calçadas laterais com três metros cada. A construção desta via foi uma grande influência que serviu de inspiração para a abertura de novas e importantes vias na cidade.

Em relatório apresentado ao Presidente da República em 1942, Paulo Ramos assim escreve sobre a construção da Avenida Getúlio Vargas em 1939: "Pavimentada com paralelepípedos rejuntados e cimento, dispõe de duas superfícies de rolamento de 7 metros cada uma, separada por uma série de abrigos centrais de 4 metros de largura, gramados ajardinados, medindo os passeios 3 metros de cada lado (RAMOS, 1942).

Ao longo da avenida foram construídos bangalôs burgueses, residências de alto padrão, de alguns altos funcionários federais, comerciantes e industriais ludovicenses, além de instituições públicas federais e estaduais.

Um dos primeiros conjuntos habitacionais de São Luís foi construído no Monte Castelo, mais conhecido como "Popularzinho", localizado na Avenida Getúlio Vargas e duas ruas do bairro.

Cheguei no bairro em 1962, com nove anos de idade e vivi parte da minha infância e toda a adolescência no Monte Castelo e lá, já existiam importantes instituições de ensino como a Escola Técnica de São Luís, depois chamou-se Escola Técnica Federal do Maranhão, depois mudou o nome para Centro de Ensino Federal de Tecnologia – CEFET, hoje IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Colégio Gentil Braga, Colégio Barbosa de Godóis, Colégio Santa Teresinha, mais conhecido como "Valois" ou "Valoar", sobrenome da família proprietária do colégio, Departamento de Estradas e Rodagens – DER, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, instituições de saúde como o Hospital Nina Rodrigues, Centro Médico Maranhense, Hospital Aldenora Belo, Departamento Municipal de Transportes Urbanos de São Luís – DMTUSL, a garagem dos bondes e a Cruz Vermelha Brasileira, que ficava em frente ao moderno prédio, na época, pertencente a Firma James Frederick Clarck S/A, filial de São Luís, conhecido como "Casa Inglesa", que era uma loja revendedora de automóveis, caminhões e tratores, entre outros veículos e equipamentos. Em meados dos anos de 1970, esse prédio sediou a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Maranhão – EMATER – MA.

Em frente à praça da Igreja Nossa Senhora da Conceição, existia um posto de combustíveis, esquina com a avenida Getúlio Vargas, bem como, existia outro posto de combustíveis, atrás da igreja, também de esquina com a avenida.

Primeiramente, eu e minha família, moramos na casa da irmã de minha mãe, na Rua 1º de Outubro, depois, em 1963, mudamos para uma casa alugada na Rua Olavo Bilac, mais conhecida como Rua da Carioca, pois no final dessa rua existia a fábrica da Companhia Carioca de Óleo Babaçu – CCO, onde hoje encontra-se ins-



talado o Hospital SARAH. Em frente a fábrica passava a estrada de ferro São Luís – Teresina, e nos fundos o Rio Anil. A fábrica possuía seu próprio porto no Rio Anil. Nossa casa era simples e modesta, porém cheia de amor e proteção, transmitidos por nossos pais.

Em 1963, minha mãe contratou uma lavadeira para lavar nossa roupa, no Rio Anil, próximo a fábrica de óleo babaçu Carioca, após a travessia da estrada de ferro, para lavar, sobre tábuas, e se juntar, com outras lavadeiras, dos arredores. A caminhada da nossa casa até o rio era de, aproximadamente, 200 metros. Um belo dia fui, com minha mãe, observar a lavagem da roupa e verifiquei a boa qualidade da água corrente do rio, pois nessa época, ainda não existia a Avenida dos Franceses e nenhum bairro do outro lado da margem, bem como existiam, poucos e distantes bairros, a montante do rio. Nessa época, as matas ciliares do rio eram preservadas.

Em 1964, não recordo o dia, fomos convidados por uma amiga de minha mãe, para visitar o São Francisco, hoje bairro, naquele tempo era uma Vila de pescadores, e conhecer sua casa, que acabara de ser construída. Eu, minha mãe e minha irmã Rossana, nos aventuramos para conhecer o lugar, meu pai não quis participar da aventura. Pagamos um canoeiro e atravessamos em sua canoa, dirigida por ele, saindo do pequeno porto, em frente o Casino Maranhense, pela manhã e regressamos a tarde. Nesse tempo, as casas no São Francisco, eram construídas de barro e cobertas de palha ou telha, as ruas eram de terra, com muitas ladeiras e sem nenhuma infraestrutura de saneamento básico.

Meus avós maternos Ambrósio Guimarães e Noeme Ramos Guimarães, eram meus padrinhos de batismo e residiam na Avenida Getúlio Vargas, 53, no Monte Castelo, em frente ao Teatro Viriato Correa, da Escola Técnica.

Vovô Ambrósio era engenheiro agrônomo, formado pela Escola de Agronomia do Maranhão, em 1936, que funcionava na Rua 14 de Julho, centro de São Luís, onde anos depois funcionou o 1º Distrito de Polícia Civil. Segundo o doutor Antônio Benedito da Silva, no livro "Histórias de Vida: Memórias, Lembranças, Conversando com os Amigos", de Mário Ramos Guimarães, disse que "essa escola iniciou toda equipada, mas por questões políticas foi transferida para Belém do Pará". Foram colegas de turma do meu avô, Urbano Franco, Rosa Mochel, a primeira engenheira agrônoma do Maranhão, Ezelberto Martins, esposo de Rosa Mochel e primeiro presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Maranhão – CREA - MA, em 1973, e Oscar Belo, que juntamente com meu avô, foram professores da Escola Técnica de São Luís. Eu herdei, o grosso e pesado anel de ouro de formato, do meu avô Ambrósio Guimarães.

Mãe Noeme, assim chamada pelos netos, era professora do antigo curso primário, hoje Ensino Fundamental I, no Colégio Gentil Braga. Meu avô, possuía um comércio, ao lado de sua residência, denominado Bazar Monte Cristo, um dos primeiros a se instalar no bairro, cuja administração ficou a cargo do seu filho Mário



Guimarães. O Bazar Monte Cristo vendia miudezas em geral, armarinho, papelaria, material elétrico, hidráulico, alfaiataria, marcenaria, etc.

Meus avós maternos tiveram oito filhos, sendo sete mulheres e apenas um homem. Era costume no período natalino e nas datas festivas a família Guimarães se reunir para almoço na casa de meus avós, o que gerava uma grande alegria e algazarra dos primos, era uma festa, enquanto meu avô, seus genros e filho se deliciavam com o famoso vinho tinto de garrafão "Sangue de Boi".



No bairro do Monte Castelo estudei parte do meu primário no Colégio Gentil Braga, na Avenida Newton Belo, que possuía em frente uma gigantesca e centenária árvore denominada Sumaúma, popularmente conhecida como Barrigudeira. Fiz minha primeira comunhão na Igreja Nossa Senhora da Conceição, com o cônego Ribamar Carvalho. Também no bairro, tive aulas particulares com professores, em suas residências, lembro da professora Néia Belo, que residia na Rua 1º de Outubro e no bairro Fé em Deus, com outro professor, que não recordo o nome, me preparando para o exame de Admissão, e ingressar no antigo ginásio, hoje Ensino Fundamental II.

Na adolescência, de minha geração, as brincadeiras preferidas, eram empinar papagaio (pipa), curica (papagaio pequeno) ou jamanta (papagaio bem grande), com rabo de algodão, ou seja, pequenos chumaços de algodão amarrados na linha do rabo e fazer lanceadas para cortar a linha, com cerol, do papagaio adversário, jogar xuxo de ferro com as pontas afiadas, jogar bolinha de gude ou de ferro, com ou sem borroca (pequenos buracos na terra feitos com o calcanhar), jogar botão de mesa, onde por muitas vezes comprei botões na Casa Waquim, localizada no início da Rua Afonso Pena, próximo a antiga sede do Jornal "O Imparcial", outras vezes comprava ou trocava botões com os colegas vizinhos,



adversários nessa modalidade de esporte.

Algumas histórias e lendas do folclore brasileiro, que nos eram contadas no tempo de criança da minha geração, que nos metiam medo e fazia-nos correr pra casa ou pra cama, como a “carruagem de Ana Jansen”, “curupira” ou da “mula-sem-cabeça”. Ana Joaquina Jansen Pereira, conhecida como Ana Jansen ou Dona-na foi uma rica empresária e política maranhense que viveu no século XIX. Diz a lenda que, por sua crueldade com seus escravos, seu espírito vaga pelas ruas de São Luís conduzindo sua carruagem assombrada. Curupira se referia a um ser místico que protegia a floresta contra os caçadores. Mula-sem-cabeça era uma mulher amaldiçoada que se transformava numa mula-sem-cabeça, por manter relações íntimas com padres.

Existiam também algumas crendices ou superstições, contadas pelos mais velhos, que levávamos muito a sério, como era o caso de, deixar o “chinelo virado”, podia causar a morte da mãe, outra seria se deixar o “livro aberto” o diabo lia e a pessoa ficaria burra, entre outras.

Jogávamos bola nas ruas dos bairros, pois nesse tempo o trânsito era tranquilo e calmo, com a circulação de poucos veículos. Banhar na chuva e ficar debaixo de uma bica d’água, só com o consentimento dos pais, sendo que, as vezes não permitiam, quando era chuva com trovões, raios e relâmpagos.

Quando os caminhões carregados com amêndoas de babaçu trafegavam lentamente na pequena subida da Rua da Carioca para abastecerem, com essa matéria prima, a fábrica de óleo comestível, algumas amêndoas caíam no asfalto, o que gerava nossa correria, para juntarmos e comermos o delicioso coco.

Havia uma sincera e respeitosa amizade entre os vizinhos. Lembro-me que meu pai costumava conversar com o senhor Dudu Coqueiro e o senhor Saraiva, nossos vizinhos, as vezes, nos finais do dia ou da semana, sobre os mais variados assuntos ou quando escutava o seu inseparável radinho de pilha. A relação de convivência era tão próxima, que minha mãe e nossa vizinha, dona Zeca, tornaram-se comadres. E assim era com todos os vizinhos da rua, essa boa relação de amizade.

O querido bairro do Monte Castelo de muitas lembranças, da Panificadora Nossa Senhora de Fátima, de propriedade do senhor Ribamar, que ficava em frente ao colégio Gentil Braga, da loja Franma, localizados na avenida Newton Bello. Lembro-me da farmácia Sipaúba, da mercearia de dona Ester, do bar “Deus é Grande” e bar “Flamengo”, de propriedade do senhor José Alves da Silva, conhecido como “Zé Melé”, que meu avô costumava frequentar com alguns amigos e genros, e da Quitanda do senhor Benedito Cardoso, localizados na Rua Odilon Soares. Tinha ainda o Colégio Neiva Moreira, de propriedade de dona Helena, localizado na Rua 19 de março, onde assisti alguns comícios, na década de 1960, do deputado Neiva Moreira, amigo do meu avô Ambrósio. Para resgatar a memória do bairro daquela época, estive fazendo visita ao Sr. “Zé Melé”, memória viva do bairro, em sua residência.



Frequentei muitas vezes o Cine Monte Castelo para assistir grandes filmes como, "O Homem da Máscara de Ferro", "El Cid", "Cleópatra", "Marcelino Pão e Vinho" e muitos filmes de bang-bang, entre outros, em suas cadeiras de madeira, nas tardes de sábado e domingo.

A parada dos ônibus do bairro ficava em frente ao Cine Monte Castelo e, diariamente, eu pegava o ônibus para o colégio, cursando o ginásio e científico. Existia uma parada de bonde em frente à Escola Técnica, defronte à casa do meu avô.

Apesar de vivermos tempos de paz naquelas décadas, alguns crimes esporádicos, furtos e pequenos delitos ocorriam, no entanto, três crimes violentos aconteceram na década de 1960, que abalaram a sociedade ludovicense, como foi o caso do assassinato, a tiros de revólver, de um tenente do exército e juiz de futebol, por um cabo da Marinha do Brasil, na Zona do Baixo Meretrício, outro assassinato, de forma cruel, ocorrido, foi de um português, por seu compatriota, que eram sócios de uma firma comercial situada na Rua do Sol e o terceiro, foi o assassinato, a tiros de revólver, de um jornalista, na Rua de Nazaré, no Centro Histórico de São Luís.

Em decorrência da Ditadura Militar ou Regime Militar, iniciada no dia 31 de março de 1964 e que durou até 1985, a tranquilidade que existia na cidade, foi quebrada, com alguns entraves violentos e sangrentos entre jovens, chamados de subversivos ou revolucionários, que defendiam a liberdade, e os soldados do exército, que defendiam o país do comunismo.

Tantas vezes assisti os desfiles impecáveis dos pelotões de alunos da Escola Técnica, com sua talentosa banda, comandada pelo músico e maestro João Carlos, pai da consagrada cantora Alcione.



Desfile dos alunos da Escola Técnica Federal do Maranhão nos anos de 1960. (Fonte: portal.ifma.edu.br)

Vovô Ambrósio faleceu no dia 23 de setembro de 1966, dia do aniversário de fundação da Escola Técnica, não havendo desfile naquele dia, em respeito à sua

história como professor daquela instituição de ensino.

Com a perda do meu avô, mãe Noeme nos convidou para morarmos com ela, até meus pais adquirirem sua casa própria no conjunto da Elca, na Rua Raimundo Correa, no Monte Castelo, em 1972.

O primeiro conjunto habitacional de São Luís, que se tem conhecimento, foi o Filipinho ou Cidade Residencial do Filipinho, como era conhecido, na época da sua inauguração em 1950, financiado, segundo Burnett (2012, p.97), pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes – IAPC.



Casa original do bairro do Filipinho. (Fonte: es-la.facebook.com)

Só deixei o bairro Monte Castelo com a idade de vinte e três anos, após minha formatura em Agronomia, quando fui exercer a profissão de Engenheiro Agrônomo, em alguns municípios do Estado.



CAPÍTULO VI

UTILIDADES E UTILITÁRIOS DA ÉPOCA

Exponho abaixo, com saudosa lembrança, fotos ou retratos, como se chamava antigamente, de alguns móveis, eletrodomésticos, veículos e objetos, que fizeram parte do cotidiano da sociedade ludovicense, daquelas inesquecíveis décadas.

NA BARBEARIA



Máquina manual de cortar cabelo



Aparelho de barbear



Cadeira de barbeiro



Navalha de barbeiro

NA RESIDÊNCIA



Bateria de guardar panelas



Lamparinas para iluminar o ambiente



Ferro de engomar a brasa



Ferro de engomar elétrico



Fogão a gás



Geladeira

NA RESIDÊNCIA



Rádio de mesa



Gravador portátil



Máquina de costurar



Rádio e vitrola com pés



Telefone de discagem



Televisão com pés



Enceradeira

NA ESCOLA



Sala de aula



Lápis escolar com
borracha e tabuada



Apagador de quadro
negro



Bolsa escolar



Estojo escolar



Cartilha da tabuada



Cartilha do ABC



Programa do Exame
de Admissão



Caderno escolar

NA ESCOLA



Canetas de tinteiro



Máquina de datilografia



Máquina de escrever portátil



Máquina de calcular manual



Carretel de máquina de escrever



Tinteiro para recarga da caneta

NA DIVERSÃO



Brincadeira de pião



Brincadeira comum na época



Velocípede



Baladeira era uma brincadeira perigosa



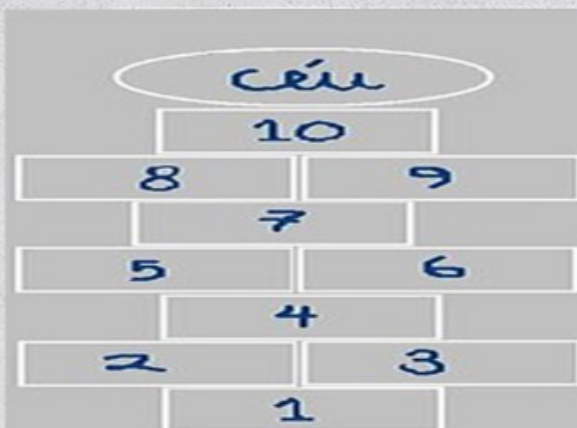
Tipos de bolinhas de gude



Bicicleta Monareta



Carrinho de rolimão



Brincadeira de amarelinha

NO COMÉRCIO



Bomboniere



Balança



Papel para embrulho
de mercadoria



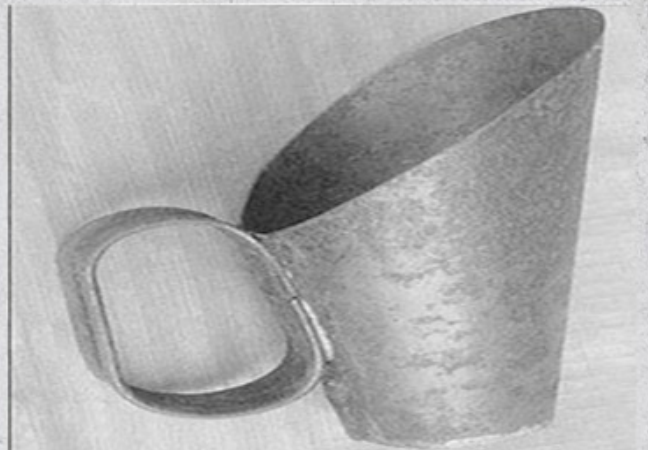
Embrulhos amarrados com
barbante



Balança com pesos



Caixa registradora no comércio



Caneca com alça para retirar
mantimentos para pesar

VEÍCULOS DA ÉPOCA

Anos 1950



Vespa ou lambreta



Ford Prefect



Rural Willys



Skoda



Simca Chambord



DKW MUNGA - Candango

VEÍCULOS DA ÉPOCA

Anos 1960



Jeep Willys



DKW Vemag



Renault Gordini



Aero Willys

VEÍCULOS DA ÉPOCA

Anos 1970



Corcel



Ctehevet



Fiat 147 L



Opala Comodoro



Fusca



VW Brasília 1600

VEÍCULOS DA ÉPOCA

Anos 1970



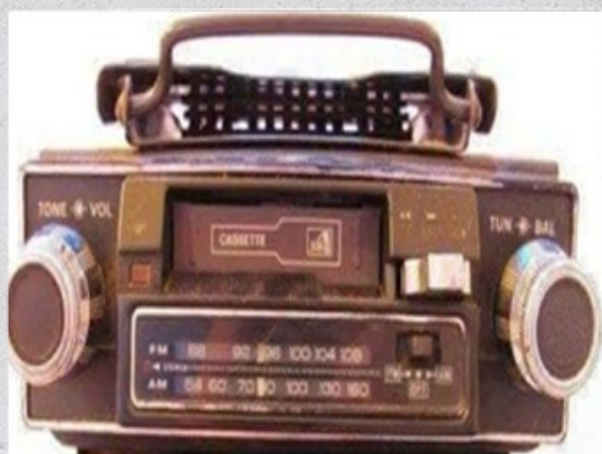
Kombi



Fusca taxi



Taxímetro



Toca-fita de carro



Fita K – 7, usada no toca-fitas

CAPÍTULO VII

PRÁTICAS E COSTUMES

Até o final da década de 1950, os habitantes da bucólica São Luís, mantinham um estilo de vida mais tradicional. A sociedade preservava a moral e os bons costumes, tradições herdadas dos ancestrais. As moças cada vez mais femininas e delicadas, usavam sempre muitas roupas. As saias tinham comprimentos abaixo dos joelhos e a cintura era bem marcada. Elas eram educadas e preparadas para desempenhar o seu destino natural de ser esposa, mãe e dona de casa. Os homens, bem comportados, costumavam usar ternos e os cabelos eram sempre bem penteados, inclusive, alguns tinham como hábito, carregar o pente no bolso da calça.

Nos saudosos anos dourados, era costume as visitas e troca de favores entre os vizinhos, as prosas de fim de tarde nas calçadas, estreitando e fortificando a amizade, a solidariedade e a fraternidade entre eles.

Nas festas de aniversário da criançada, as músicas do palhaço “Carequinha”, tocadas nas vitrolas, fazia a animação dos presentes, quando tocava essa, lembrando suas primeiras estrofes: “chegou a hora de apagar a velinha, vamos cantar aquela musiquinha, parabéns pra você, parabéns pra você, pelo seu aniversário”. Outra muito cantada era assim: “O bom menino não faz pipi na cama, o bom menino não faz malcriação, o bom menino vai sempre a escola e na escola aprende sempre a lição” entre outras.



Palhaço Carequinha (Fonte: br.pinterest.com)

Os pais educavam seus filhos para tomarem suas bênçãos diariamente, o que gerava uma sensação de estarmos protegidos, bem como, nos educavam para respeitarmos os mais velhos e ensinavam a nos comportarmos fora de casa. Quando havia um intrometimento ou opinião na conversa dos adultos, bastava um olhar sério dos pais para sairmos do ambiente. Naquele tempo, de respeito e obediência dos filhos, os pais e a escola participavam ativamente, na criação, educação, disciplina e formação da personalidade e caráter dos futuros cidadãos.

O dia a dia da cidade era tranquilo, ordeiro e seguro. As famílias costumavam sentar-se nas portas de suas residências, aos finais de tarde e à noite, principalmente em noites de lua cheia, para um bate papo amigável e saudável entre os vizinhos, visto que, a iluminação pública nos postes, redondos de ferro, era deficitária. Os terraços das residências eram construídas com muros baixos e as janelas, não possuíam grades de ferro, permaneciam abertas durante quase o dia todo. Era um tempo calmo, sereno e civilizado, que nos transmitia segurança.

O dever cívico com a nação também era obrigatório. Nas escolas do primário era costume os alunos, devidamente fardados, formarem fileiras e cantarem o Hino Nacional e/ou do Estado, antes de adentrarem para as salas de aulas. Os livros e cadernos eram encapados para terem maior durabilidade e tratávamos com muito zelo. Nossos materiais escolares eram guardados em bolsas de couro e seguras nas mãos, visto que naquela época, não existiam as mochilas, que, nos dias de hoje, são carregadas nas costas.



Nesse tempo, quando falecia algum parente, era comum a família enlutada, no caso, a viúva ou filha, com a perda do pai, vestirem luto fechado, ou seja, usar vestidos pretos por um determinado tempo, e o viúvo e filho usarem “fumo”, ou seja, uma lapela de pano preto pregado no bolso da camisa, para mostrar à sociedade o sentimento de luto com a perda de um ente querido. As roupas com tonalidade avermelhada só seriam usadas, após seis meses do falecimento daquele saudoso parente.

O mesmo respeito a sociedade tinha com as datas mais fortes no calendário cristão, como quaresma e semana santa, e também dia de Finados, o sentimento era de perda e luto nesses períodos, o silêncio invadia os lares e nem as rádios tocavam músicas em suas programações, quando não saíam do ar. As senhoras costumavam usar o véu cobrindo suas cabeças e rezavam os seus inseparáveis rosários, recitando as orações marianas nas celebrações eucarísticas e procissões.

Em meados dos anos de 1960 foram marcados por grandes mudanças de comportamento e rebeldia dos jovens, que começaram a usar cabelos compridos com costeletas, calças apertadas com “boca de sino”, camisas coloridas, botas e vários acessórios como cordões, pulseiras e anéis. As moças usavam minissaias e calças compridas, seguindo a moda lançada pela Jovem Guarda e pela influência da televisão, com a inauguração da TV Difusora, no início da década, que retransmitia os programas de sucesso das grandes emissoras do sudeste do país, enterrando os velhos costumes e criando novos.

Naquela década, surgiu o movimento “hippie”, ou seja, tipo de jovem andariho, relaxado, com cabelos compridos e que consentia a liberdade sexual, consumiam drogas, como a maconha, e costumavam se agrupar em praças e ruas do centro da cidade. O “hippie” tinha uma filosofia de vida baseada na “paz e amor”, pois eles acreditavam num mundo sem diferenças entre povos, ideologias e religiões e tinham como lema: “faça amor, não faça guerra”.

Nas décadas de 50 e 60, existiam uns personagens malucos e folclóricos, andarilhos nas ruas e avenidas da cidade, que marcaram época com os seus apelidos, como: “Rodó”, “Rei dos Homens” com seu inseparável paletó preto e “Bota pra Moer”.

Na metade da década de 1960 e até o final da década de 1970 muitos jovens idealistas lutaram em combate armado, na clandestinidade, enfrentando o regime militar.

Ainda na década de 1970, São Luís se consagrou como a “Jamaica Brasileira”, título dado com o surgimento da música reggae na capital. A história da chegada do reggae em São Luís, tem muitas versões, mas tem duas explicações que são as mais plausíveis. Uma tese é que o som do reggae era ouvido pelas ondas dos rádios, à noite, vindo do Caribe (Jamaica) e foi fazendo sucesso entre os ouvintes. Com essa preferência musical, alguns ludovicenses viajaram para a Jamaica

e trouxeram alguns discos de cantores famosos e se tornou o ritmo preferido da população, principalmente nas festas. O ritmo tocado nas radiolas, nos bairros periféricos da capital e a forma como as pessoas dançam colado, agarradinho e arrastado, é característico a do regueiro maranhense. Outra tese também muito ouvida é de que marinheiros que chegavam ao Porto de São Luís, deixavam com as prostitutas, da Zona do Baixo Meretrício (ZBM), os discos trazidos da Jamaica como forma de pagamento pelos serviços prestados, na noite de prazer.

MOEDAS DO BRASIL

As moedas do Brasil nessa época foram as seguintes:

Na década de 1950 a nossa moeda era Cruzeiro (Cr\$), circulando de 01/11/1942 a 30/11/1964, ou seja, 22 anos. Em 01/12/1964 a 12/02/1967 a moeda continuou Cruzeiro (Cr\$), mas sem os centavos, ou seja, 2 anos. De 13/02/1967 a 14/05/1970 a moeda mudou para Cruzeiro Novo (NCr\$), ou seja, 3 anos, e de 15/05/1970 a 14/08/1984 a moeda voltou para Cruzeiro (Cr\$), ou seja, 14 anos.

Retrato algumas cédulas e moedas, que circularam no país durante o período citado.



A - Cédula de Cruzeiro; B - Cédula de Cruzeiro; C - Cédula de Cruzeiro Novo



Moeda de Cruzeiro

CAPÍTULO VIII

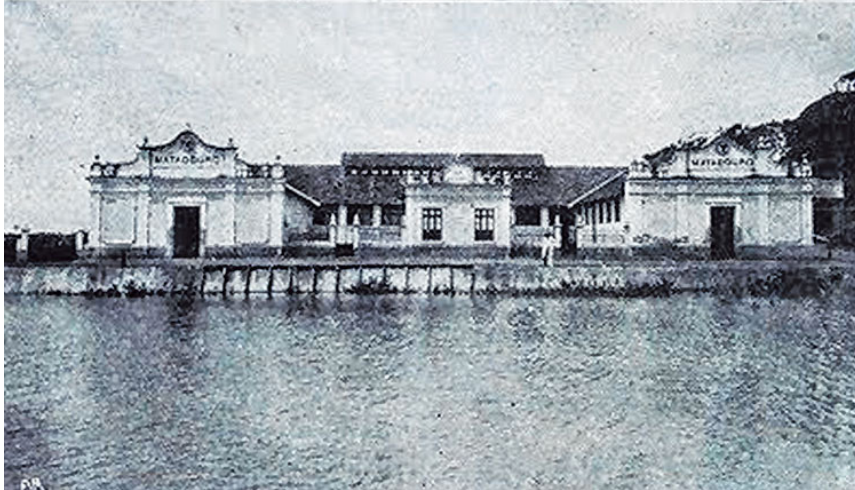
SETORES DA ECONOMIA

PRIMÁRIO

Os alimentos oriundos da agricultura e consumidos pelos habitantes da cidade, vinham, grande parte, do interior do estado e de outros estados, pois a zona rural do município, só produzia verduras, legumes e algumas frutas, em pequena escala.

Alguns antigos moradores do bairro Matadouro contam que, os bovinos eram trazidos de trem do interior do Estado, que parava próximo a uma das vias do bairro, onde a manada descia em direção ao Matadouro Modelo de São Luís, para ser abatida.

O Matadouro foi construído em 1918, próximo ao mar e a linha de trem, na margem esquerda do Rio Anil. A origem do nome do bairro Matadouro, foi em decorrência desse tipo de atividade, anos depois foi denominado bairro da Liberdade. O Matadouro era um local que reunia diversas funções, além do abate do gado bovino e suíno, também realizava o salgamento do couro do gado, o alojamento para abate, refrigeração da carne para a venda, exames veterinários das carnes e vísceras, armazenamento de água para higienização dos compartimentos e descarte dos dejetos.



Matadouro que deu origem ao bairro da Liberdade (Fonte: oimparcial.com)

Em 1966, através de um plebiscito, o prefeito Cafeteira mudou o nome do bairro Matadouro para Liberdade.

A pesca era praticada de forma artesanal, pelos pescadores que moravam em vilas ou colônias, e saíam com suas embarcações para pescar em alto mar, donde eram pescados diferentes espécies de peixes, mariscos e moluscos. A pesca nos rios era em menor proporção.

Nos anos 60, quando ainda não existia supermercado na cidade, a população adquiria seus alimentos nos mercados públicos e nas mercearias dos bairros. O Mercado Central, sempre foi o maior e mais tradicional da cidade, localizado na Avenida Guaxenduba, centro. No bairro da Praia Grande existe o Mercado das Tullhas, também conhecido como Feira da Praia Grande ou Mercado da Praia Grande, o mais antigo da cidade. Próximo ao ginásio de esportes Costa Rodrigues, existia o sortido mercado municipal conhecido como Galpão, construído com estrutura metálica. No bairro do Monte Castelo o mercado funciona, até hoje, no mesmo local, na Rua Raimundo Correa. No bairro do João Paulo, o mercado público era na praça, onde hoje funciona uma escola, ao lado da Delegacia de Polícia.

Devido a grande extensão territorial de palmeiras de babaçu no Maranhão, muitas famílias viviam e vivem, até hoje, do extrativismo desse vegetal, as quebradeiras de coco retiravam as amêndoas de coco, que, na época, eram adquiridas pelas indústrias de transformação desse produto em óleos vegetais.



São Luís sempre obteve boas safras de juçara, cujas palmeiras nativas nasciam em diversas áreas. Sua polpa é muito apreciada pelos maranhenses, e muitas vezes, substitui uma refeição do dia, acompanhada com camarão, farinha de puba ou peixe frito. Além da juçara, uma infinidade de saborosas frutas produzidas na Ilha de São Luís, também são muito consumidas, como o cupuaçu, bacuri, murici, goiaba, jambo, sapoti, abricó, cajá, pitomba, jaca, entre outras, onde são consumidas “in natura”, ou em forma de sucos, sorvetes e mousse.

A polpa da juçara é tão apreciada e consumida pelos maranhenses e turistas, que em meados do ano de 1969, no bairro do Maracanã, grande produtor dessa palmácea, teve início a Festa da Juçara, idealizada e incentivada pela engenheira agrônoma Rosa Mochel, comemorada até os dias de hoje.

SECUNDÁRIO

São Luís possuía, até meados da década de 1960, um invejável parque industrial têxtil, possuindo seis unidades, como sendo: Rio Anil, Camboa, Fabril, Santa Isabel, Cãnhamo e São Luís. No entanto, entrou em falência definitiva nas décadas de 1950 e 1960, motivado, principalmente, pela sua não modernização, ou seja, estagnação tecnológica e por concorrência externa.

Outras indústrias foram surgindo nas décadas de 1950, 1960 e 1970, como foi o caso da fábrica da Companhia CARIOCA de Óleos Vegetais – CCO, localizada na Rua Olavo Bilac, conhecida como Rua da Carioca, no bairro do Monte Castelo. Oleaginosas do Maranhão S. A. – OLEAMA, criada em 18 de dezembro de 1961, na Rua da Estrela e fabricava óleos vegetais, velas e desinfetantes. Em 18 de dezembro de 1975 a fábrica mudou-se para o bairro do Tibiri, as margens da BR-135, no Distrito Industrial, e produziu óleo vegetais de soja, exportava farelo de soja e fabricava produtos de higiene e limpeza.

Nos anos 60, São Luís ainda não havia implantado o seu Distrito Industrial, então, os empresários instalavam suas unidades industriais na zona urbana. Na Vila Ivar Saldanha tinha a Fábrica da MERCK, que produzia produtos farmacêuticos e a IVESA – Indústrias Reunidas Venizelos S. A., que produzia o óleo comestível de coco babaçu da marca Sílvia e sabão em barra.

No bairro do João Paulo foi instalada a indústria de confecções SUDENVEST, situada na Avenida João Pessoa, indústria GANDRA, que fabricava velas, sabão Girafa e depois o sabão Dumaior, localizada na Avenida João Pessoa e a fábrica de torrefação e moagem do Café Caravelas, situada na Rua Riachuelo, do empresário Nicolau Duailibe.

Na Rua Afonso Pena, centro, possuía a fábrica de torrefação e moagem do café Escudo, pertencente a empresa M. Feres e Cia. Ltda. No bairro da Jordoia possuía a instalação da fábrica de fios TUPY.

No bairro do Filipinho tinha a moderna instalação da fábrica do guaraná JESUS, fábrica de picolé, sorvete e refrigerante da marca JENEVE, produzidos pela Indústria de Bebidas Antarctica do Nordeste.

No bairro do Outeiro da Cruz, tinha a instalação da Coca-Cola, pertencente a Companhia Maranhense de Refrigerantes, fábrica de placas de gesso e divisórias, da FORGESSO, indústria IDIBRA que produzia os biscoitos e macarrão da marca Biriba, onde um dos diretores foi tio José Ramos, indústria DALBAN, que fabricava os colhões de mola e de espuma, móveis em madeira e vassouras "Taki", cujo "slogan" dizia: "ainda serve para varrer".

Em meados dos anos 70, foi instalada no Distrito Industrial, a Cervejaria Maranhense S. A. – CERVAMAR, a primeira do Maranhão, fabricante da cerveja Pilsen CERMA e da Cerminha, tipo exportação.



Cerveja Cerminha (Fonte: carvelho.com.br)



TERCIÁRIO

TRANSPORTE PÚBLICO

Bonde

No final dos anos 50 até meados dos anos 60 o sistema de transporte público de São Luís era formado pelos bondes elétricos sobre trilhos e ônibus, ambos serviam vários bairros da cidade. Além dos bondes e ônibus, existiam os táxis e alguns proprietários de kombis, que faziam linha aos bairros mais carentes do transporte público.

No meu tempo de criança os passeios nos finais de semana da minha família eram feitos muitas das vezes de bonde. Fazíamos o percurso de casa até o bairro do Filipinho, ponto final do bonde e reiniciávamos a viagem, voltando para casa.

Outro passeio típico da família era viajarmos de bonde até a Praça João Lisboa e Largo do Carmo, cujo tombamento dessas áreas, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, ocorreu em 1955, onde descíamos no abrigo da Praça João Lisboa, que servia de embarque e desembarque de passageiros, para irmos até o Moto Bar, localizado na Praça João Lisboa, em frente à Igreja do Nossa Senhora do Carmo, ambiente bastante frequentado pela sociedade, e comermos os seus deliciosos pastéis com o refrigerante, genuinamente maranhense, Cola Guaraná Jesus, “o sonho cor de rosa de todas as crianças” esse era o “slogan” da época, ou com outro refrigerante como Champagne e Coca Cola. O guaraná Jesus foi criado em 1927, pelo químico Jesus Norberto Gomes. O Moto Bar pertencia a alguns sócios portugueses e, além de bebidas, comercializava queijos, frutas e outros gêneros alimentícios, que vinham diretamente da Europa, em navios.

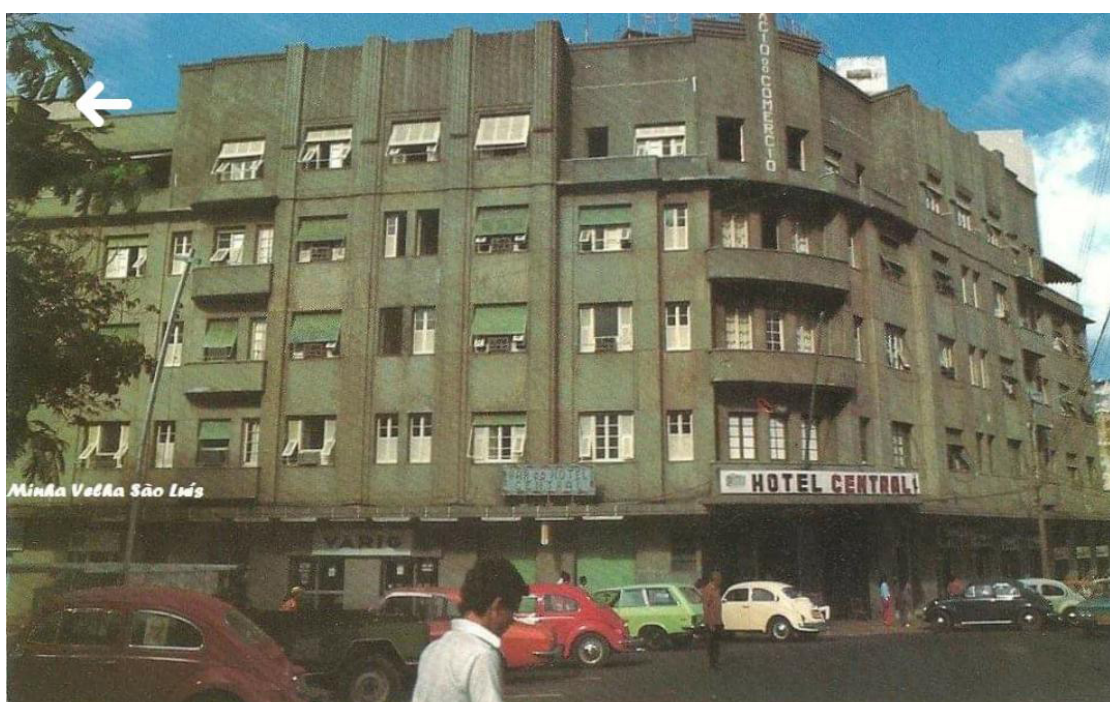
João Lisboa, jornalista e escritor maranhense, foi homenageado com uma estátua na praça que leva o seu nome. Por muitos anos, a Praça João Lisboa e o Largo do Carmo foram referências no comércio, lazer e cultura. Várias comerciantes no ramo farmacêutico instalaram-se na área como Farmácia Central, São Vicente, São Pedro, na hotelaria hotel Ribamar, que ficava localizado na esquina com o Beco da Pacotilha, hotel Serra Negra situado na esquina da Rua de Nazaré com a Rua do Egito, agência matriz da Empresa Correios e Telegraphos – ECT, além de lanchonetes, bancas de revistas e jornais, cadeiras de engraxates, postos de táxi. No lazer, a sede social do Grêmio Littero Recreativo Português, que costumava realizar bailes e jantares dançantes aos seus sócios e convidados, e linhas de bondes para passeios. Na atividade cultural, as Livrarias ABC e JC, localizavam-se próximas da Praça João Lisboa.

A Praça João Lisboa era conhecida como “senadinho”, isto em decorrência, de alguns grupos de intelectuais e/ou funcionários públicos, geralmente nos finais de

tarde, se reunirem, em torno dos bancos, para comentarem sobre diversos assuntos da vida cotidiana da cidade, notadamente, política, arte e literatura.

Outro programa familiar era para dirigirmos até ao bar do Hotel Central, na Praça Benedito Leite, para tomarmos os famosos sorvetes, o melhor da cidade, servidos em taças de cristal, também muito requisitado pelas famílias ludovicenses, principalmente nos finais de semana.

Os frequentadores do Moto Bar e no bar do Hotel Central, entre eles, jornalistas, escritores e poetas, usavam como traje, terno com gravata tradicional ou borboleta, e alguns tinham o hábito de usar chapéu, peças fundamentais no vestuário masculino nos anos 50 e 60. Era comum esse traje nas repartições públicas estaduais e federais.



Fachada do antigo Hotel Central. (Fonte: oimparcial.com.br)

Na época dos bondes, alguns colegas estudantes driblavam o bonde, em movimento, e não pagavam suas passagens, isso era muito comum na época, pois eram veículos lentos o que facilitava esse tipo de aventura. Às vezes me sentia atraído pela possibilidade de driblar também os bondes, mas logo abortava a ideia pelo medo de ser pego pelo cobrador ou de pensar em cair e me machucar, numa tentativa frustrada, o que seria motivo de gozação para os meus colegas, então preferia pagar minhas passagens.

Alguns bondes eram fechados nas suas laterais, mas possuíam janelas e as portas para entrada e saída dos passageiros eram nas suas extremidades e outros tipos de bonde eram abertos e possuíam estribo de madeira onde os passageiros viajavam de pé, quando os mesmos estavam lotados, o que facilitava as pessoas driblarem, na verdade, era o cobrador, descendo ou passando para outro local do bonde quando este se aproximava para cobrar a passagem e subindo novamente



quando ele se afastasse. Os bondes abertos possuíam oito bancos transversais reversíveis de madeira e tinha a capacidade para aproximadamente 40 passageiros sentados. O condutor de bonde era chamado de motorneiro e dirigia em pé. Os motorneiros eram muito profissionais, cuidadosos e não conversavam em serviço. Ele e o cobrador usavam fardas com camisas de mangas curtas ou compridas com gravatas e usavam bonés quepe.

O bonde tinha dois controles, quando chegava no ponto final da linha e para voltar no mesmo sentido, os passageiros viravam os bancos e o motorneiro girava as manivelas do bonde e mudava de lado.

No início da década de 1960 os bondes já vinham enfrentando vários tipos de problemas como demoradas paralisações por falta de energia, concorrência com os ônibus, medidas tomadas por seus gestores como não poder trafegar em sentido oposto a sua mão, ou seja, na contramão, entre outros, que predestinara a sua extinção.

... o passageiro toma um bonde na Praça João Lisboa com destino ao João Paulo paga 25 cruzeiros ao chegar no Canto da Viração, falta energia. O passageiro espera dez minutos, quinze, vinte e a energia não chega. Já sabe que perdeu os 25 cruzeiros e o jeito é saltar e tomar uma outra condução, porque os cobradores não restituem a importância, alegando que já foi registrada. O fiscal que permanece dentro dos bondes, limita-se a ficar de lado assistindo à briga do passageiro com o cobrador de camarote. *Jornal Pequeno*, 10 de dezembro de 1962).



Bondes transitando na Praça João Lisboa (Fonte: Fotografia Allen Morrison)

Em junho de 1965, próximo ao final de mandato do prefeito municipal Costa Rodrigues, foi criado o Departamento Municipal de Transportes Urbanos de São Luís (DMTUSL), estabelecendo a ampliação do sistema de transporte coletivo que não utilizasse do uso de energia elétrica, dando início assim, a extinção dos bondes.



Bonde trafegando na Rua da Paz (Fonte: Fotografia Foster M. Palmer)

Na eleição do dia 03 de outubro de 1965, o senhor Epitácio Afonso Pereira, conhecido como Epitácio Cafeteira, foi eleito prefeito de São Luís para o período de 1966 a 1969 e o senhor José Sarney foi eleito governador do Maranhão para o mandato de 1966 a 1970. Essas foram as últimas eleições diretas para escolha de prefeitos e governadores, pois com a ditadura militar a votação nas urnas foi suspenso.

Cafeteira declarou peremptoriamente, que os bondes irão parar, em caráter definitivo, esperando fazer o recolhimento de um a um, à proporção que os mesmos forem ficando imprestáveis. Alega que o “déficit” no serviço dos bondes anda pela casa dos 6 milhões mensais e que não existe mais fábricas que prepare peças para tais veículos. (Jornal Pequeno, 29 de dezembro de 1965).

O governador José Sarney sentenciou a desativação dos bondes.

Na década de 1960, durante o governo José Sarney, a empresa FONTEC, contratada para organizar o trânsito da cidade, declarou que os bondes causavam transtornos no tráfego. A empresa proibiu o trânsito de bondes em boa parte da cidade, e logo todas as linhas foram desativadas. O último bonde trafegou em São Luís em 1966. (Jornal *O Imparcial*, edição de 09/09/2018).

O bonde era o meio de transportes mais barato e atendia a população carente da cidade. Foram 42 anos de funcionamento dos bondes elétricos em São Luís, de 1924 a 1966.



Bonde trafegando em frente ao Palacete Gentil Braga na Rua Grande

As linhas de bonde São Pantaleão, Gonçalves Dias, Monte Castelo e Filipinho, tinham seu destino final na Praça João Lisboa. Os bondes trafegavam pelas ruas da Paz, Norte, Rio Branco, São Pantaleão, Grande, Passeio, avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa, atual São Marçal e praças João Lisboa, Largo do Carmo, Deodoro e Panteon, Gonçalves Dias, Misericórdia e Saudade.



Bonde da linha Gonçalves Dias
(Fonte: Fotografia Allan H. Berner)

A garagem dos bondes, que pertenciam ao Departamento Municipal de Transportes Urbanos de São Luís, situava-se no bairro do Monte Castelo, onde posteriormente funcionou o Horto Mercado.



Ruínas da garagem dos bondes do Departamento Municipal de Transportes Urbanos de São Luís, no bairro do Monte Castelo
(Fonte: Fotografia Pedro Souza)



Parte interna da garagem com sucatas de bondes (Fonte: Fotógrafo Pedro Souza)

<u>TABELA DE PREÇOS</u> <u>DE PASSAGENS</u>	
São Pantaleão	Cr\$ 25,00
Gonçalves Dias	• 25,00
Pça. I. Lisboa (M. Castelo) Vice-versa	• 25,00
M. CASTELO (Filipinho) Vice-versa	• 15,00

Foster M. Palmer

Preço das passagens dos bondes elétricos na moeda Cruzeiro (Fonte: Fotógrafo Foster M. Palmer)



Bonde saindo da garagem para cumprir sua rotina de viagens (Fonte: Acervo do IBGE)

Com a extinção dos bondes os trilhos foram retirados de algumas ruas ao longo dos anos, outros encontram-se sob o asfalto de ruas e avenidas da cidade.



Ônibus

Nesse período os ônibus eram construídos de madeira, de forma artesanal, em carrocerias de caminhões, não possuíam catracas e o cobrador circulava no ônibus cobrando os passageiros.



Parada de ônibus em frente ao Cine Monte Castelo na década de 1960. (Fonte: Imagem de internet)

No Centro Histórico, nos anos 50 e 60 os ônibus trafegavam nas Ruas da Estrela, Henriques Leal, Sol, Paz, Santana, 13 de Maio, Jansen Muller e Avenida Magalhães de Almeida.

O meio de transporte mais utilizado para irmos ao colégio era o ônibus, cuja parada final para o bairro do Monte Castelo situava-se em frente ao antigo cinema do mesmo nome. Tinha um ônibus enorme que as pessoas chamavam de “Moby Dick”, em homenagem a grande baleia.

Na primeira metade da década de 1960, tio José Ribamar Ramos, o capitão Ramos, já na reserva do exército, em parceria com o seu amigo Farias, ambos moradores do bairro Filipinho, possuíam os ônibus conhecidos, popularmente, como Verdinho e Paciência. O Verdinho, a carroceria era de madeira e motor Chevrolet, acionado a manivela, o Paciência tinha motor Mercedes Benz e carroceria de aço, ambos faziam a linha do Centro da cidade para o bairro Tirirical, com parada final em frente ao aeroporto conhecido, na época, como Aeroporto do Tirirical. O cobrador do ônibus Paciência era Jesusmar, o filho mais velho de tio José Ramos.



Avenida Getúlio Vargas próximo à entrada do bairro Liberdade, que na época era conhecido por Matadouro. (Fonte: Fotografia Allan H. Berner)

Quando se passava pela avenida Beira Mar, a poucos metros da antiga Rampa Campos Melo, hoje Cais da Praia Grande, avistávamos a, aproximadamente, 500 metros da costa, os restos do casco do navio cargueiro Maria Celeste, que afundou no dia 16 de março de 1954, causado por um incêndio à bordo quando descarregava materiais inflamáveis. Esse acidente resultou em 16 vítimas fatais, em sua maioria estivadores da cidade, que trabalhavam descarregando combustíveis em tonéis. Testemunhas diziam que os tonéis subiam acima de 35 metros, assim como as labaredas de fogo e queimou por 3 dias. Os destroços do navio Maria Celeste, interditou o canal de acesso à rampa durante muito tempo, onde podia ser visto o seu mastro, até que finalmente foram dinamitados e retirados na década de 1980.



Incêndio no navio Maria Celeste em 1954 (Fonte: kamaleao.com)

Na segunda metade dos anos de 1960, as empresas pioneiras no transporte urbano foram adquirindo ônibus fabricados no sul do país, com catracas, mais conhecidas como “borboletas”, na época, modernizando a sua frota e substituindo os antigos ônibus, construídos artesanalmente.



Ônibus do bairro Filipinho (Foto: Minha Velha São Luís)



A partir da construção da primeira ponte sobre o rio Anil em 1968, denominada governador Newton Belo ou ponte do Caratatiua, fazendo surgir os bairros Ipase, Maranhão Novo e Cohama, da construção da segunda ponte sobre o rio Anil em 1970, conhecida como ponte governador José Sarney ou ponte do São Francisco, ligando o centro histórico aos bairros, até então vila de pescadores, São Francisco e Ponta D'Areia, e da construção da barragem do Bacanga em 1970, diminuindo a distância entre São Luís ao Porto do Itaqui, surgiram vários bairros e avenidas, aumentando de forma vertiginosa a população de São Luís e tendo, em consequência, maior circulação de ônibus mais modernos, com as empresas aumentando suas frotas para atender a demanda de passageiros.

Lembro-me que as carroças puxadas por burros, quando transitavam pela cidade no período noturno, os carroceiros usavam lamparinas acesas debaixo das carroças para sinalizar a presença no trânsito e aumentar a segurança.

Terminal Rodoviário

O primeiro Terminal Rodoviário de São Luís, foi construído na Avenida dos Franceses, no bairro da Alemanha, funcionando na década de 1970, quando foi construída a avenida. Quando o terminal foi inaugurado, ele atendia a demanda dos passageiros, no entanto, com o crescimento da cidade foi ficando pequeno e obsoleto.

Nessa época, a Avenida dos Franceses ainda não tinha sido concluída, paralisando suas obras na entrada para a Ponte do Caratatiua. O itinerário para sair da cidade em direção a BR - 135, era pela Avenida Getúlio Vargas (Monte Castelo), Avenida João Pessoa (João Paulo e Filipinho), Avenida Edson Brandão (Outeiro da Cruz e Anil), Avenida Santos Dumont (Anil e Tirirical), seguindo para a BR - 135.



Terminal Rodoviário de São Luís do bairro da Alemanha (Fonte: oimparcial.com)



Várias empresas de transportes faziam linha intermunicipal e interestadual, entre elas a Transbrasiliana, Florêncio, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Itape-mirim, Guanabara, Boa Esperança.

EDUCAÇÃO

Quando o aluno concluía o primário, ele se preparava para fazer o Exame de Admissão, e frequentava, ou não, aulas particulares com professores em suas residências, preparando-se para fazer a seleção, que era uma espécie de vestibular, para ingressar no ginásio, se fosse aprovado, cursaria os quatro anos do ensino ginásial. Em muitas ocasiões, o ensino era tão rígido, que o professor fazia perguntas aos alunos e o aluno que respondesse correto daria um “bolo”, ou seja, batia com a “palmatória”, instrumento confeccionado de madeira com cabo e arredondada na extremidade, na mão aberta do aluno que errou a pergunta, porém, essa atitude, com anuência do professor, não levava a nenhum tipo de vingança, mas serviria como corretivo e incentivo para o aluno se dedicar mais aos estudos. Essa era a educação daquela época.

Os colégios da rede pública mais tradicionais e de maior frequência de alunos eram: Colégio Estadual do Maranhão, mais conhecido como Liceu Maranhense, e Escola Modelo Benedito Leite localizados no centro (estudavam alunos de ambos os sexos) e Escola Técnica Federal do Maranhão (escola masculina) situado no bairro do Monte Castelo. Já os colégios da rede privada que situavam-se no centro eram os seguintes: Colégio Ateneu Teixeira Mendes (escola mista), localizado na Avenida Silva Jardim, próximo do Liceu, Colégio Zoé Cerveira (escola mista), situado na Rua Grande, Colégio Conceição de Maria (escola mista), localizado próximo a Praça Gonçalves Dias, Colégio São Luís (escola mista), localizado na Rua Rio Branco, próximo a Praça Gonçalves Dias, Colégio Marista (escola masculina), localizado na Rua Grande, Instituto Rosa Castro (escola feminina), situado na Avenida Gomes de Castro, Colégio Santa Teresa (escola feminina), situado na Rua do Egito e no bairro João Paulo o Colégio Batista (escola mista). Esses colégios ensinavam os cursos ginásial e científico, ou seja, ensino fundamental e ensino médio.

O fardamento dos alunos do Ateneu era calça marrom com vinco branco nas laterais das pernas, meia branca e sapato preto. A camisa era branca com elástico na barra da camisa e emblema do colégio no bolso. O fardamento das alunas era saia marrom frisada, blusa branca de tecido, pra dentro da saia, com emblema do colégio no bolso, meia branca e sapato preto.

O fardamento feminino dos colégios era, em sua maioria, o uso de saia frisada, variando de cor conforme o colégio, blusa branca de tecido por dentro da saia com o emblema da escola desenhada no bolso ou blusa de malha com o nome do colégio bordado, meia branca e sapato preto. Lembro-me que a saia do Instituto Rosa Castro era cinza, já os colégios Liceu, Santa Teresa, São Luís, as alunas usavam



saias de cor azul.

O fardamento masculino dos alunos era calça azul, camisa branca de tecido ou blusão de malha com emblema do colégio, meia branca e sapato preto. Lembro-me que, somente a Escola Técnica, com calça cinza e vinco branco nas laterais e o Colégio Batista com calça verde, diferenciava seus fardamentos dos demais colégios, além do Instituto Rosa Castro e Ateneu Teixeira Mendes, já mencionados acima.



Fachada do Colégio Ateneu Teixeira Mendes (Fonte: pt-br.facebook.com)

A grade curricular nas escolas nas décadas de 1960 e 1970, além das disciplinas normais como, português, matemática, geografia, história etc, continha também as disciplinas Organização Social e Política do Brasil – OSPB e Educação Moral e Cívica – EMC, que contribuíram para a formação moral, ética e cívica dos alunos.

Nosso transporte para o colégio era o ônibus, pois os bondes não existiam mais. A farda do Liceu do científico, era calça azul, camisa branca com as estrelas azuis niqueladas espetadas no bolso da camisa, conforme o ano que estivesse cursando, ou seja, duas estrelas no 2º ano e três estrelas no 3º ano científico.

Até a década de 1960, no prédio do Liceu Maranhense funcionava, no período matutino, os cursos ginásial e científico, enquanto que a Escola Normal, que era a escola profissionalizante para formação de professoras, as chamadas Normalistas, que era destinada somente ao sexo feminino, funcionava no período vespertino, no mesmo prédio.



Fachada do Colégio Liceu Maranhense. (Fonte: agendamaranhao.com.br)

O competente diretor do Liceu Maranhense, onde estudei e concluí o curso científico, era o respeitado professor Antônio Carlos Beckman, homem que gozava de ilibada reputação no Estado. O quadro docente do Liceu era formado por excelentes professores. O ensino no Liceu era muito bem conceituado, o aluno que se dedicasse aos estudos não precisava cursar o pré-vestibular ou cursinho, como chamávamos, pois, estava pronto para lograr êxito no vestibular.

Os dois cursos preparatórios para o vestibular, mais importantes, no início na década de 1970, eram o Curso Integrado para Engenharia – CIPE, especializado na área técnica, localizado na Rua Grande esquina com a Rua do Passeio, onde me preparei para o vestibular de Agronomia em 1972 e logrei êxito, e o Curso professor José Maria do Amaral, especializado na área médica, localizado na Rua dos Afogados.

No dia da Raça, 5 de setembro, e no dia da Independência do Brasil, 7 de setembro, os alunos marchavam garbosamente, eu, pelos colégios Ateneu Teixeira Mendes e São Luís, depois ficava admirando as garotas dos Colégios Santa Teresa e Rosa Castro desfilarem suas belezas pelas ruas do centro de São Luís. Os alunos dos colégios ficavam alinhados nas ruas próximas ao palanque governamental, instalado na Praça João Lisboa, para o governador passar em revista, em carro aberto, para logo após, iniciar o desfile. Uma grande multidão se acotovelava, vindo de diversos bairros, para assistir o desfile nas principais ruas do centro da cidade.

A UFMA, primeira instituição pública de Ensino Superior do estado, tem sua origem na antiga Faculdade de Filosofia, fundada em 1953, depois congregou a Escola de Enfermagem São Francisco de Assis, fundada em 1948, a Escola de Serviço Social, criada em 1953, a Faculdade de Ciências Médicas, criada em 1957, Faculdade de Direito, a mais antiga do Estado, criada em 1918, Escola de Farmá-



cia e Odontologia, fundada em 1922 e Faculdade de Ciências Econômicas, criada em 1958, sendo todas incorporadas a Universidade Federal do Maranhão – UFMA, fundada em 21 de outubro de 1966, com onome de Fundação Universidade do Maranhão – FUM, posteriormente, UFMA.

A UEMA teve sua origem na Escola de Administração, localizada no bairro da Alemanha, Escola de Engenharia Civil, localizada no Bacanga, Escola de Agronomia, localizada no distante bairro do Tirirical e Faculdade de Caxias, criando, em 22 de agosto de 1972, a Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM. Em 1975, a FESM incorporou a Escola de Medicina Veterinária, situada no bairro do Tirirical e a Faculdade de Educação Física de Imperatriz. A FESM foi transformada na UEMA no dia 30 de dezembro de 1981 e oficialmente denominada Cidade Universitária Paulo VI, em 1978.

COMÉRCIO

Nos anos 50 e 60 as famílias ludovicenses faziam suas compras de gêneros alimentícios, material de limpeza, perfumes e outros produtos para o lar em pequenos comércios chamados mercearias, geralmente localizadas no centro da cidade ou em quitandas nos bairros, em que o cliente era atendido num balcão de madeira pelo comerciante e os produtos de primeira necessidade ficavam expostos em prateleiras ou em sacos de fibras de algodão, com arroz, feijão, farinha de mandioca, etc, sobre estrados de madeira, a vista do consumidor, que eram retirados por uma caneca de metal com alça, a quantidade desejada pelo freguês, para pesar na balança e colocados em saco de papel, embrulhados amarrados com barbantes ou dobrados, fechando o embrulho, visto que, nessa época, não existiam os sacos plásticos.



Tipo de mercearia nos anos 50 e 60 (Fonte: kamaleao.com)

As mercearias eram bem surtidas de mercadoria, como a Merceria Central do Sr. Ramos, situada na Rua da Palma, Merceria Lusitana, do português Sr. Manoel Alves Ferreira, localizada na Rua de Santana, entre outras. O comércio em supermercado teve início nos anos de 1960, quando o empresário português Manoel Alves Ferreira implantou em São Luís o modelo do autoatendimento, surgindo assim o Supermercado Lusitana. A proporção que a cidade crescia com a inauguração de novos conjuntos habitacionais ou novos bairros e conseqüente aumento da população, a marca Lusitana também se expandia com o surgimento de vários supermercados. Assim, era comum nos anos 60 e 70 ouvirmos a frase “vamos fazer Lusitana”, ditas pelas famílias, para se dirigirem até uma das lojas, para fazerem suas compras.



Supermercado Lusitana (Fonte: kamaleao.com)

Além do Supermercado Lusitana, outros supermercados surgiram nessas décadas como os Supermercados Sampaio, Confiança e Econômico, concorrentes do pioneiro Lusitana, que continuava crescendo construindo novas e modernas lojas, enquanto sua fiel clientela aumentava.

Nas décadas de 1950 e 1960, o bairro do João Paulo era o mais populoso e também o primeiro a se tornar independente comercialmente, do centro da cidade, visto que, nele se instalaram várias lojas de diferentes atividades comerciais. O primeiro supermercado do bairro do João Paulo foi o Supermercado Hilrocha, instalado na Avenida João Pessoa, em meados da década de 1970, e ficava próximo à praça do bairro, denominada Ivar Saldanha.

A Rua Oswaldo Cruz, mais conhecida como Rua Grande é uma das mais antigas da cidade e o mais importante ponto comercial de São Luís, estando presente em mapas desde 1698. Antes de se tornar uma rua com comércio movimentado, foi a principal rua de passeio da capital e por ela passeavam as moças de famílias, nas tardes, exibindo a mais cara moda de Paris e Lisboa.

Ela sempre foi a rua mais movimentada e o maior centro de comércio popular a céu aberto da capital, onde os maranhenses costumam fazer suas compras,



mesmo depois da instalação de vários Shoppings Centers na cidade. Na segunda metade da década de 1960 muitos jovens se reuniam na Rua Grande, principalmente em frente à loja “Só discos” para conversarem, paquerarem as garotas que ali passavam e ouvirem as músicas de sucesso da Jovem Guarda. Na Rua Grande encontram-se instaladas grandes lojas de departamento, bancos, restaurantes, farmácias etc. Nessa época, as lojas de departamentos que possuíam grande freguesia eram as Lojas Pernambucanas, Lojas Brasileiras conhecida também como Lobrás ou 4 e 400, assim como outras de menor porte, mas igualmente famosas como Loja Azteca, Loja Capri, Loja Acácia, Arpaso, Ocapana, Norte Sul, Casa Garimpo, Armazém Gonçalves Dias, Armazém Alencar e tantas outras.

Os comerciantes da Rua Grande sempre tiveram a concorrência dos vendedores ambulantes, conhecidos como “camelôs”, na época eram chamados de “marreteiros”. Em 1979, a Rua Grande tornou-se proibido o trânsito de veículos motorizados, transformando, exclusivamente, para pedestres.

A rua guarda surpresas históricas e arquitetônicas admiráveis: O cinema Éden logo no seu início que hoje funciona a loja Marisa; na frente nasceu Manoel Odorico Mendes; na esquina com a rua do Passeio fica o Palacete Gentil Braga, casarão com vinte e duas janelas em ogiva, em azulejo português; no antigo colégio Marista, o Portão da Quinta das Laranjeiras, entre outras preciosidades.

São Luís ainda mantém a tradição, originária da década de 1960, da comercialização, em tabuleiro, dos deliciosos “quebra-queixo”, iguaria feito de coco e açúcar, nas ruas e becos do centro da cidade. Outra tradição daquela época e que perdura até hoje, é o sorvete de caixa de madeira, carregada pelo sorveteiro, colocando um pano enrolado na cabeça, sob a caixa, e comercializava pelas ruas. Hoje em dia, os sorvetes são comercializados em caixas de isopor. Ainda hoje, também é possível se encontrar o conhecido cuscuz Ideal, feitos de milho e de arroz, que era vendido, acondicionados em caixa de alumínio, na garupa da bicicleta, nos bairros da cidade. Tinha também os vendedores de pirulito, em seus tradicionais tabuleiros, nas ruas da cidade e nas portas das escolas.



As lojas revendedoras de veículos eram as seguintes: CINORTE, localizada na avenida Magalhães de Almeida, no centro, revendia os veículos da marca Chevrolet, AUVEPAR, situada na avenida Getúlio Vargas, no Canto da Fabril, revendia os veículos da marca Volkswagen e COMPANHIA MORAES, situada na Avenida Magalhães de Almeida, próxima ao Mercado Central, revendia os carros da marca Ford.

Tabuleiro de pirulito
(Fonte: br.pinterest.com)



SAÚDE

Os hospitais da rede pública existentes nas décadas de 50, 60 e 70, eram o Hospital Geral Tarquínio Lopes, localizado na Rua São Pantaleão, centro, Hospital Pronto Socorro Getúlio Vargas, situado na Rua do Passeio, centro, Hospital Presidente Dutra, localizado na Rua Barão de Itapary, centro, Hospital Nina Rodrigues, localizado na Avenida Getúlio Vargas, Monte Castelo, Hospital Aldenora Belo, situado na Avenida Getúlio Vargas, Monte Castelo, Santa Casa de Misericórdia, situada na Rua do Norte, centro, Hospital Presidente Vargas, no bairro da Jorhoa, Maternidade Benedito Leite, situada na Rua do Norte, centro, Maternidade Marly Sarney, localizado na Avenida Jerônimo de Albuquerque, Cohab, além de Centros de Saúde, localizados no centro da cidade e nos bairros.

Os hospitais da rede privada eram o Hospital Português, localizado na Rua do Passeio, centro, Centro Médico Maranhense, situado na Rua Paulino Sousa, Monte Castelo, Maternidade São José, situado na Rua São Pantaleão, centro, além de clínicas e consultórios particulares pediátricas e para adultos, instaladas no centro da cidade e nos bairros.

Além dos hospitais e clínicas médicas particulares com as mais variadas especialidades, existiam os laboratórios para exames médicos, lembro-me do laboratório de análises clínicas Paraíso, do Dr. Osvaldo Paraíso, amigo do meu avô Veloso, localizado em frente ao ginásio Costa Rodrigues, e do laboratório Fiquene.

Nessa época, as farmácias e drogarias mantinham uma escala de plantão, pernoitando duas a três farmácias, que ficavam abertas na cidade, principalmente no centro. Era um tempo tranquilo e seguro.

INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS

Nessa época, os bancos públicos federais que possuíam agências na cidade eram, o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste do Brasil e Banco da Amazônia S. A.. Os bancos estaduais eram o Banco do Estado do Maranhão – BEM, fundado em 08 de maio de 1939 e o Banco de Desenvolvimento do Maranhão – BDM.

Bancos da rede privada e outros bancos instalados na cidade, na época, eram, o Bradesco, Banco Nacional, Banco Itaú, Banco Econômico, Banco Cearense, Banco da Lavoura de Minas Gerais, Banco do Estado do Rio de Janeiro – BANERJ.

Além das instituições bancárias, existiam outras instituições de crédito como a Fininvest, Credimus, Modulus.



SEGURANÇA

A Segurança Pública da cidade, assim como hoje, era exercida pela Polícia Militar do Maranhão e pela Polícia Civil. A Polícia Militar do Maranhão, foi criada por meio da Lei Provincial Nº 21, de 17 de junho de 1936, com o nome de Corpo de Polícia da Província do Maranhão. Somente no ano de 1951, que recebeu a denominação de Polícia Militar do Maranhão – PM/MA.

A primeira turma de oficiais da PM/MA com Curso de Formação de Oficiais, formou-se em 1966, na Academia Militar do Estado de Minas Gerais.



Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, o quartel da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Maranhão, eram sediados no Convento das Mercês, na Rua da Palma, no bairro do Desterro.

Em meados dos anos 60 e na década de 1970, a Polícia Militar reprimiu, com violência, atos subversivos, principalmente dos jovens, contra a Ditadura Militar.

A Polícia Civil do Maranhão foi criada em 1808, é uma das polícias subordinadas ao sistema de segurança pública do estado. A 1ª Delegacia de Polícia Civil funcionava na Rua 14 de maio, centro e a 2ª Delegacia funcionava na Praça Ivar Saldanha, bairro do João Paulo. Na primeira metade da década de 1960, tio Mário Guimarães, filho do meu avô Ambrósio, foi delegado desse Distrito Policial. Anos depois, ele foi Promotor de Justiça em São Luís.



Viatura policial (Fonte: br.pinterest.com)

Nas décadas de 60 e 70, São Luís possuía poucos semáforos no centro da cidade, o trânsito era controlado por guardas de trânsito, nas ruas e avenidas, com os seus famosos apitos.



COMUNICAÇÃO

Rádio

As principais rádios na década de 1960 e 1970 eram as rádios Timbira, Ribamar, Difusora, Gurupi e Educadora. A radiofonia maranhense era composta de memoráveis locutores que brilhavam com seus programas de grandes audiências.

A Rádio Timbira foi a primeira emissora de rádio do Estado, fundada no dia 15 de agosto de 1940 pelo interventor, o médico Paulo Ramos, inicialmente com o nome de Rádio Difusora, sendo batizada mais tarde como Rádio Timbira. Em abril de 1963 a Rádio Timbira contrata o brilhante locutor esportivo Guioberto Alves, que veio de Macapá - AP, em abril de 1963, para substituir o também brilhante locutor esportivo Canarinho que tinha deixado a Rádio Timbira para atuar na Rádio Pioneira de Teresina. Outros memoráveis radialistas fizeram parte dessa emissora como Jairo Rodrigues, Edvan Fonseca, Jota Alves, Fernando Sousa, Luciano Silva e José Branco, entre outros.

Em 1947 foi fundada a Rádio Ribamar pelo empresário Gerson Tavares. Em 1953 essa emissora funcionava na Praça João Lisboa. Anos depois, a rádio foi passada para o deputado estadual Raimundo Vieira da Silva e deste, para o ex-governador Luís Rocha, que mudou o nome para Rádio Capital.

A Rádio Difusora foi fundada no dia 29 de outubro de 1955 pelos irmãos Raimundo e Afonso Bacelar. Lembro-me que na década de 1960, antes das transmissões esportivas aos domingos, o radialista Rui Dourado apresentava seu programa humorístico aos seus ouvintes "Futebol de Meia Tijela", no qual ele interpretava as vozes de diversos personagens. No ano de 1972 o locutor esportivo Guioberto Alves foi contratado da Rádio Difusora. No dia 10 de maio daquele ano ele fez sua última narração esportiva transmitindo o jogo em Teresina entre Sampaio Correa e Tiradentes, pois no dia seguinte, em companhia do repórter e comentarista Herbert Fontinele e Antônio Carlos Shuliber, técnico em eletrônica de rádio, viajavam numa Rural Willys, pertencente a Difusora, de volta para São Luís, quando trafegavam próximo a Peritoró um dos pneus do veículo estourou fazendo-o capotar por várias vezes, causando a morte do locutor, que sacou do veículo. Fontinele e Shuliber sofreram ferimentos leves. Na noite do dia 12 de maio de 1972, após sair do Curso Integrado para Engenharia - CIPE, me preparando para fazer o vestibular para Agronomia, eu e o amigo Jorge Feres comparecemos ao seu velório no auditório da Rádio e TV Difusora, na Camboa. Sua morte causou uma grande comoção na cidade. Nessa época a ponte Bandeira Tribuzzi estava em construção.

A Rádio Gurupi foi fundada em 1962 sob a direção de José Pires de Sabóia Filho. A emissora foi transferida para o Grupo Zildeni Falcão em 1980.

A Rádio Educadora afiliada à Rede Católica de Rádio foi fundada no dia 12 de junho de 1966. Inicialmente, a emissora funcionava em um casarão de azulejo, de



cor verde, na Rua do Sol, 535, centro da cidade. Somente em meados de 1990 a emissora mudou para sua sede própria na Rua Frei Querubim nº 57 no bairro Apicum.

Muitos radialistas fizeram sucesso e enaltecem a radiofonia maranhense, e como ouvinte do rádio, assim como meu pai, faço minha homenagem singela aos locutores Moreira Serra, Bernardo Almeida, Rayol Filho, Lauro Leite, Carlos Lemos, Zé Branco, Leonor Filho, Florivaldo Souza, Edy Garcia, Fernando Júnior, Edvaldo Assis, Murilo Campelo, Haroldo Silva, José de Assis, José Joaquim, Jafé Mendes Nunes, José Salim, Carlos Henrique, Oliveira Ramos, Murilo Costa Ferreira, além dos já citados acima e muitos outros que marcaram época e são lembrados com muito carinho e respeito pelos seus ouvintes.



Rádio portátil a pilha (Fonte: br.pinterest.com)

Jornal

Na década de 1960 existiam três jornais locais de grande circulação, jornal "O Imparcial", jornal "Pequeno" e "jornal do "Dia". O jornal "O Imparcial" foi fundado em 1º de maio de 1926. O jornal pertencia ao maior aglomerado da comunicação do país, os "Diários Associados", de propriedade do político Assis Chateaubriand. A sede do jornal ficava localizada na Rua Afonso Pena nº 46, de onde saiu somente no ano de 1996, para o bairro São Francisco, na avenida Castelo Branco, local onde foi construída sua sede atual, localizada na Rua Assis Chateaubriand, no bairro Renascença.

O jornal "Pequeno" foi lançado no dia 29 de maio de 1951 pelo jornalista José de Ribamar Bogéa. Com o seu tamanho reduzido e feição gráfica modesta, tornou-se o jornal mais popular dos anos 50 e 60.

O jornal do "Dia" circulou pela primeira vez no dia 08 de março de 1953. Foi adquirido pelo empresário e político Alberto Aboud e vendido ao, hoje, Grupo Mirante em 1960, porém continuou com o mesmo nome até o dia 1º de maio de 1973, quando surgiu o jornal "O Estado do Maranhão" em substituição ao jornal do

“Dia”.

Além dos jornais locais as bancas da cidade também vendiam os principais jornais do país como “O Globo”, “Jornal do Brasil”, “Correio Braziliense”, “O Estado de São Paulo”, entre outros.

Principais manchetes nacionais e internacionais que marcaram os anos de 1950, 1960 e 1970, publicadas nos jornais do país e que influenciaram na vida dos maranhenses, foram as seguintes:

Década de 1950

- DIA 16/07/1950 – “BRASIL PERDE A COPA DO MUNDO PARA O URUGUAI”
- DIA 31/01/1951 – “GETÚLIO VARGAS ASSUME A PRESIDÊNCIA DO BRASIL”
- DIA 24/07/1952 – “O ATLETA ADHEMAR DA SILVA É OURO EM HELSINQUE”
- DIA 27/07/1952 – “O ADEUS A EVITA PERON NA ARGENTINA”
- DIA 06/03/1953 – “MORRE O LÍDER DA URSS JOSEF STALIN”
- DIA 28/07/1953 – “TERMINA A GUERRA DA CORÉIA”
- DIA 06/08/1954 – “ATENTADO CONTRA CARLOS LACERDA”
- DIA 25/08/1954 – “O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS COMETE SUICÍDIO”.
- DIA 20/09/1955 – “PERON RENUNCIA NA ARGENTINA”
- DIA 03/10/1955 – “JK É ELEITO PRESIDENTE DO BRASIL”
- DIA 31/01/1956 – “JK ASSUME A PRESIDÊNCIA DO BRASIL”
- DIA 07/09/1956 – “PELÉ INICIA SUA CARREIRA NO SANTOS”
- DIA 27/11/1956 – “ADHEMAR SILVA GANHA O BI OLÍMPICO NO SALTO TRIPLO”
- DIA 05/10/1957 – “RÚSSIA LANÇA O PRIMEIRO SATÉLITE ESPACIAL”
- DIA 29/06/1958 – “BRASIL CAMPEÃO MUNDIAL DE FUTEBOL NA SUÉCIA”
- DIA 29/10/1958 – “JOÃO XXIII É ELEITO O NOVO PAPA”
- DIA 03/01/1959 – “VITÓRIADA REVOLUÇÃO CUBANA”
- DIA 05/07/1959 – “A TENISTA ESTHER BUENO VENCE EM WIMBLEDON”

Década de 1960

- DIA 21/04/1960 – “BRASÍLIA É A NOVA CAPITAL DO PAÍS”
- DIA 05/10/1960 – “JÂNIO ELEITO PRESIDENTE DO BRASIL”
- DIA 18/11/1960 – “ÉDER JOFRE É CAMPEÃO MUNDIAL DE BOXE”
- DIA 13/04/1961 – “O HOMEM VAI AO ESPAÇO, O RUSSO YURI GAGARIM”
- DIA 15/08/1961 – “MURO DIVIDE A ALEMANHA”
- DIA 26/08/1961 – “PRESIDENTE JÂNIO RENUNCIA”
- DIA 17/06/1962 – “BRASIL É BICAMPEÃO DE FUTEBOL NO CHILE”



- DIA 12/10/1962 – “TEM INÍCIO O 21º CONCÍLIO ECUMÊNICO”
DIA 23/11/1963 – “PRESIDENTE KENNEDY DOS EUA É ASSASSINADO”
DIA 01/04/1964 – “MILITARES TOMAM O PODER NO PAÍS”
DIA 06/04/1965 – “REALIZAÇÃO DO PRIMEIRO FESTIVAL DA MPB”
DIA 26/04/1965 – “INAUGURAÇÃO DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO NO RIO”
DIA 26/11/1965 – “FUNDAÇÃO DO PARTIDO MDB”
DIA 27/12/1965 – “FUNDAÇÃO DO PARTIDO ARENA”
DIA 03/12/1966 – “COSTA E SILVA FOI ELEITO PRESIDENTE DO CONGRESSO”
DIA 10/10/1967 – “CHE GUEVARA É CAPTURADO E MORTO”
DIA 05/04/1968 – “MARTIN LUTHER KING É ASSASSINADO NOS EUA”
DIA 28/05/1968 – “O PRIMEIRO TRANSPLANTE DE CORAÇÃO NO BRASIL”
DIA 06/06/1968 – “ROBERT KENNEDY É ASSASSINADO NOS EUA”
DIA 13/07/1968 – “MARTA VASCONCELES VENCE O CONCURSO MISS UNIVERSO”
DIA 22/07/1969 – “O HOMEM CHEGA A LUA”
DIA 20/11/1969 – “REI PELÉ MARCA SEU MILÉSSIMO GOL”

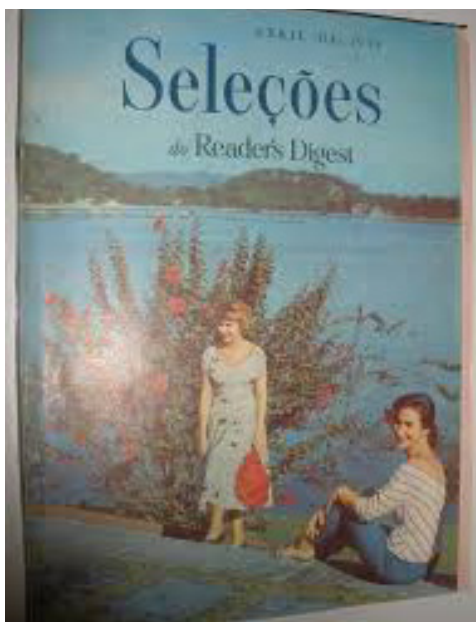
Década de 1970

- DIA 23/06/1970 – “BRASIL, TRICAMPEÃO DE FUTEBOL NO MÉXICO”
DIA 10/10/1970 – “COMEÇA A CONSTRUÇÃO DA TRANSAMAZÔNICA”
DIA 17/09/1971 – “CAPITÃO LAMARCA É MORTO”
DIA 25/02/1970 – “INCÊNDIO DESTRÓI O EDIFÍCIO ANDRAUS”
DIA 06/09/1972 – “MASSACRE DE MUNIQUE NAS OLIMPÍADAS”
DIA 10/09/1972 – “FITTIPALDI É CAMPEÃO DA FÓRMULA 1”
DIA 12/07/1973 – “BOEING DA VARIG CAI EM PARIS”
DIA 12/09/1973 – “GOLPE DE ESTADO NOCHILE”
DIA 02/02/1974 – “EDIFÍCIO JOELMA EM CHAMAS”
DIA 06/10/1974 – “FITTIPALDI É BICAMPEÃO DA FÓRMULA 1”
DIA 30/06/1974 – “ISABELITA PERON ASSUME A ARGENTINA”
DIA 09/08/1974 – “PRESIDENTE NIXON DOS EUA RENUNCIA”
DIA 30/04/1975 – “CHEGA AO FIM A GUERRA DO VIETNÃ”
DIA 24/08/1976 – “ACIDENTE DE AUTOMÓVEL MATA JK”
DIA 22/05/1977 – “MORRE CARLOS LACERDA”
DIA 26/07/1978 – “NASCE O PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA”
DIA 21/11/1978 – “SEITA EXECUTA RITUAL DE SUICÍDIO COLETIVO”
DIA 23/08/1979 – “APROVADA NO CONGRESSO A LEI DA ANISTIA”

Revista

A Distribuidora Maranhão Piauí Ltda – DIMAPI, era a distribuidora de revistas para os estados do Maranhão e do Piauí, e nas décadas de 1960 e 1970, a sua loja, ficava localizada na Rua Grande, térreo do Edifício Caçara.

As principais revistas que chegavam, do sudeste do país, para as bancas de jornais e revistas da capital eram “O Cruzeiro”, “Fatos e Fotos”, “Manchete” e “Grande Hotel”, “Seleções”, revistas semanais que cobriam variados assuntos, como a vida das personalidades do cinema e esportes, saúde, culinária, política e moda, sempre com muitas fotos.



Revista Seleções (Fonte: br.pinterest.com)



Capa da revista Cruzeiro (Fonte: br.pinterest.com)

Para os adeptos das novelas as revistas “Sétimo Céu”, “Amiga”, “Intervalo”, “Contigo” e “Capricho” eram as preferidas desse público, além das fotonovelas, também destacavam as músicas, moda, culinária e horóscopo da semana.

As revistas mensais destinadas ao público feminino campeãs de vendas eram, “Pais & Filhos”, “Ele e Ela” e “Figurino”.

E para o público masculino, adepto de carros, era a revista “Quatro Rodas” que era a sucesso de vendas.

As revistas em quadrinhos infantis, preferidas da época, eram as de Walt Disney como “Tio Patinhas”, o pato rico e pão duro, o ratinho “Mickey”, o cão lerdo “Pateta”, o papagaio brasileiro “Zé Carioca”, o zangado “Pato Donald”, o criativo “Professor Pardal”, “Gasparzinho”, fantasmilha camarada e os terríveis foras da lei “Irmãos Metralha”.



No esporte cheguei a comprar alguns exemplares da revista semanal "Placar", que trazia um resumo dos jogos de diversos campeonatos estaduais com destaque para o futebol carioca.

Televisão

No dia 18 de setembro de 1950 foi inaugurada por Assis Chateaubriand a TV Tupi, no estado de São Paulo, sendo o primeiro canal de televisão do Brasil e da América Latina.

Em São Luís, no dia 09 de novembro de 1963 foi inaugurada a TV Difusora Canal 4, pertencente aos irmãos Magno e Raimundo Bacelar, sendo a pioneira no Maranhão e foi instalada no 10º andar do edifício João Goulart, na Praça Dom Pedro II, centro da capital, cujo prédio foi construído em 1957.



Prédio do Edifício João Goulart, primeira sede da TV Difusora (Fonte: pt.m.wikipedia.org)



O escritor Benedito Buzar publicou na revista *Legenda*, em agosto de 1968, o relato sucinto sobre a inauguração da TV Difusora:

São 21 horas do dia 9 de novembro de 1963. Reina uma expectativa ululante em São Luís, principalmente na área onde está concentrada sua população urbana. Em cada rua há um burburinho fora do comum e sintomático dos momentos que precedem ao anúncio das novidades. Existe um corre-corre inusitado de pessoas à procura de certas casas, onde curiosos e “penetras” acotovelam-se, ávidos, em busca de portas e janelas, a fim de que, mesmo espremidos, possam assistir a um acontecimento inédito, numa cidade tradicionalmente rotineira. [...] Enfim, é a cidade que está parada, absorta e à espera da boa nova. Simultaneamente, no 10º andar do Edifício João Goulart, num estúdio improvisado e acanhado, em meio a um calor irresistivelmente candente, o Ministro da Justiça, Dr. Abelardo Jurema, representando o Presidente João Goulart, acionava o dispositivo eletrônico que fazia com que aparecesse no vídeo a imagem da televisão, para contentamento de telespectadores, televisinhos e telepenetras. (BUZAR, 1968, p. 3).

Além do Ministro da Justiça estiveram presentes na inauguração da TV Difusora o governador do Maranhão Newton Bello, Miguel Arraes governador de Pernambuco, Petrônio Portela governador do Piauí e do prefeito de São Luís Costa Rodrigues.

Em sua inauguração, a TV Difusora apresentou três atrações como sendo: às 20h, festa de abertura; às 20:30h, apresentação de uma atração musical, e às 21h, programa de auditório.

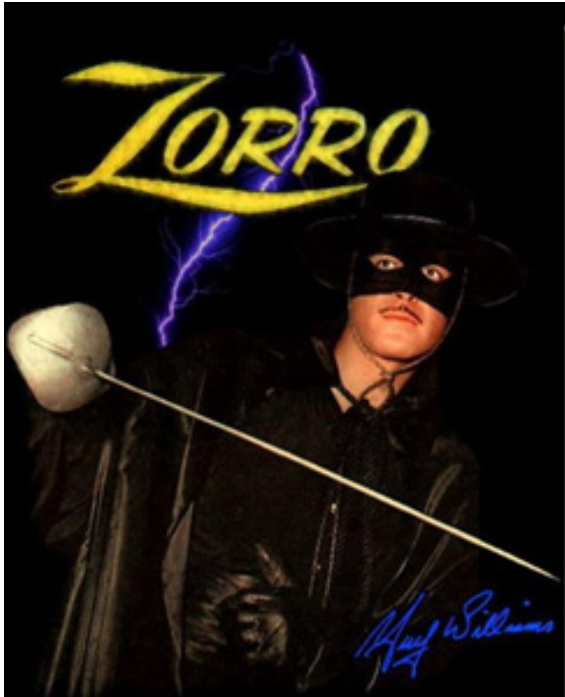
O ator e bailarino Reinaldo Faray e Genes Soares foram os responsáveis pelo sucesso das primeiras telenovelas e musicais apresentados pela TV Difusora. Reinaldo Faray escrevia, roteirizava, adaptava obras, atuava e dirigia as produções locais, auxiliado por uma equipe de técnicos, cenógrafos, atores, costureiros e maquiadores.

A programação a princípio era local e ao vivo, entre eles o telejornal da Difusora, denominado “Atualidades Maranhenses”, exibido de segunda a sábado com duração de quinze minutos e o programa humorístico “A cidade se diverte”, onde brilhavam os artistas da terra, os cantores Escurinho do Samba, a dupla Ponto e Vírgula, a dupla de crianças Fátima e Ribinha que faziam dublagem de músicas. Lembro-me da dublagem que eles fizeram com sucesso da música “Upa Neguinho” de Elis Regina. Tinha também o palhaço Marreta divertindo a criançada. Reinaldo Faray era também diretor de novelas e do programa musical “Brotos no 4”, entre outros expoentes da comunicação maranhense.

Em 1965 com a chegada do videoteipe a TV Difusora passou a exibir programas nacionais que vinham em malotes de São Paulo, produzidos pelas Rede das Emissoras Unidas e pela Rede Tupi, o que gerava um atraso de 2 a 3 dias da exibição original no sudeste do país. Essa parceria com a TV Difusora durou até o ano de 1972. Programas como “Telecatch”, também chamado de “Os Reis do Ringue”, eram lutas de vale-tudo, com destaque para o lutador Ted Boy Marino, o querido



das garotas, filmes como "A Feiticeira", "Vigilante Rodoviário", o golfinho "Fliper", o cão militar "Rin-tin-tin", a heroica cadela "Lassie", "Perdidos no Espaço", "Batman", os filmes de "bang" "bang" como "Bonanza", "Zorro", "O Texano", "Diligência para o Oeste" e os desenhos animados como o gato "Manda Chuva", sua turma e o Guarda Belo, "Os Flintstones", a família pré-histórica, a eterna briga do gato e o rato "Tom e Jerry", o marinheiro "Popeye", "Corrida Maluca" entre outros, fizeram muito sucesso com a garotada na época. As imagens eram em preto e branco.



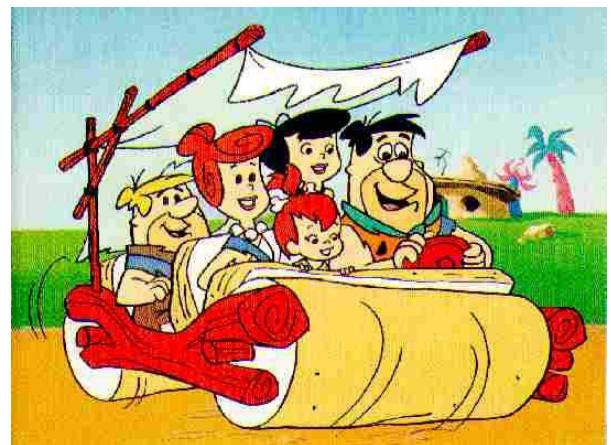
Seriado do Zorro (Fonte: pt.pinterest.com)



Seriado brasileiro Vigilante Rodoviário (Fonte: campinas.com.br)



Manda Chuva e sua turma (Fonte: br.pinterest.com)



Família Flintstones (Fonte: br.pinterest.com)

Nos anos 60 e 70, os filmes de James Bond, conhecido pelo código 007, o famoso agente secreto fictício, do serviço de espionagem britânico, faziam muito sucesso, tanta na TV como no cinema.



Filmes de James Bond – 007 (Fonte: etsy.com)

Com o sucesso dos filmes, surgiram as pastas executivas tipo 007, também com enorme sucesso de vendas.



Pasta executiva tipo 007 (Fonte: acasacomarte.com.br)

No final dos anos 50 a cantora Celly Campello fazia sucesso no rádio cantando “rock”, mas estourou nas paradas musicais com a música “Estúpido Cupido. Fazia sucesso também o gênero musical da Bossa Nova, com músicas eternizadas pelo cantor João Gilberto e outros grandes compositores e intérpretes como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Nara Leão, Elis Regina, Elizete Cardoso, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal entre outros.

Os discos eram de vinil, conhecidos também como bolachões, vinil ou Long Play (LP), ou seja, discos de longa duração, tocados em vitrola ou radiola ou toca discos. Os discos tinham no centro o selo da gravadora. As gravadoras mais famosas eram: Odeon, RCA Victor, Copacabana e CBS.



LP "O Inimitável" em vinil (Fonte: vinilrecors.com.br)



Capa do disco de Roberto Carlos 1968 (Fonte: vinilrecors.com.br)

No início dos anos 60 se dançava o "Twist", dança essa inspirada pelo "rock n' roll" de Elvis Presley e Chuck Berry. Porém, a década de 1960, foi marcada pelo grande acontecimento musical denominado iê-iê-iê, comandado por Roberto Carlos, o rei da juventude, que explodiu fazendo incrível sucesso com as músicas Calhambeque, "Splish Splash", entre outras.

Em 1964 foi ao ar, pela primeira vez, o programa musical de auditório, de enorme audiência nas tardes de domingo, "Jovem Guarda" pela TV Record de São Paulo, apresentado pelo cantor e compositor Roberto Carlos, conjuntamente com o cantor e compositor Erasmo Carlos, o Tremendão, e a cantora Wanderléa, a Ter-nurinha, e retransmitido para São Luís, pela TV Difusora, por videoteipe, alegrando nossas tardes de domingo. O programa apresentava grandes talentos da música jovem como Martinha, Eduardo Araújo, Silvinha, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani,

Vanusa, Agnaldo Rayol, Bobby di Carlo, Leno e Lílian, Ed Wilson, Deny e Dino, Os Vips, Trio Esperança, Rosimary, Agnaldo Rayol, Wilson Simonal, Sérgio Reis e uma infinidade de cantores inesquecíveis e bandas nacionais como Renato e Seus Blue Caps, Os Incríveis, Golden Boys, The Fevers, The Jordans, entre outras, que interpretavam seus sucessos musicais.

A Jovem Guarda foi um movimento comercial e apolítico, que mesclava música, comportamento e moda dos jovens maranhenses da época.



Programa de auditório "Jovem Guarda" (Fonte: efemeridesdoefemello.com)

O programa marcou época na TV, revolucionando a juventude brasileira e durou de 1964 a 1968, em pleno regime militar. Nesse tempo a moda feminina era o uso da minissaia, botas brancas e alguns penteados, imitando a cantora Wanderléa. Já os rapazes imitavam Roberto Carlos, usando cabelos e costeletas compridos, calça jeans apertada, de marca Lee e US Top, que faziam sucesso na moda ou calça boca de sino, botas, pulseiras, anéis e cordões. O anel "brucutu", muito utilizado pelos jovens, era uma pequena peça retirada do "fusca", que servia para compor esse adereço cromado nos dedos. O anel referia-se a música de sucesso de Roberto Carlos intitulada "Olha o Brucutu".



Anel brucutu (Fonte: br.pinterest.com)

As gírias faladas na época eram: "broto legal" (garota interessante), "barra limpa" (estava tudo em ordem), "dar bola" (corresponder aos apelos amorosos), "flertar" (namorar), "gamar" (apaixonar-se), "papo firme" (garota ou garoto bom de prosa), "papo furado" (conversa sem sentido), "prafrentex" (avançado, moderno), "chapa" (amigo), "paca" (muito), "pão" (homem bonito), "brotinho" (garota



bonita), "carango" (carro), "bicho" (cara, amigo), "calhambeque" (carro velho), "é uma brasa, mora" (é muito legal, saca), "lelé da cuca" (louco, desequilibrado), "morou?" (entendeu?) entre outras.

Essa época foi marcada pela influência das bandas de "rock" de sucesso mundial "The Beatles" e "Rolling Stones", como as bandas mais importantes da década de 1960. Em 1964 chega aos cinemas o primeiro filme da banda "The Beatles" com o nome "Os Reis do iê, iê, iê". Em São Luís esse filme foi exibido no cine Édén. Assistimos também na tela do cinema o filme "Na Onda do iê, iê, iê" com Renato Aragão, Chacrinha e os ídolos da jovem guarda Vanderley Cardoso, Renato e seus Blue Caps, Rosemary, Wilson Simonal, Os Vips e The Fevers e vários outros filmes da Jovem Guarda.



Banda de rock The Beatles (Fonte: br.pinterest.com)

De 1965 a 1969 também foram os anos de ouro da Música Popular Brasileira, com seus grandes festivais realizados na TV Excelsior e na TV Record, quando revelaram cantores como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Jair Rodrigues, Elis Regina, Nara Leão, Gal Costa, entre outros famosos, os maranhenses acompanharam pela nossa TV Difusora. Em abril de 1965 ocorreu o I Festival da Música Popular Brasileira pela TV Excelsior, onde consagrou-se campeã a música "Arrastão", interpretada por Elis Regina. O II Festival da Música Popular Brasileira foi realizado em 1966 pela TV Record, as músicas "A Banda" interpretada por Nara Leão e "Disparada" de Geraldo Vandré, interpretada por Jair Rodrigues, empatam em primeiro lugar. A canção "Gabriela" do compositor maranhense Chico Maranhão, participou, sendo defendida pelo quarteto MPB4 e ficou em sexto lugar.

No III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, em 1967, foi considerado por muitos o mais significativo. Nessa edição a canção vencedora foi "Ponteio" interpretada por Edu Lobo, mas outras músicas fizeram muito sucesso como "Domingo no Parque" de Gilberto Gil, "Roda Viva" de Chico Buarque e "Alegria, Alegria" de Caetano Veloso. O IV Festival da Música Popular Brasileira realizado pela TV Record foi em 1968 e a música vencedora foi "Benvinda" defendida por Chico



Buarque. O V e último Festival da Música Popular Brasileira foi realizado em 1969 e a canção vencedora foi "Sinal Fechado", interpretada por Paulinho da Viola.

Lembro-me dos Festivais Internacionais da Canção – FIC, apresentados pela TV Globo. No III FIC em 1968 a música campeão foi "Sabiá" interpretada por Cy-nara e Cybele. No IV FIC em 1969 a campeão foi "Cantiga por Luciana" defendida por Evinha. No V FIC em 1970 a música vencedora foi "BR-3" interpretada por Tony Tornado e Trio Ternura. Em 1972 foi realizado o VII FIC e a canção vencedora foi "Fio Maravilha" cantada por Maria Alcina.

Nas décadas de 1960 e 1970 assistimos pela televisão belos programas de auditórios apresentados por grandes comunicadores como J. Silvestre, com o seu programa "O Céu é o Limite", com o surgimento do bordão "absolutamente certo", Chacrinha, com seus programas "Buzina do Chacrinha" com seu bordão "vai para o trono, ou não vai?" e "Discoteca do Chacrinha", Flávio Cavalcanti, com seus programas "Programa Flávio Cavalcanti", "Um Instante, Maestro!" e "A Grande Chance", antes da fama a cantora Alcione Nazareth participou e venceu dois programas de calouros em 1976, Hebe Camargo com o seu programa "Hebe" e Sílvio Santos, com o seu "Programa Sílvio Santos", cada um com o seu estilo próprio.

Surgiu também o Tropicalismo, movimento liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil e atraiu seguidores de talento tais como Tom Zé, Maria Bethânia, Gal Costa e Os Mutantes da Rita Lee, enriquecendo a Música Popular Brasileira, tornando esses anos como os mais importantes para a música, visto que os grandes sucessos nacionais e internacionais, dessa época, se tornaram inesquecíveis e são lembrados e ouvidos até os dias de hoje.

Naquele tempo poucas pessoas possuíam televisão em seus lares. As famílias que tinham compartilhavam suas salas com os vizinhos para assistirem a programação. Meu avô Ambrósio adquiriu sua primeira televisão em 1965 e como eu morava próximo a sua residência, assistia os programas exibidos em rede nacional, bem como as atrações locais, diariamente. A televisão só entrava no ar com sua programação às 18 horas. A casa de tia Mariana, que ficava em frente a nossa, na Rua da Carioca, no bairro do Monte Castelo, também possuía televisão e muitas vezes eu assistia filmes e programas da Jovem Guarda em sua residência.

A TV Difusora retransmitiu muitas novelas pela Rede das Emissoras Unidas e pela Rede Tupi, entre elas a telenovela "Redenção" exibida pela extinta TV Excelsior de 1966 a 1968, com 596 capítulos, foi a novela mais longa da TV brasileira surgindo, inclusive, o verbo "marocar", pois tinha uma personagem, dona Maroca, que vivia uma fofqueira, "A Grande Viagem" foi outra novela sucesso na TV Excelsior, exibida em 1966, na TV Tupi a novela "Antônio Maria" foi sucesso exibida de julho de 1968 a maio de 1969. Nos anos 70 a TV Globo exibiu, através de sua afiliada a TV Difusora, grandes novelas que fizeram sucesso como "Irmãos Coragem", "Selva de Pedras", "Cavalo de Aço", "Saramandaia", "O Bem-Amado", "O Semideus", "Fogo sobre Terra", "Escalada", "Pecado Capital", "O Casarão", "O Astro", "Dancin Days" e

“Pai Herói”.

A nossa TV Difusora também retransmitia grandes programas humorísticos da televisão brasileira que divertiram muito os maranhenses, como “A Família Trapo”, da TV Record, tendo como humorista principal o grande Ronald Golias, que fazia o papel do atrapalhado “Carlos Bronco Dinossauro”, mas tinha também no elenco Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Ricardo Corte Real, Cidinha Campos, Sonia Ribeiro e o jovem gordo Jô Soares, que iniciava sua carreira. O programa ficou no ar de 1967 a 1971.

Os programas humorísticos da TV Globo nas décadas de 1960 e 1970, que obtiveram sucessos de audiência, junto ao público maranhense, foram os seguintes: “Faça Humor, Não Faça Guerra”, além de Jô Soares e Renato Corte Real, as estrelas principais do programa, o elenco contava com os atores e humoristas Miéle, Sandra Bréa, Berta Loran, Paulo Silvino e Renata Fronzi. “Balança, Mas Não Cai”, onde tinha um quadro no programa com os personagens “o primo pobre e o primo rico”, vividos pelos atores Brandão Filho e Paulo Gracindo. “A Grande Família” com o elenco formado pelos artistas Jorge Dória (Lineu), Eloisa Mafalda (D. Nenê), Luiz Armando Queiroz (Tuco), Djenane Machado (Bebel), Paulo Araújo (Agostinho Carrara), Brandão Filho (Seu Flor) e Osmar Prado (Júnior).

Chico Anísio com o seu programa “Chico City”, criou vários personagens como o prefeito corrupto “Walfrido Canavieira”, o mentiroso “Seu Pantaleão” e o locutor “Roberval Taylor”, entre outros. “Satiricon” tendo no elenco os humoristas Jô Soares, Renato Corte Real e Agildo Ribeiro, entre outros humoristas. “Os Trapalhões”, foi o programa de maior duração na televisão brasileira com o quarteto Renato Aragão (Didi), Manfred Santana (Dedé), Antônio Carlos Bernardes Gomes (Mussum) e Mauro Faccio Gonçalves (Zacarias). A “Praça da Alegria”, apresentava quadros como “a velha surda” com Rony Rios, “Pacífico” com Ronald Golias, entre outras atrações. O “Planeta dos Homens”, com os atores Jô Soares e Agildo Ribeiro, entre outros atores e “Super Bronco” permaneceu no ar somente em 1979, com o humorista Ronald Golias.

O grande acontecimento mundial, no final dos anos de 1960, foi a chegada do homem à Lua, no dia 21 de julho de 1969, na nave Apollo 11, tripulada pelos astronautas norte-americanos Neil Armstrong, Buzz Aldrin e Michael Collins, assistimos a retransmissão em São Luís, através de videoteipe.



Em 1972 chegou a TV a cores trazendo o colorido de alegria aos telespectadores. Naquele ano a TV Difusora firmou contrato de afiliação com a Rede Globo, porém a emissora maranhense já transmitia o Jornal Nacional desde 1969. A emissora também intercalava sua programação com os programas da Rede Tupi e da Rede de Emissoras Independentes – REI. Com a inauguração da Empresa Brasileira de Telecomunicações – EMBRATEL, em São Luís, as transmissões dos programas pela televisão passaram a serem apresentadas ao vivo.

Em 1973 a TV Difusora muda-se, do Edifício João Goulart para o prédio próprio no bairro da Camboa, onde funcionou a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos Maranhense, desativada em 1959.

A TVE Maranhão – TV Educativa Canal 2, pertencente ao governo do Estado, foi inaugurada em 1969, e foi a segunda emissora de televisão de São Luís, instituição com fins educativos, que transmitia aulas pela TV e ficava localizada na Avenida Kennedy, no bairro de Fátima, antigo Cavaco.

Cartas e Telegramas

Dos anos 50 e até o final dos anos 60, a carta escrita eram colocada dentro de um envelope, para ser expedida no posto da Empresa de Correios e Telégramos – ECT, para o destinatário. Era o principal meio de comunicação das pessoas que residiam fora da capital.

O telegrama era utilizado para mensagens curtas, pois o seu custo era cobrado pelo número de palavras enviadas, mas o retorno das mensagens era mais rápida. Os rádios, através dos seus comunicadores, exibiam programas, ao amanhecer e ao entardecer, para enviarem mensagens aos ouvintes dos interior e fora do Estado.



Selo comemorativo ao milésimo gol de Pelé (Fonte: br.pinterest.com)



Telefone

Após a instalação da Companhia de Telecomunicação do Maranhão – TELMA, no início dos anos 70, fazia-se ligação intermunicipal ou interestadual, em cabines internas fechadas, nos seus postos de serviço. Até o final da década de 1960, poucas famílias possuíam telefones fixos em suas residências, mas a ligação era local, ou seja, só dentro da cidade. Na década de 1970 surgiram os planos de expansão de linhas telefônicas residenciais da TELMA, muitas famílias adquiriram, inclusive meus pais. A empresa de telecomunicação TELMA, distribuía para os seus assinantes, uma lista telefônica, também conhecida como catálogo telefônico das “páginas amarelas”, contendo os nomes, endereços e telefones residenciais e comerciais da cidade.



Catálogo telefônico conhecido como páginas amarelas (Fonte: br.pinterest.com)

Nos anos de 1970 surgiu o “orelhão”, como era mais conhecido, servia de proteção do telefone público e do usuário. A companhia telefônica do Maranhão, TELMA, instalava os “orelhões” em calçadas de ruas e avenidas, e nas praças da cidade. Para desfrutar do serviço, o usuário precisava adquirir fichas telefônicas, disponibilizadas nos comércios, geralmente, próximos dos aparelhos.



Aparelho telefônico com fichas (Fonte: br.pinterest.com)



Orelhão com aparelho telefônico (Fonte: xpecialdesign.com.br)

CULTURA



Centro de Cultura Popular
(Fonte: wikimapia.org)

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, o Maranhão conviveu com o maior personagem na cultura cênica, habilidoso ator, diretor de teatro, mestre de dança, bailarino, coreógrafo, cenógrafo e figurinista maranhense, o professor universitário Reynaldo Faray Coelho, natural da cidade de Cururupu. Em 1960 ele formou o maior grupo de teatro experimental do Maranhão. Em 1971 fundou a Academia Maranhense de Ballet, num prédio anexo a UFMA. Em 1976, mudou a Academia para sua sede própria, na Avenida Getúlio Vargas, no bairro Monte Castelo, patrocinado pela Fundação Cultural do Maranhão, em reconhecimento pelos seus relevantes serviços prestados a dança do estado. Foram mais de 1200 espetáculos encenados e dirigidos por ele.

No ano de 1972 foi fundado o Laborarte, grupo artístico independente, com sede em um casarão colonial, na Rua Jansen Miller, no Centro Histórico, que desde então, vem realizando com jovens, vários trabalhos culturais nas áreas de teatro, dança, música, capoeira, entre outras atividades.

O Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho é um centro cultural localizado na Rua do Giz, no Centro Histórico.

Instalado num sobrado do século XIX, de três pavimentos, o Centro apresen-



ta exposições permanentes aos visitantes. Estão expostas temas relacionados às Religiões de Matriz Africana, Divino Espírito Santo, Carnaval de São Luís, Bumba-Meu-Boi, devoção a São José de Ribamar, com vestimentas, adereços e objetos usados em festas e nas manifestações folclóricas.

Música

No cenário nacional alguns cantores e compositores maranhense alcançaram a fama, como foi o caso do cantor e compositor maranhense João do Vale, que desde meados dos anos de 1960 já fazia sucesso nacional, com as músicas de sua autoria "Teresina a São Luís", "Carcará", "Peba na Pimenta" e "Pisa na Fulô", entre outras, usando temas do sertão nordestino e sendo algumas interpretadas por cantores famosos como Luiz Gonzaga, Chico Buarque, Nara Leão e Maria Betânia.

Nos anos 60 e 70, outro maranhense fazia sucesso no cenário nacional, era o cantor e compositor Cláudio Fontana, com suas belas canções como, "Adeus Ingrata", "Recordações de Ypacaraí", "O Homem de Nazaré", "São Luís, Ilha do Amor", "Doce de Côco", "Menina de Trança", entre outras.

Na trilha sonora da novela Irmãos Coragem exibida em 1970 pela Rede Globo, a música de abertura era do compositor maranhense Nonato Buzar em parceria com Paulinho Tapajós e interpretada por Jair Rodrigues, com o nome "Irmãos Coragem" e fez enorme sucesso.

Nos anos 70, a cantora Alcione Nazaré começou a sua exitosa carreira, no cenário nacional, com a música "Não Deixe o Samba Morrer". Em 1975 ela lançou seu primeiro LP intitulado "A Voz do Samba", contendo músicas como "O Surdo" e "Não Deixa o Samba Morrer", recebendo seu primeiro Disco de Ouro, aumentando sua popularidade e sucesso nacional. Ela gravou sucessos em várias gravadoras do país.

No cenário local, em setembro de 1971 foi realizado o I Festival da Música Popular Brasileira no Maranhão, no Ginásio Costa Rodrigues, por iniciativa da Coordenadoria de Turismo e Cultura Popular de São Luís. Foram 130 músicas inscritas, mas somente doze músicas foram selecionadas para a grande final, concorreram belas músicas como, "Toada Antiga" de Ubiratan Sousa e Souza Neto, interpretada pelo grupo Os Atuais, "Mil Horas" de Zé Américo e Oberdan Oliveira, cantada por Vânia, "Onde Anda" de Antenor Bogéa e interpretada por Zezé e Coral do Joab, "Fuga e Antifuga" de Sérgio Habibe, cantada por Lyra Mattos, "Boqueirão" de Giordano Mochel, defendida pelo Coral de Joab, "Bonzo" interpretada por Ubiratan Sousa, "Como É Que Vai", de Arcelino, João e Oscar e defendida pelo Coral de Joab, "Sem Compromisso" música de Ronaldo Mota e cantada por Ubiratan Sousa, "Lamento de Não Estar Aqui" de Cyrano Gandra Filho e interpretada por Lyra Mattos, "Descompassado" de Ubiratan Sousa e Souza Neto e defendida pelo grupo Os

Atuais, “Ladeira” de Oberdan Oliveira e cantada por Cosme Teixeira e “Louvação a São Luís” de Bandeira Tribuzzi e defendida por Lyra Mattos.

Em 1972 essas doze músicas foram lançadas num LP gravado no Rio de Janeiro. Assisti as apresentações, mas torcia pela música “Boqueirão”, apesar de achar a música “Louvação a São Luís” também muito linda. Foi através desse festival que a canção “Louvação a São Luís” de Bandeira Tribuzzi, tornou-se o hino oficial de São Luís.



Capa do LP do I Festival (Fonte: festivalesdempb.blogspot.com)

Em 1978 foi lançado o LP “Bandeira de Aço”, do cantor maranhense Papete, com músicas também dos compositores maranhenses como César Teixeira, Josias Sobrinho, Sérgio Habibe e Ronaldo Mota, mostrando para a mídia nacional a nossa música e abrindo portas para os nossos artistas.



Capa do LP Bandeira de Aço (Fonte: hbois.blogspot.com)

Nos anos 70 o grupo maranhense Nonato e seu Conjunto, lançou vários LPs fazendo muito sucesso com as músicas “Ana Paula”, “Beco Escuro”, “Bisavô”, “Cafuá”, entre outras. Foi o primeiro grupo musical maranhense a gravar um disco. O grupo fazia sucesso no Maranhão, chegou a se apresentar em várias cidades do Nordeste e foi uma das primeiras bandas do país a gravar um reggae.



Nonato e seu Conjunto (Fonte: discogs.com)

Cinema

Os cinemas Édén, situado num suntuoso prédio na Rua Grande e considerada a mais importante sala de projeções da cidade, foi inaugurado em 1949, hoje é uma loja de departamentos, Cine Roxy localizado na Rua do Egito, foi inaugurado em 1939, Cine Passeio foi inaugurado no final da década de 1960, localizado na Rua do Passeio, esquina com Rua Grande, hoje é um comércio, Cine Monte Castelo foi inaugurado no início da década de 1960, localizado na avenida Getúlio Vargas no bairro Monte Castelo, Cine Rex foi fundado em 1939, situado na avenida João Pessoa, ao lado do 24º Batalhão de Infantaria Leve no bairro João Paulo, hoje é uma agência bancária e Cine Rialto na Rua do Passeio, fundado em 1949, hoje pertence a livraria FTD. Os cinemas nessa época eram de rua e tinham amplas salas com poltronas de madeira.



Fachada do Cine Édén situado na Rua Grande. (Fonte: mapio.net)

Os cinemas apresentavam grande filas quando exibiam filmes épicos como “El Cid”, “Os Dez Mandamentos”, “Ben Hur”, de aventuras como “Tarzan, o Rei das Selvas”, de faroeste como “Sete Homens e Um Destino”, “Django” ou de comédia nacional com Mazzaropi.



Cadeiras de madeira de cinema (Fonte: br.pinterest.com)

Na época, as sessões de cinema, exibiam antes dos filmes, o cine-jornal Canal 100. Era um documentário com o resumo dos acontecimentos da semana, como a inauguração de Brasília em 1960, pelo presidente da República Juscelino Kubitschek, a renúncia do presidente da República Jânio Quadros em 1961, as conquistas do campeão de boxe Éder Jofre, o Galo de Ouro, o milésimo gol de Pelé, entre outros noticiários relevantes. No entanto, o auge do Canal 100 acontecia no final, com a apresentação dos lances dos principais jogos da semana, acompanhado da trilha sonora que eternizou a música “Na Cadência do Samba”, do compositor Luíz Bandeira e seus versos iniciais “Que bonito é, ver um samba no terreiro, assistir um batuqueiro, numa roda improvisar”. Com sua voz grave marcante, o locutor Cid Moreira, em início de carreira, era o narrador oficial. Quando o Flamengo conquistava algum título, a filmagem era ainda mais brilhante, devido à grande paixão do produtor Carlos Niemeyer, pelo rubro-negro carioca. Era um espetáculo à parte.

Além dos cinemas tradicionais de rua, existiam também os cines teatro Artur Azevedo, pertencente ao estado e Viriato Correa, de propriedade da Escola Técnica de São Luís, no Monte Castelo, que exibiam filmes, principalmente infantis.

Festas Juninas

Nos anos de 1960, a maioria das famílias, armavam suas fogueiras para acender no dia de São João, em frente as suas residências, nas calçadas ou nas ruas, pois o fluxo de veículos era muito pequeno. As fogueiras tinham um formato de pirâmide e nessa época, madeira não era problema, pois se encontrava com bastante facilidade para suas armações. Uma tradição junina era dançar fogueira ou pular fogueira, quando duas amigas “passavam fogueira” para serem comadres ou



a madrinha batizava sua afilhada, e ambas cantavam assim: “Santo Antônio disse, São Pedro confirmou, você vai ser minha comadre (ou madrinha), que São João mandou”. A partir daí eram comadres ou madrinha e afilhada de fogueira.

Nossos pais e nossas professoras do curso primário, nos introduziam nas manifestações folclóricas da cidade, sempre organizando e ensaiando quadrilhas juninas com os alunos, para apresentações nos colégios no dia de São João, nas quais, eu sempre participava, com o traje típico, camisa quadriculada, calça remendada, chapéu de palha e pintura no rosto, disfarçando um bigode.

Os arraiais com suas barracas construídas com palha e enfeitados com bandeirolas, estavam sempre repletos com comidas típicas, além de laranja, tangerina, manuê, mingau de milho, rolete de cana, entre outras, enquanto que na radiola se ouvia as músicas de quadrilha com os cantores de forró, baião e xaxado, que faziam sucesso da época, como os famosos Luíz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Trio Nordestino, Marinês, o maranhense João do Vale, e tantos outros, que animavam as noites de São João. Não esqueço o grande sucesso tocado em todas as rádios, na voz do inesquecível Luiz Gonzaga, “a fogueira tá queimando em homenagem a São João, o forró já começou oh, vamos gente arrasta pé nesse salão”. A criançada se animava acendendo e jogando bombinhas.



Roleta de cana, alimento típico dos antigos São João (Fonte: br.pinterest.com)

Na véspera e no dia de São Pedro a cidade se preparava e se alegrava para ver as apresentações dos grupos do bumba meu boi, com seus brincantes usando belas fantasias e adereços, enquanto os cantadores entoam belíssimas toadas, nos sotaques de orquestra, matraca e zabumba, porém, sem essa pompa de hoje, que fascina tanto os maranhenses como muitos turistas nacionais e internacionais, que



se deslocam até nossa cidade para assistirem e participarem desse folguedo, nos meses de junho e julho.

Nos anos de 1970, o arraial junino da cidade de São Luís era instalado no Parque do Bom Menino, com a construção de diversas barracas de palha para a venda de bebidas e comidas típicas. Era muito frequentado pela população ludovicense e tinha como atrações, a apresentação de bumba meu boi com variados sotaques, tambor de crioula, quadrilhas etc.

Carnaval

No carnaval, meu pai, seus irmãos Ludgard e Ribamar, os irmãos Clóves e Rui Habibe, o jornalista Vera Cruz Marques, entre outros, participavam todos os anos do bloco "Vira-Latas", um dos mais tradicionais de São Luís, e às vezes eu, com meus 5 a 6 anos de idade, era fantasiado por minha mãe, de fofão com guizos, para participar também do folguedo, que percorria as ruas, as praças e as avenidas do centro de São Luís. Participavam também desse bloco meus primos Luís Henrique e Emílio Carlos. Recordo-me chegando em casa, na Quinta, tarde da noite com meu pai, após o desfile do bloco, para a satisfação de minha mãe, que nos aguardava ansiosa e preocupada.

Na década de 1950, os blocos tradicionais em São Luís eram os "Vira-Latas", "Pif-Paf" e "Os Brotos", sendo o bloco "Vira-Latas" considerado o primeiro grupo de carnaval, fundado pela elite da cidade em 1933, assim como foi também o primeiro bloco carnavalesco a usar grandes tambores. O refrão da música do Vira Latas que cantávamos nos carnavais, era assim: *"Saímos pra mostrar nossa bandeira, mais de vinte anos que nós somos união, salve mocidade Vira Lata, como não, quem fala de nós tem paixão, a turma do Vira não perde e com alegria, festejamos o nosso cordão. É O VIRA LATAS"*.

Os antigos carnavais aconteciam nos clubes, com a realização de grandes bailes com desfile de fantasias, visitas promovidas em residências da cidade, conhecidos como "assalto carnavalesco", que podiam ser previamente programadas com a autorização do proprietário ou de surpresa nas residências, onde os foliões invadiam, no bom sentido da palavra e em ambiente civilizado, promovia a festa momesca, ao som das marchinhas de sucesso, as vezes, com a distribuição de bebidas, lanches e água, por parte dos donos das casas, além das ruas e avenidas, onde desfilavam as Tribos de Índios, os Blocos Organizados, os Corsos, a Casinha da Roça, as Charangas, os Blocos Alternativos e as Escolas de Samba.

Nosso carnaval era muito animado e contagiava a todos os foliões da cidade, principalmente nas ruas do Passeio, do Sol, das Hortas, Rio Branco, circuito Madre Deus, Praças Deodoro, João Lisboa e Dom Pedro II. São Luís era conhecida como o terceiro melhor carnaval do Brasil.



Os cursos eram agremiações carnavalescas que promoviam desfiles com moças em carroceria de caminhões, eram colocadas tábuas para que elas ficassem mais elevadas. As moças fantasiadas usavam blusa e saia coloridas, as barras da carroceria do caminhão eram cobertas com tecidos enfeitados, geralmente abordando o tema da fantasia, escolhida para aquele ano. A orquestra era formada por músicos, sempre com alguns instrumentos de sopro. As moças cantavam e batiam pandeirinhos, enquanto o caminhão desfilava pelas ruas e avenidas da capital.

Meu avô Ambrósio, no período carnavalesco, costumava preparar um líquido vermelho, conhecido como "sangue do diabo", e entregava para os seus netos colocarem no frasco de plástico, chamado "rodó", para borrifar nas pessoas que passassem na calçada, pois ficávamos no terraço, acima da garagem em sua residência, em frente à Escola Técnica.

Outra opção era ver os fofões, blocos de sujo e o Corso passarem na Avenida Getúlio Vargas. Geralmente a Rural Willys de vovô fazia três viagens ao centro, dirigida pelo seu neto mais velho Zequinha, para vermos o carnaval na Deodoro e na Madre Deus, onde desfilavam a Casinha da Roça, Tribos de Índios, Escolas de Samba etc. Cada viagem ia uma turma de netos.



Frascos de lança-perfume (Fonte: br.pinterest.com)

Os carnavais dos nossos clubes sociais, Cassino Maranhense, Grêmio Líteo Recreativo Português, Clube Recreativo Jaguaré, eram muito animados. O Clube dos Sargentos e depois Montese, realizavam também, grandes festas carnavalescas e tio José Ramos, Diretor Presidente, costumava nos convidar. Geralmente, as tardes de sábado e segunda-feira, eram destinadas para as crianças.

Era comum nessa época, as pessoas jogarem confetes e serpentinas, na multidão que brincava no salão, além do uso normal de lança-perfume, também conhecido como “loló”, nos salões dos clubes sociais, sendo proibido ainda nos anos 60, a sua comercialização, devido se tratar de uma “droga”, que causava efeitos físicos e psíquicos nas pessoas. No período momesco, os principais clubes sociais da cidade contratavam as bandas para tocarem com exclusividade.

Existia também o distante Califórnia Clube de Campo, localizado na estrada de Ribamar, próximo ao Pindaí, muito frequentado nas festas carnavalescas.

Além desses clubes frequentados pelas classes média e alta da sociedade ludovicense, no período carnavalesco surgiam os bailes populares ou de máscaras como “Berimbau”, “Bigorrilho”, “Saravá”, “Gruta do Satã” entre outros, onde as mulheres, de menor poder aquisitivo frequentavam, usavam máscaras e luvas, para se divertirem e não serem reconhecidas e rejeitadas pelos seus companheiros, caso não lhes agradassem. O ingresso das mulheres era gratuito, somente os homens pagavam, na bilheteria do clube popular, sua entrada.

Os bailes de máscara nos clubes populares, considerados como lugares de desordem, eram cada vez mais combatidos por parte da sociedade e algumas instituições, como a igreja católica, em defesa da moral, dos bons costumes e da família. O Monsenhor Ladislau Papp, representante da igreja, na época, fez a seguinte declaração no Jornal Pequeno:

Transformar a alegria popular em devassidão coletiva, misturar a venda de bebidas alcoólicas com a venda vergonhosa de honras, acumular o sacrifício moral das famílias, fazer do Carnaval porta aberta para a prostituição de dezenas de mocinhas mal avisadas é algo tremendamente cruel, desumano, anti-patriótico e fatal para qualquer povo civilizado. Centenas de mulheres fracas, e doentes, gastam suas minguadas energias em noitadas nas farras, bebedeiras, na perdição. Em clubes localizados nas artérias da cidade, infelizes escravas do meretrício misturam-se a moças e senhoras de qualidade duvidosa. Será que os poderes constituídos não poderiam, para remediar o mal, aplicar a tese da DEFESA, da nação, regulamentando o Carnaval em seus justos limites?

Com a constante oposição aos bailes de máscara, o prefeito Eptácio Cafeteira aderiu as manifestações e em janeiro de 1966 proibiu o uso de máscaras, com o argumento de que o poder público precisava agir em defesa dos costumes sadios e da moralidade da comunidade. Essa decisão de Cafeteira provocou uma grande discussão, uns apoiando e outros protestando, querendo que continuassem os bailes de máscara. Foi feita até uma marchinha muito cantada, que dizia “*Cafeteira não quer, máscara neste Carnaval, e aí tem muita gente que vai ficar se dando mal. Boa, seu Cafeteira, manda a máscara pra Lua, basta aqui os mascarados, que a gente vê todo o dia pela rua*”.



Circo e Parque de Diversão

Nos anos de 1960, os circos, quando vinham pra São Luís, ficavam instalados num terreno baldio existente no bairro do Diamante, próximo ao PAM Diamante, entre eles o Circo Garcia, o mais tradicional do Brasil, e eram muito frequentados, pois São Luís tinha poucas opções de lazer para as famílias. Sentado nas arquibancadas de madeira, assisti por diversas vezes seus espetáculos que apresentavam animais selvagens em jaulas com seus domadores, globo terrestre com seus exímios motociclistas, trapezistas, graciosas bailarinas, além dos engraçados palhaços.

Grandes circos estiveram em São Luís como o Circo Tihany e Orlando Orfei, mas o circo Garcia com sua tradicional lona foi o mais famoso.



Os parques de diversões quando chegavam na cidade, também instalavam-se em terrenos baldios, com suas rodas gigantes, carrossel, gangorra tipo barcaça, entre outras variedades de diversão, e apresentavam, suas grandes atrações, a “mulher gorila”, o “trem fantasma” e o “espelho mágico”.

A “mulher gorila” era uma jovem que adentrava numa jaula e lá ficava trancafiada, em frente aos jovens espectadores, que aguardavam sentados e ansiosos pelo desfecho do espetáculo. Os efeitos das cenas seguintes, mostravam ela se transformando em uma gorila raivosa, adquirindo pêlos no rosto e por todo o corpo, ameaçando sair da jaula, para desespero da plateia, que ficava em polvorosa.



Mulher Gorila dos Parques de Diversões (Fonte: br.pinterest.com)

O “trem fantasma” era outra atração que causava gritos e alvoroço na platéia, pois os passageiros do trem, formados, em sua maioria, por crianças, ao longo de um pequeno passeio, eram testemunhas de cenas horripilantes, que apareciam de

surpresa, em determinados momentos da passagem do trem, com pouca iluminação, para causar pânico mesmo.

Os “espelhos mágicos” ficavam fixados nas paredes de uma sala e refletia o rosto deformado e com variadas expressões, das pessoas que se aproximassem deles. Era muito divertido.

Outra atração circense muito perigosa, que tirava o fôlego da platéia, era o famoso Globo da Morte, com habilidosos motociclistas dentro de um globo, fazendo diversos tipos de malabarismo.



Globo da morte (Fonte: br.pinterest.com)

ESPORTES

Futebol

No futebol, Nhozinho Santos era o apelido do Sr. Joaquim Moreira Alves dos Santos, personagem que estudou vários anos na Inglaterra e de lá trouxe novidades, como o primeiro veículo a circular nas ruas de São Luís e foi o grande difusor e incentivador do futebol, sendo homenageado com o seu nome no estádio no bairro da Vila Passos, “Estádio Municipal Nhozinho Santos”, palco de grandes e memoráveis espetáculos futebolísticos, inaugurado no dia 1º de outubro de 1950.

Antes do Estádio Municipal Nhozinho Santos, também conhecido como o “Colosso da Vila Passos” existia o Estádio Santa Isabel, inaugurado em 1939 e pertencente a fábrica que patrocinava o Moto Clube, localizado no Canto da Fabril onde hoje estão situados a Igreja Universal do Reino de Deus, o Complexo Educacional João Francisco Lisboa e o prédio do Ministério da Fazenda. O Estádio Santa Isabel recebeu vários jogos importantes envolvendo times da capital contra grandes



clubes do sudeste do país como Flamengo, Vasco da Gama, Santos entre outros. O Estádio Santa Isabel pertencia à fábrica de mesmo nome e à Companhia Fabril Maranhense, de onde surgiu o nome Canto da Fabril.



A arquibancada do estádio Santa Isabel

Arquibancada do Estádio Santa Isabel. (Foto: Reprodução/Blog História do Futebol)

No dia 31 de janeiro de 1967 ocorreu a maior tragédia do futebol maranhense. O prefeito Cafeteira promoveu uma reforma no estádio Nhozinho Santos, ampliando sua capacidade para 20 mil espectadores. O MAC foi escolhido para a partida contra o América de Fortaleza na reinauguração do Estádio. O Nhozinho Santos estava lotado com aproximadamente 30 mil pessoas entre homens, mulheres e crianças, pois os portões foram abertos ao público para essa partida. Próximo ao término do primeiro tempo de jogo, uma caçamba descarregou uma carrada de pedras na calçada da Praça Catulo, que causou um grande barulho e alguém gritou que "o cimento quebrou, a geral está caindo". Foi o bastante para causar uma avalanche de pessoas se lançando para o alambrado e sendo que muitas foram pisoteadas com um saldo de 100 vítimas, algumas em estado grave.

Durante a fase de reformas do estádio Municipal Nhozinho Santos as partidas do campeonato maranhense foram realizadas no estádio Santa Isabel, após uma pequena reforma no campo de jogo.

Além dos três grandes clubes de futebol do Maranhão com maiores torcidas como Sampaio Correa Futebol Clube, Moto Club de São Luís e Maranhão Atlético Clube, nos anos 60 e 70 outros times disputaram os campeonatos maranhense como os extintos Ferroviário Esporte Clube, Sociedade Esportiva Tupan, Esporte Clube Nacional, Graça Aranha Esporte Clube, Vitória do Mar Futebol Clube e Ícaro Esporte Clube.

Em competições regionais o Sampaio Correa conquistou o torneio Maranhão – Piauí em 1964, competindo pelo Maranhão as equipes do Sampaio Correa, Moto Club e Maranhão e pelo Piauí disputaram as equipes do Ríver, Flamengo e Piauí. Em 1972 o Moto Club conquista o torneio Maranhão – Pará, participando pelo Maranhão as equipes do Sampaio Correa e Moto Club e pelo Pará disputaram as equipes do Paissandu e Remo. No ano de 1973 o Sampaio Correa conquistou o torneio

Maranhão – Pará com as mesmas equipes disputando o torneio. Em competições nacionais, em 1972 o Sampaio Correa conquistou o Campeonato Brasileiro da Série B.

Quando se aproximava a realização das copas do mundo de futebol, era costume em São Luís e no Brasil inteiro, os torcedores colecionarem figurinhas de jogadores da seleção brasileira em álbum. Cresci vendo meu pai colecionando álbum de figurinhas de jogadores nas copas do mundo de 1958, realizada na Suécia, e 1962, realizada no Chile, e preencher todo o álbum, nos quadrados correspondentes aos jogadores selecionados.



Álbum da seleção brasileira tricampeã em 1970 (Fonte: br.pinterest.com)

Esportes de Quadra

Para a prática dos esportes de quadra, São Luís dispunha de dois ginásios de esportes como sendo, o Ginásio Costa Rodrigues, construído pelo prefeito Cafeteira e inaugurado em 1966, sendo palco de grandes competições regionais, e o Ginásio Charles Moritz, pertencente ao SESC. Nesses ginásios eram disputados os JEMS – Jogos Estudantis Maranhenses, campeonato maranhense de futebol de salão, como era chamado na época, e memoráveis partidas amistosas de basquetebol e



futebol de salão da seleção maranhense com seleções de outros estados, dessas modalidades.

Os campeonatos e torneios de futebol de salão eram disputados por bons times como o Drible, Elmo, Sparta, Atenas, Sampaio, Santelmo, Graça Aranha, Cometa, Caraguatá, entre outros. Os jogos eram disputados no Ginásio Costa Rodrigues e nas quadras dos colégios.

O futebol de salão revelou grandes jogadores para o futebol de campo, sendo que o melhor deles foi o craque Djalma Campos, que vestiu as camisas do Moto e Sampaio, mas foi no Sampaio Correia que ele conquistou o título de campeão brasileiro da segunda divisão em 1972 e considerado, por muitos, como o melhor jogador do futebol maranhense.



Antiga sede do SESC na Praça Deodoro (Fonte: IBGE)

Lembro que logo após sua inauguração do Parque do Bom Menino, muitas vezes, nas tardes de sábado, jogava basquete e futebol de salão com alguns amigos, entre eles os irmãos Hermílio e Zeca Nina, que saíram das quadras do parque, para defenderem a seleção maranhense de basquetebol, em competições nacionais, como craques que eram desse esporte. Além dos irmãos Nina, também se destacaram no basquetebol maranhense os atletas Paulo Tinôco, Raul, Carlos, Rubinho, Gafanhoto, Binga, Zé Costa, entre outros.

O Maranhão se destacou nacionalmente no handebol na década de 1970. Em 1974 o Maranhão disputou o Campeonato Brasileiro de Handebol masculino adulto, em Fortaleza – CE e conquistou o 3º lugar. Em 1976 o Maranhão sagrou-se campeão do II Campeonato Brasileiro de Handebol masculino adulto, disputado em Belo Horizonte – MG, com a seguinte escalação: Luís Fernando, Mangueirão, Álvaro, Gilson, Rubinho, Ricardo, Joel, Moraes, Tião, Viché e Ivan. O técnico era o professor Laércio Elias Pereira. O jogador Sebastião Pereira, mais conhecido como

Tião, foi escolhido o melhor jogador de handebol do Brasil. Ele chegou a jogar na França e lá ficou conhecido como a “Maravilha Negra” do handebol mundial, título dado pelo jornal francês L’Équipe.

Em 1977, o Maranhão foi vice-campeão masculino de handebol e vice-campeão feminino de handebol dos Jogos Estudantis Brasileiros – JEB’s, disputado em Brasília – DF.

Em 1978, o Maranhão conquistou o 3º lugar masculino de handebol dos JEB’s, disputado em João Pessoa – PB.

Em 1979, no II Campeonato Brasileiro Juvenil de Handebol, realizado em São Luís, a equipe do Maranhão sagrou-se campeã brasileira.

TURISMO

Clubes Sociais

Os clubes sociais que a sociedade ludovicense frequentava eram os famosos: Clube Recreativo Jaguarema, Grêmio Lútero Recreativo Português e Casino Maranhense. Esses clubes, sempre bem frequentados, possuíam todos os equipamentos de lazer como piscinas para crianças e adultos, salões de festas, salões de jogos, quadras esportivas, campos de futebol, etc.

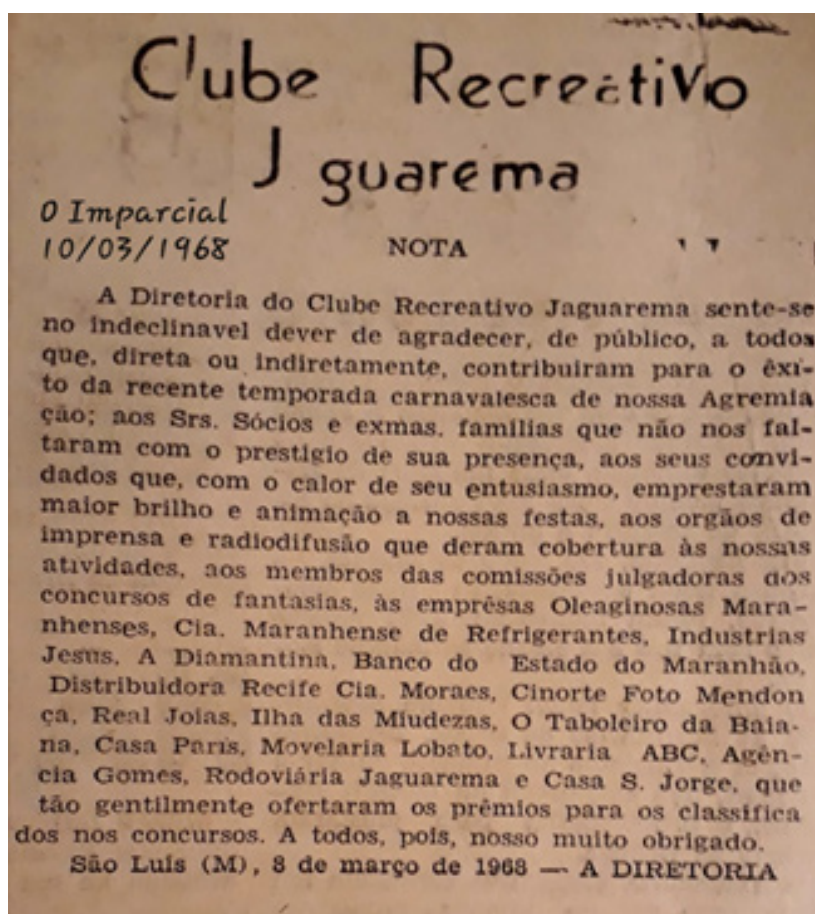
Nos finais de semana e durante as férias esses clubes eram as opções de lazer das famílias, visto que, a praia mais procurada pelos banhistas era a distante praia do Olho D’água, antes da ponte do São Francisco.

O Clube Recreativo Jaguarema, fundado em 03 de fevereiro de 1953, o mais elitizado, ficava localizado no bairro do Cutim Anil, era bastante frequentado pela alta sociedade maranhense, principalmente nos bailes das debutantes, quando a adolescente completava 15 anos de idade, reveillon e carnaval.

Na conclusão do curso de Engenharia Agrônômica, em julho de 1976, nosso baile foi realizada no Clube Jaguarema, com a presença dos formandos, parentes e amigos.



Fachada do Clube Recreativo Jaguarema(Fonte: biblioteca.ibge.gov.br)



Nota expressa pela diretoria do Jaguarema no jornal "O Imparcial" do dia 10/03/1968

O Clube LÍtero Recreativo Português foi fundado em 06 de agosto de 1931 por empresários portugueses. A sede social fica localizado, ainda hoje, na Rua do Sol, 55, na Praça João Lisboa, centro. A sede esportiva ficava localizada na rua Antônio

Raposo, 443, no bairro do Anil.

As memoráveis festas de carnaval e reveillon eram sempre muita concorridas. Nos anos de 1970, nos finais de semana, o Litero promovia festas em sua boate, mas o seu bar, carinhosamente chamado de “maracanãzinho”, dado o seu formato arredondado, era muito frequentado.



Parte interna do clube Grêmio Littero Recreativo Português

O Casino Maranhense ficava localizado na Avenida Baira Mar, 384 e dos três clubes, era o mais antigo. Os finais de semana também eram muito frequentados pelos sócios e convidados, principalmente, para o banho de piscina.



Clube Casino Maranhense (Fonte: aquilesemir.com.br)



Outro clube que a sociedade frequentava, menos elitizado, era o Clube dos Sargentos do Exército, localizado no bairro Apeadouro, na Vila Militar. Depois foi construída outra sede em parte do terreno do antigo Tiro de Guerra do Exército, próximo ao atual Mercado Público do João Paulo, mas já com o nome de Clube Montese, cujo primeiro presidente foi o tio José Ribamar Ramos, mais conhecido como capitão Ramos. Na adolescência frequentei muitos bailes carnavalescos, nesse clube, com minha família.

Praias e Rios

A praia frequentada nas décadas de 50 e 60, era a distante Olho D'água, única acessível antes das construções das pontes do Caratatiua e São Francisco. Para se frequentar a praia do Olho D'água o transporte era com veículo particular ou de ônibus, cujo itinerário passava pelos bairros do Monte Castelo, João Paulo, Filipinho, Anil, Cruzeiro do Anil, Turu e Olho D'água.

A cidade de São José de Ribamar era muito visitada pelos estudantes na década de 1960, nas férias escolares de julho e dezembro, onde passávamos parte das férias, naquela cidade balneária.

Era costume as pessoas atravessarem o canal andando ou nadando, com a maré baixa, para jogar bola na praia do Caúra ou apenas para tomar sol e voltavam quando a maré começava a encher. Fizemos essa travessia muitas vezes com parentes e amigos.



Igreja de São José de Ribamar com coreto na década de 1960. (Fonte: Acervo do IBGE)



Gruta do Calvário de São José de Ribamar na década de 1960. (Fonte: hbois.blogspot.com)

Nos anos de 1970, após a construção da ponte do Caratatiua, o percurso para a praia do Olho D'água ficou mais curto, pois foram construídas as Avenidas Daniel de La Touche e Mário Andreazza, diminuindo a distância para os banhistas, também para a praia do Araçagi.

Com a construção da ponte do São Francisco, a praia da Ponta D'áreia passou a ser frequentada pelos banhistas, pois era a mais próxima e de melhor acesso ao centro da cidade.

Outra opção de turismo e lazer era o banho nos rios do Maracanã e afluentes do rio Anil, em São Luís, nos rios Cururuca e São João, município de Paço do Lumiar e no rio Paciência, município de São José de Ribamar. Todos esses rios possuíam águas correntes e transparentes.

Vida Noturna

Quando a Avenida Marechal Castelo Branco foi construída no bairro São Francisco, surgiram várias opções de bares, restaurantes e casas noturnas, ao longo da avenida, que embalam as noites dos notívagos de São Luís. Recordo-me da "Peixaria Carajás" que era muito frequentada, da boate "Gaiola", do "Barril 81", era um bar com música ao vivo, local de encontro da juventude, ambos localizados na avenida, a boate "Tom Marron", também muito frequentada, localizada próximo ao retorno do São Francisco. Com a construção da Avenida Ana Jansen, ligando o



bairro do São Francisco ao bairro e praia da Ponta D'areia, surgiram várias boates como Corsário e Maré muito badaladas e frequentadas.

Nos anos 70, na praça Dom Pedro II, ao lado da Prefeitura, funcionava o "Terraço Bar" e ao lado do Colégio Marista, na Rua Grande, era a sede da Associação Atlética do Banco do Brasil – AABB e funcionava a boate "Porão", também muito frequentado pela juventude. Em 1974 lembro-me que na Avenida dos Franceses tinha a boate "Flag", na Vila Ivar Saldanha, nessa época a avenida terminava na entrada para a ponte do Caratatiua. No Canto da Fabril havia o "Hot Bar" e a boate "Califórnia", mas a boate "Cedro", localizada ao lado do ginásio esportivo Costa Rodrigues fez muito sucesso nas noites de sábados. Nessa época as boates já possuíam "luz negra" nas pistas dançantes. Além dos bares e boates o clube Lítero realizava algumas festas aos sábados à noite, nas suas sedes recreativa no bairro do Anil e social na Praça João Lisboa, no centro da cidade, também muito frequentadas pela sociedade.

No início dos anos 60 foi inaugurada, no bairro do Filipinho, a primeira churrascaria de São Luís, denominada Churrascaria Filipinho, sempre bem frequentada pelos seus clientes, nas décadas de 1960 e 1970.

Nos anos 60 e 70 era comum as famílias realizarem festas de aniversários em suas residências, e nesse período colegial, algumas vezes, fomos convidados para participarmos, com alguns colegas de turma da escola, outras vezes íamos como "penetras", ou seja, convidado por algum convidado da festa. Nesse ambiente de música, danças e bebidas, surgiam algumas paqueras e namoros.

CAPÍTULO IX

POLÍTICA NAS DÉCADAS: 1950 – 1960 – 1970

PRESIDENTES DO BRASIL

PRESIDENTE	PERÍODO
GASPAR DUTRA	31/01/1946 – 31/01/1951
GETÚLIO VARGAS	31/01/1951 – 24/08/1954
CAFÉ FILHO	24/08/1954 – 08/11/1955
CARLOS LUZ	08/11/1955 – 11/11/1955
NEREU RAMOS	11/11/1955 – 31/01/1956
JUSCELINO KUBITSCHK	31/01/1956 – 31/01/1961
JÂNIO QUADROS	31/01/1961 – 25/08/1961
RANIERI MAZZILLI	25/08/1961 – 07/07/1961
JOÃO GOULART	07/07/1961 – 02/04/1964
RANIERI MAZZILLI	02/04/1964 – 15/04/1964
CASTELO BRANCO	15/04/1964 – 15/03/1967
COSTA E SILVA	15/03/1967 – 31/08/1969
JUNTA GOVERNATIVA	31/08/1969 – 30/10/1969
GARRASTAZU MÉDICI	30/10/1969 – 15/03/1974
ESNESTO GEISEL	15/03/1974 – 15/03/1979
JOÃO FIGUEREDO	15/03/1979 – 15/03/85



GOVERNADORES DO MARANHÃO

GOVERNADOR	PERÍODO
SEBASTIÃO ARCHER	14/04/1947 – 31/01/1951
TRAIÁ RODRIGUES MOREIRA	31/01/1951 – 28/02/1951
EUGÊNIO BARROS	28/02/1951 – 14/03/1951
CÉSAR ABOUD	14/03/1951 – 18/09/1951
EUGÊNIO BARROS	18/09/1951 – 31/01/1956
ALDERICO MACHADO	31/01/1956 – 26/03/1956
EURICO RIBEIRO	26/03/1956 – 09/07/1957
MATOS CARVALHO	09/07/1957 – 31/01/1961
NEWTON BELLO	31/01/1961 – 31/01/1966
JOSÉ SARNEY	01/02/1966 – 14/05/1970
ANTÔNIO DINO	14/05/1970 – 15/03/1971
PEDRO NEIVA DE SANTANA	15/03/1971 – 15/03/1975
JOSÉ MURAD	15/03/1975 – 31/03/1975
NUNES FREIRE	31/03/1975 – 15/03/1979
JOÃO CASTELO	15/03/1979 – 14/05/1982

PREFEITOS DE SÃO LUÍS

PREFEITO	PERÍODO
COSTA RODRIGUES	30/08/1948 – 15/03/1951
EDSON BRANDÃO	15/03/1951 – 12/09/1951
ALEXANDRE COSTA	12/09/1951 – 07/10/1953
EDUARDO PEREIRA	07/10/1953 – 30/06/1954
ORFILA NUNES	30/06/1954 – 01/02/1955
IVAR SALDANHA	01/02/1955 – 31/03/1956
EMILIANO MACIEIRA	31/03/1956 – 08/04/1959
IVAR SALDANHA	08/04/1959 – 15/10/1962
RUI MESQUITA	15/10/1962 – 06/04/1963
DJARD MARTINS	06/04/1963 – 31/01/1966
EPITÁCIO CAFETEIRA	01/02/1966 – 15/10/1969
VICENTE FIALHO	15/10/1969 – 01/05/1970
JOSÉ LIBÉRIO	01/05/1970 – 15/03/1971
HAROLDO TAVARES	15/03/1971 – 15/03/1975
BAYMA JÚNIOR	15/03/1975 – 15/03/1978
IVAR SALDANHA	15/03/1978 – 15/08/1978
LIA VARELA	15/08/1978 – 01/03/1979
LERENO NUNES	01/03/1979 – 23/03/1979
MAURO FECURY	23/03/1979 – 25/03/1980

Governo Eugênio de Barros: 1951 – 1956

O senhor Eugênio de Barros, natural de Matões (MA), foi eleito governador do Maranhão em outubro de 1950 pelo Partido Social Trabalhista – PST, liderado pelo político Vitorino Freire. Ele governou o Estado de 1951 a 1956 e teve como vice-governador Renato Archer. Antes que a Justiça Eleitoral decidisse a favor de Eugênio de Barros, seu opositor, Saturnino Bello, foi aclamado vencedor nas urnas, no entanto, denúncias de fraudes levaram a “depuração” de seus votos, até que o rival o superasse. Saturnino Bello, todavia, faleceu no dia 16 de janeiro de 1951, vítima de derrame cerebral em meio às polêmicas que surgiram.

O imbróglgio político teve início quando a oposição contestou a derrota nas



urnas pelo que chamou de “manobra” e em razão disso, manifestações na capital resultaram num desagrado popular manifestado por conflitos, tiroteios e mortes, exigindo a intervenção da Polícia Militar e do Exército Brasileiro, sendo, a partir dessas greves, São Luís ficar conhecida como “Ilha Rebelde”.

Na tentativa de invasão do Palácio dos Leões, os grevistas chamados de “Soldados da Liberdade”, entregaram uma bandeira nacional para “Bota pra Moer”, um maluco que andava pelas ruas de São Luís, e o colocaram, na frente, em marcha, rumo ao Palácio. Quando ele viu os soldados de armas em punho, em frente ao Palácio, entregou a bandeira para uma pessoa, ao seu lado, e disse: “Até aqui eu vim, daqui pra frente, arranjem outro, mais doido do que eu”.

O novo governador teria cinco anos de mandato a começar em 31 de janeiro de 1951, porém uma disputa judicial fez com que o poder fosse entregue ao desembargador Traiaú Rodrigues Moreira. Empossado em 28 de fevereiro de 1951, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral –TSE, Eugênio de Barros, deixou o cargo em 14 de março, em favor do deputado César Aboud, presidente da Assembleia Legislativa do Maranhão.

O governador Eugênio de Barros assumiu o cargo, em caráter definitivo, no dia 18 de setembro de 1951, ao lado do vice-governador Renato Archer, e governou até 31 de janeiro de 1956.

Governo Matos Carvalho: 1957 – 1961

O médico José de Matos Carvalho, natural de Barreirinhas (MA), secretário de Educação e Cultura no governo de Eugênio Barros foi eleito governador do Maranhão, derrotando o brigadeiro Hugo da Cunha Machado, para dirigir os destinos do Estado no período de 1957 a 1961, na legenda do PSD, tendo como vice-governador Alexandre Alves Costa. No governo Matos Carvalho foram criadas a Secretaria de Agricultura e Secretaria de Viação e Obras Públicas, os Serviços de Imprensa e Obras Gráficas do Estado – SIOGE e a Penitenciária Agroindustrial.

Nessa época, a energia fornecida para São Luís era feita pelo Serviço de Água, Esgotos, Luz, Tração Elétrica e Prensa de Algodão – SAELTPA, que substituiu a empresa de energia elétrica norte-americana Ulen Company. Em 1959 a SOELTPA foi desmembrada em três Órgãos: a Centrais Elétricas do Maranhão – CEMAR, o Departamento de Água e Esgotos Sanitários – DAES e o Departamento de Transportes Urbanos de São Luís – DTUSL.

Governo Newton Bello: 1961 – 1966

O promotor de justiça Newton de Barros Bello, natural de São Bento (MA), foi secretário de interior e Justiça no governo de Matos Carvalho e elegeu-se governador do Maranhão em 1960, pela legenda PSD, derrotando Clodomir Millet, assumido os destinos do Estado no período de 1961 a 1965. O vice-governador foi o senhor Alfredo Salim Duailibe.

Ditadura Militar no Brasil: 1964 – 1985

Apesar dos militares prometerem que seria uma intervenção breve, a ditadura militar durou 21 anos e teve cinco “presidentes-generais”, que impuseram um regime autoritário sustentado por Atos Institucionais – AI.

Governo Castelo Branco – 1964 a 1967

A Ditadura Militar foi o regime instaurado no Brasil em 1º de abril de 1964 e durou até 15 de março de 1985. O golpe militar, que teve apoio de parte da população civil, como empresários, igreja, imprensa e classe média, tinha como objetivo evitar avanços nas organizações populares do governo do presidente da república João Goulart, conhecido como “Jango”, acusado de comunista. Com a deposição de João Goulart, pelas Forças Armadas, assumiu o comando da nação o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, natural do estado do Ceará.

Em outubro de 1965 o presidente Castelo Branco editou o AI – 2, extinguindo todos os partidos políticos. No início de 1966, foram criados apenas dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional – ARENA, partido do governo e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, que assumiu o papel de partido de oposição ao governo.

No seu governo foi instituído o Serviço Nacional de Informações – SNI, criou o Banco Central e o Banco Nacional de Habitação – BNH. Extinguiu partidos políticos, cassou direitos políticos de deputados, governadores, ex-presidentes e lideranças de entidades civis e aprovou a Lei de Imprensa, limitando a liberdade de informação.



Governo Costa e Silva – 1967 a 1969

O presidente Artur da Costa e Silva, era natural do Rio Grande do Sul, no seu governo foi decretado o AI – 5, lhe dando poderes para fechar o Congresso Nacional, cassar políticos e institucionalizar a repressão, visto que houve um aumento significativo das atividades subversivas, assim eram chamados os grupos rebeldes que praticavam atos de protestos contra o governo. As liberdades civis foram suprimidas, deixando como legado histórias de repressão, conflitos e tortura. A Constituição de 1946 foi substituída pela Constituição de 1967.

O seu governo foi marcado pelo crescimento do Produto Interno Bruto – PIB de 15,72%, iniciando o período conhecido como “milagre econômico”, que duraria de 1968 até 1973.

O presidente Costa e Silva faleceu no dia 17 de dezembro de 1969, devido ao Acidente Vascular Cerebral, AVC, sofrido em 31 de agosto. Até outubro de 1969, o Brasil foi governado por uma Junta Militar Provisória, que transmitiu o poder para Emílio Garrastazu Médici.

Governo Garrastazu Médici – 1969 a 1974

O presidente Emílio Garrastazu Médici, era natural do Rio Grande do Sul e no seu governo as torturas e mortes continuaram contra os subversivos. Houve também censura à imprensa e cerceamento das liberdades individuais.

No seu governo, a ditadura atingiu o auge da popularidade, com o “milagre econômico”, garantido com a injeção do capital estrangeiro no país, onde vários investimentos foram realizados, entre eles, a construção da Hidrelétrica de Itaipu, a Ponte Rio – Niterói e a Rodovia Transamazônica, grandes símbolos do Brasil.

Durante o “milagre econômico”, instaurou-se um pensamento de “Brasil potência”, que se evidenciou com a conquista, pela terceira vez, da Copa do Mundo, em 1970, no México, quando foram criados os “slogans” “Ninguém segura este país”, “Pra frente Brasil” e “Ame-o ou Deixe-o”.

Governo Ernesto Geisel – 1974 a 1979

O presidente Ernesto Beckmann Geisel, natural do Rio Grande do Sul, deu início ao projeto de abertura lenta, gradual e segura da volta da democracia.

Em 1979 foi restabelecido o pluripartidarismo. No lugar da ARENA foi criado o

Partido Democrático Social – PDS e o MDB mudou de sigla com a criação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Algumas correntes dos dois partidos criaram outras legendas ao mesmo tempo.

Durante o bipartidarismo foram realizadas quatro eleições majoritárias em: 1966, 1970, 1974 e 1978.

Governo João Figueiredo – 1979 a 1985

O presidente João Batista Figueiredo, natural do Rio de Janeiro, foi o último do regime militar e concretizou a abertura a democracia, iniciada no governo Geisel. Ele assinou a lei da Anistia em agosto de 1979, o que permitiu a volta, ao país, de políticos exilados pelo governo militar.

No seu governo foram realizadas as primeiras eleições diretas para governador de estado, interrompidas desde 1965.

Sua gestão ficou marcada por uma grave crise econômica, gerando índices recessivos e inflacionários e pela dívida externa crescente.

Período Vitorinista no Maranhão: 1945 – 1965

Durante o período de 1945 a 1965, o Maranhão foi dominado, politicamente, pelo Partido Social Democrático, liderado pelo senador Vitorino Freire, natural de Pernambuco, e era quem conseguia eleger seus candidatos ao governo do Estado.

Até o ano de 1965, com a oligarquia vitorinista, ala de políticos que apoiavam Vitorino Freire no poder, o ensino apresentava índices vergonhosos, cerca de 74% da população do Maranhão era analfabeta, e o estado era muito atrasado em relação a outros do Nordeste.

São Luís era uma cidade pacata, tranquila, mas com muitos problemas de infraestrutura e em outros setores da economia. A energia elétrica de São Luís era racionada e o abastecimento de água restringia-se à área do centro da cidade.

O jovem deputado federal José Sarney, natural da cidade de Pinheiro (MA), culpava o vitorinismo pelas mazelas do estado e decidiu concorrer nas eleições de 1965, como candidato ao governo estadual, pois sua proposta era libertar o Maranhão do domínio de Vitorino Freire e transformá-lo num grande Estado e tinha como plano de governo o Desenvolvimento Econômico, mais conhecido como “Maranhão Novo”, um Maranhão justo, moderno e próspero economicamente.



Naquela eleição o vitorinismo entrou na disputa dividido, com os candidatos Renato Archer e Costa Rodrigues, prefeito de São Luís, apoiado pelo então governador Newton Bello.

Governo José Sarney: 1966 – 1970

A eleição para governador ocorreu no dia 03 de outubro de 1965, sendo a última eleição, antes da Ditadura Militar, e no dia 20 de outubro daquele ano, o Diário Oficial do Estado publicou o seguinte resultado:

CANDIDATO	COLIGAÇÃO	VOTOS OBTIDOS
José Sarney	PSP / UDN / PR	120.810
Costa Rodrigues	PDC / PL	67.971
Renato Archer	PTB / PSD	35.840
TOTAL	-	224.621

Com a eleição de José Sarney e Antônio Dino para governador e vice-governador, respectivamente, para dirigir os destinos do Estado de 1966 a 1970, justiça seja feita, a capital São Luís tomou um grande impulso no seu desenvolvimento e os jornais na época comentavam o “milagre maranhense” com ajuda do regime militar.

Foram criadas no governo Sarney a Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão – CAEMA, a Companhia de Habitação Popular do Maranhão – COHAB, a Companhia de Valorização da Baixada Maranhense – CODEBAM, a Companhia de Telecomunicações do Maranhão – TELMA, o Centro Educacional do Maranhão – CEMA e o Centro de Processamento de Dados do Maranhão – PRODATA.

O Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado, do governo Sarney, era o jovem e dinâmico engenheiro civil Haroldo Tavares, que “arregaçando as mangas”, realizou grandes obras estruturantes no Maranhão, projetando o Estado para o futuro. Para se ter uma ideia, a oferta de energia no Maranhão que era de apenas 7.500 KW passou para 237.500 KW com a construção da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, no Rio Parnaíba, na altura dos municípios de Nova Iorque no Maranhão e Guadalupe no Piauí. As estradas passaram de 13 km pavimentadas para centenas de quilômetros, incluindo o asfaltamento da BR-135, que liga São Luís a Teresina.

Até o final dos anos de 1960 a ligação da ilha de São Luís com o continente, na BR-135, atravessando o canal marítimo denominado Estreito dos Mosquitos, era feita unicamente pela Ponte Metálica Benedito Leite, de propriedade da Rede Ferroviária Federal, ou seja, da Ferrovia São Luís – Teresina, inaugurada em 1928. Em 1970 foi inaugurada a Ponte Marcelino Machado, de concreto, medindo 456 metros de extensão, ao lado da ponte metálica.

Em São Luís a concentração populacional na área conhecida como Itaqui-Bacanga, teve início quando as palafitas do Goiabal, às margens do Rio Bacanga, sofreram incêndio em outubro de 1968, o que levou a transferência das famílias para a outra margem do rio, fazendo surgir a comunidade do Anjo da Guarda.

Em 1973, foi concluída a construção da barragem do Bacanga, reduzindo de 36 km para 8 km a distância do centro da cidade ao Porto do Itaqui, o porto mais profundo do Brasil, obra de referência do seu governo, e possibilitando a exploração de uma nova área da cidade, após o Rio Bacanga, com a abertura e pavimentação da Avenida dos Portugueses, onde surgiram, além do Anjo da Guarda, vários outros bairros como Vila Embratel, Vila Nova, Fumacê, Sá Viana, entre outros, além da criação do Distrito Industrial e da instalação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, no eixo denominado Itaqui-Bacanga.

Foi construída a primeira ponte sobre o Rio Anil inaugurada em 1968 e recebeu o nome de Ponte Governador Newton Belo, mais conhecida como Ponte do Caratatiua, logo após, foi construída a Avenida Daniel de La Touche e ao longo dela foram construídos os conjuntos residenciais Ipase, Maranhão Novo e Cohama em 1970.

A ponte do São Francisco sobre o Rio Anil foi idealizada desde a década de 1950, pelo engenheiro Rui Ribeiro Mesquita, então diretor geral do Departamento de Estrada e Rodagem – DER, em seu Plano Rodoviário da Ilha de São Luís, mas só foi concretizada no governo de Jose Sarney. O início da construção da Ponte governador José Sarney ou Ponte do São Francisco, a segunda sobre o Rio Anil, foi em 1968. Era grande a euforia da população pela construção da ponte e os jornais acompanhavam e noticiavam o estágio da construção.

“A Ponte de São Francisco deixará de ser apenas sonhos, para dentro em breve ser uma grande realidade”. (Jornal do Dia, 11 de maio de 1968).

A primeira informação nos jornais sobre o início das obras da ponte São Francisco é do dia 13 de junho de 1968. (Jornal O Imparcial) estimada a sua conclusão no prazo de 24 meses.

“Será uma das obras mais importantes no setor de urbanização de São Luís, possibilitando a ligação do centro comercial da cidade com um dos mais populosos núcleos residenciais, além de facilitar o acesso ao balneário da Ponta D Areia” (Jornal do Dia, 04 de julho de 1968).

O governador José Sarney fazia questão de inspecionar frequentemente o andamento da obra.

O Jornal do Dia, de 17 de agosto de 1969, anunciava que “O governador cravaria pessoalmente a última estaca dessa obra”.

No dia 13 de setembro, o jornal Imparcial divulgou: “O Governador Jose Sarney assistiu ontem à tarde à cravação da última estaca da ponte do São Francisco, obra iniciada pelo atual Governo e que está sendo construída em tempo recorde”.



Apesar da ponte ser denominada governador José Sarney, até hoje ela é popularmente conhecida como Ponte do São Francisco e foi inaugurada no dia 14 de fevereiro de 1970, com duas pistas de rolamento em sentidos contrários e possuindo 820 metros de extensão, considerada, na época, a maior ponte do Nordeste, expandindo o progresso para uma região urbana ainda inexplorada por grande parte da população, pois era uma vila de pescadores e fonte de renda dos canoeiros que atravessavam o Rio Anil em suas canoas transportando moradores e turistas. A ponte possibilitou a formação de novos bairros como São Francisco, Renascença I e II, Calhau, São Marcos, com a abertura de ruas e avenidas e permitindo o acesso à praia da Ponta D'areia, a mais próxima do centro da cidade.

Após a construção da ponte governador José Sarney sobre o Rio Anil, o empresário Moacir Neves construiu o Hotel São Francisco no início da década de 1970, sendo o pioneiro no bairro.

Surgiu a TV Educativa Canal 2, a primeira do Brasil e ficava localizada no bairro de Fátima. Foi preparada a estrutura para a criação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, com a abertura do Curso de Administração no bairro da Alemanha, do Curso de Engenharia Civil, ao lado da UFMA e do Curso de Agronomia no Tirirical, onde hoje é a UEMA. Após a transferência dos cursos de Administração e Engenharia Civil e a criação do curso de Medicina Veterinária no Tirirical, foi criado o Campus da UEMA.

Quanto a política habitacional, foi criada a Companhia de Habitação – COHAB, responsável pela construção de vários Conjuntos Habitacionais, como o Residencial Caratatiua em 1967, Cohab Anil I em 1968, Cohab Anil II em 1969, Cohab Anil III em 1970, com recursos do Banco Nacional de Habitação – BNH.

O itinerário para se chegar ao Conjunto Popular, hoje COHAB, antes da ponte do Caratatiua, era pela Avenida Getúlio Vargas, (do centro ao Monte Castelo), Avenida João Pessoa (Monte Castelo ao Filipinho), Avenida Edson Brandão (Filipinho ao Anil) e Avenida Casemiro de Abreu (Anil ao retorno da Cohab). Também foram construídos conjuntos habitacionais da ELCA nos bairros de Fátima e Monte Castelo, COBEB no bairro do Sacavém, etc.

De acordo com o IBGE, São Luís entre 1960 e 1970 apresentou o maior índice populacional, de 5,31 %, propiciando um novo traçado urbano à capital, ampliando a urbe ludovicense através do crescimento dos bairros: “Liberdade, Monte Castelo (Areal), Apeadouro, Fátima, Alemanha, João Paulo, Caratatiua, Jordoa e Sacavém, encurtando o caminho pela Vila do Anil”. Esse crescimento também levava a uma ocupação desordenada e a falta de infraestrutura de moradias. “Para 1969, diante de uma população estimada em 251.389 habitantes, aproximadamente 40.000 destes residiam em palafitas, que representavam em termos percentuais, cerca de 16% daquele número estimativo”. (RIBEIRO Jr, 1999, p.87).

O bairro Alemanha surgiu com a abertura e pavimentação da Avenida dos Franceses, inaugurada em 1970, nessa época também foi construído o Parque Veneza

no mesmo bairro, pelo prefeito Vicente Fialho, com diversas quadras de esportes e áreas de lazer, desativado anos depois para a construção do Hospital da Criança e como o prédio da Guarda Municipal já existia, foi adaptado para a corporação. Na segunda metade da década de 1960 foi construída a Avenida Kennedy e o Parque do Bom Menino, na Avenida Alexandre de Moura, sendo inaugurado no dia 31 de janeiro de 1970.

Com a construção da barragem do Bacanga, das duas pontes sobre o Rio Anil e abertura de novas e largas avenidas surgiram vários bairros e grandes conjuntos habitacionais, aumentando a população de São Luís, que em 1960 era estimada em 160 mil habitantes passando para 270 mil habitantes em 1970.



Ponte José Sarney sobre o rio Anil em 1970 recém-construída ligando o Centro Histórico ao bairro São Francisco. (Fonte: pinterest.es)

A aceleração do crescimento urbano de São Luís nos anos 1970, aconteceu, indiscutivelmente, com as obras da ponte do São Francisco, e da barragem do Bacanga, expandindo a cidade com a formação de novos bairros. No final da década de 1970 com a chegada de projetos como a ALUMAR, a construção da Estrada de Ferro Carajás e a conclusão do Porto do Itaqui, obra planejada no início do século XX e concluída em 1974, dando início as operações do porto, foram de fundamental importância para o processo de crescimento urbano e expansão territorial da cidade. Antes, em 1973, foi criada a Companhia Docas do Maranhão – CODOMAR, subordinada do Governo Federal para administração do Porto do Itaqui.

Com a implantação da ditadura militar em 1964, houve a extinção dos partidos políticos por força do Ato Institucional nº 02 de 27 de outubro de 1965. A escolha dos nomes dos cargos de governadores, vice governadores e prefeitos eram feitas por indicação dos presidentes da república, ficando conhecidos os escolhidos como



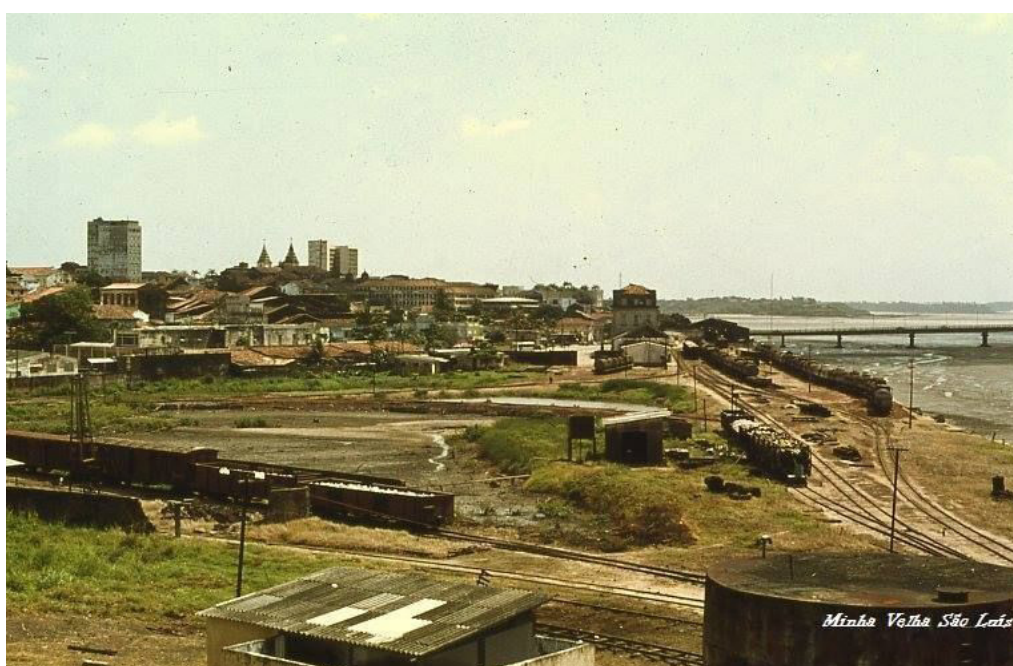
“biônicos”.

Governo Pedro Neiva de Santana: 1971 – 1975

Em 1970 o presidente da República, general Emílio Garrastazu Médici, escolheu o médico Pedro Neiva de Santana, natural da cidade de Nova Iorque (MA), filiado ARENA, que tinha sido Secretário da Fazenda no governo Sarney, para assumir o governo do Estado do Maranhão, tendo como seu vice-governador o senhor Alexandre Sá Colares Moreira. Pedro Neiva, por sua vez, convidou o engenheiro Haroldo Tavares para assumir a Prefeitura Municipal de São Luís, com a anuência do presidente, exercendo o mandato de prefeito no período de 1971 a 1975.

A experiência de Haroldo Tavares como secretário de Viação e Obras, no governo José Sarney, como a construção da ponte do governador Newton Bello ou Caratatiua, construções da Barragem do Bacanga e do Porto do Itaqui, instalação do Anjo da Guarda e de novos conjuntos habitacionais, pavimentação da BR – 135, ligando São Luís a Teresina, e a construção da ponte do São Francisco, o credenciaram para ser o escolhido pelo governador Pedro Neiva de Santana para exercer o mandato de prefeito de São Luís.

A marcante obra do prefeito Haroldo Tavares foi, sem dúvida, a construção do Anel Viário no início da década de 1970, contornando parte da cidade, através da construção do viaduto do Monte Castele e da larga e moderna Avenida Vitorino Freire, ligando a Avenida Beira-Mar ao Portinho, fazendo surgir o bairro Areinha. Além de modernizar urbanisticamente a cidade, assegurou a preservação do patrimônio arquitetônico colonial, transferindo a circulação de veículos pesados, como ônibus e caminhões, pelas ruas estreitas do centro da cidade, para o Anel Viário.



Oficina de trem da RFFESA, antes do Anel Viário, hoje praça Maria Aragão, (Fonte: br.pinterest.com)



Na sua gestão também foi construída a avenida Presidente Médici, hoje, denominada Avenida dos Africanos, inaugurada em 1973, além da pavimentação de dezenas de bairros e a construção da Lagoa da Jansen. Muitos ludovicenses, assim como eu, reputam Haroldo Tavares como o melhor prefeito que São Luís já teve.

Governo Nunes Freire: 1975 – 1979

Após o mandato do governador Pedro Neiva de Santana o presidente da República, general Ernesto Geisel, escolheu o médico Osvaldo da Costa Nunes Freire, natural da cidade de Grajaú (MA), filiado a ARENA e ligado ao grupo de Vitorino Freire, adversário político de Sarney, para dirigir os destinos do Estado no período de 1975 a 1979, tendo como vice-governador o médico José Duailibe Murad e como prefeito o engenheiro Bayma Júnior, que entre outras obras pavimentou ruas e avenidas, entregou conjuntos residenciais e inaugurou a Avenida São Luís Rei de França em 1976, juntamente com o governador.

Governo João Castelo: 1979 – 1982

Em 1979 o escolhido pelo regime militar para governar o Maranhão, no período de 1979 a 1982, foi senhor João Castelo Ribeiro Gonçalves, natural de Caxias (MA), filiado a ARENA e pertencente ao grupo político de José Sarney e como vice-governador o senhor Artur Teixeira Carvalho e tendo como prefeito da cidade o engenheiro Mauro Fecury. Após o governo José Sarney, o governador João Castelo foi o que mais realizou obras importantes e estruturantes para a cidade, como a construção do conjunto habitacional Cidade Operária, o ITALUÍS, com a captação e tratamento d'água do Rio Itapecuru, Complexo Esportivo Castelão, Hospital Carlos Macieira, Fórum do Tribunal de Justiça, Centro Recreativo do IPEM, Programa Bom Preço, conclusão da Ponte Bandeira Tribuzi, entre outras.



CAPÍTULO X

A ÁRVORE DA MINHA CIDADE

Como Engenheiro Agrônomo, faço uma relação da cidade de São Luís a uma grande árvore, que possui, ao meu ver e a grosso modo, os mesmos órgãos que desempenham as mesmas funções dessa árvore. A árvore contém 05 (cinco) órgãos principais, como sendo: Raiz, Caule, Folha, Flor e Fruto.



1 – RAIZ DA PLANTA: A raiz é uma estrutura vegetal que tem a função de ajudar a fixar e sustentar a planta no solo, além de absorver água e sais minerais (seiva bruta), para ser transportada a parte aérea da planta.

RAIZ DE SÃO LUÍS: A cidade de São Luís foi fundada pelos franceses no dia 08 de setembro de 1612. As raízes da cidade são formadas pelos seus primeiros habitantes, como sendo, os franceses, portugueses, holandeses, africanos, sírios e libaneses, que criaram e residiram no primeiro bairro da cidade, a Praia Grande e o Centro Histórico.

2 – CAULE DA PLANTA: O caule tem a função de sustentar a planta e transportar as seivas bruta e elaborada, através do conjunto de vasos condutores denominados Xilema e Floema. A água e os sais minerais absorvidos pelas raízes, são transportados para as partes aéreas das plantas pelos vasos condutores chamados xilemas. O transporte da seiva elaborada, resultado da fotossíntese, para as demais partes das plantas, é realizado pelos vasos condutores denominados floemas.

CAULE DE SÃO LUÍS: Os xilemas e floemas da cidade seriam as ruas e avenidas, onde trafegam os veículos, com fluxo intenso, transportando produtos e pessoas por toda a cidade, formando seu caule (ramo principal), ramos secundários terciários, dando formação a grande copa dessa árvore chamada São Luís.

O que representa o caule ou ramo principal, ou seja, a coluna dorsal da cidade, seria a Rua Grande, que faz a ligação da raiz da cidade, a Praia Grande e Centro Histórico, com a continuidade da sua extensão, através das Avenidas Getúlio Vargas, São Marçal, Edson Brandão, Casemiro Júnior, Santos Dumont, as primeiras a serem construídas, levando aos bairros mais longínquos.

Os ramos secundários seriam as outras avenidas como Castelo Branco, Daniel de La Touche, Portugueses, Africanos, Holandeses, São Luís Rei de França, entre outras, interligando aos bairros, através dos ramos terciários.

Os ramos terciários seriam as ruas dos bairros por onde circulam os veículos domésticos.

3 – FOLHA DA PLANTA: As folhas são estruturas muito importantes para os vegetais. Sua função é fazer a respiração e fotossíntese, processos que garantem a sobrevivência das plantas.

FOLHA DE SÃO LUÍS: As folhas seriam os bairros espalhados pela cidade, que movimentam e fazem respirar sua economia, cultura, esporte, lazer, gerando emprego, trabalho e renda para os seus moradores.



4 – FLOR DA PLANTA: A flor é o órgão da planta que desempenha a função da reprodução vegetal, da perpetuação da espécie.

FLOR DA CIDADE: As flores seriam os lares, residências, localizadas nos bairros da cidade. No aconchego do lar é que acontece a união e a relação de amor do casal, que se acasala e reproduz, dando formação a família, perpetuando a vida humana.

5 – FRUTO DA PLANTA: O fruto é o produto da fecundação entre as partes masculina e feminina da planta. O óvulo da plantinha dá origem à semente e o ovário se torna o fruto.

FRUTO DA CIDADE: Os frutos seria a população gerada pelo acasalamento dos casais nessa flor chamada lar, formando os frutos que são os filhos, surgindo daí vários tipos de profissionais, que pela força ou fruto do seu trabalho, ajuda a cidade a se desenvolver.

CAPÍTULO XI

POEMA: DECANTOS DO MEU ENCANTO

I

Ao norte estás situada
Porção de terra insular
Te tornaste tão desejada
Onde o mar, teus pés, vem beijar
O sol, o corpo aquecer
A brisa, te acariciar
O luar, a noite iluminar
As estrelas, teu sono velar
A chuva, lavar o teu ser
Procurada, enfim, encontrada
Para ser a bela capital abençoada



II

Quando os franceses te descobriram
Estavas despida e pele bronzeada
Os portugueses te vestiram
E construíram tua linda morada
E de frente para o mar, foste batizada

III

Teus primeiros filhos te adornaram
E a casa foi ficando admirada
Tuas belezas naturais encantaram
Outros povos que aqui aportaram
Atraídos por tua história apreciada

IV

Quando no teu ventre fui gerado
Já eras uma senhora madura
Mesmo com o tempo passado
Conservaste tua pura ternura
Mantendo a singela candura

V

No Canto de tuas entranhas eu nasci
Viste eu dar os primeiros passos
Como uma mãe que protege seu filho
Pela luz projetada do seu brilho
Fui crescendo e avigorando nossos laços

VI

Transitei, na infância, os teus braços
Cresci, admirando os espaços
Escadarias, ruelas e becos, percorri
Sentimentos, contigo comparti
Depois, me acolheste no teu regaço



VII

Admiro o encanto dos teus cantos
Aprecio o teu Centro santo
Percorro os caminhos da tua história
Que afloram na minha memória

VIII

Vestida com trajes antigos
Herança que os lusos deixaram
Embelezada por filhos amigos
Bem demonstra o quanto te amaram
Preservando tua fiel identidade
Para ser Patrimônio Cultural da Humanidade

IX

Vi tua casa ser melhorada
Deram um ar de modernidade
Com a área de lazer ampliada
Ganhaste novos cômodos
E com novos adereços foste adornada

X

São Luís, cidade encanto, meu torrão
Homenageio-te com esses versos
Que brotam do meu coração
E para poetas diversos
Serás sempre fonte de inspiração



REFERÊNCIAS

- ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. A Fundação de São Luís do Maranhão e o Projeto Urbanístico do Engenheiro Militar Francisco Frias de Mesquita, 50 p.
- ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira, Do Cais da Sagração ao Porto do Itaqui: A Decadência da Praia Grande e a Ascensão do Maranhão Novo. UFMA, 12 p.
- ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima, "Quilombo Urbano", Liberdade, Camboa e Fé em Deus. UEMA. São Luís - MA. 2017. 162p.
- BEZERRA, Juliana. Professora de História. PUC, RJ.
- CAMINHOS ME LEVEM. São Luís do Maranhão: História, Cultura e Festas Populares. Disponível em: <https://caminhosmelevem.com/>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- COSTA, Marcelo Lima, Para o "Maranhão Novo" um novo subúrbio: A formação do bairro Anjo da Guarda, em São Luís do Maranhão, no contexto do milagre econômico (1968-1970). ANPUH-RJ, 9 p.
- FILHO, Domingos Vieira. Breve histórico das ruas de São Luís. Maranhão. São Luís, MA. 204 p, 1962.
- MATOS, Heloísa Reis Curvelo, Análise Toponímica de 81 nomes de Bairros de São Luís, Universidade Federal do Ceará - UFCE, Fortaleza - CE, 2014. 347p.
- MENDES, Jéssica. A Importância da Preservação do Centro Histórico de São Luís do Maranhão como Patrimônio Cultural da Humanidade. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luís - MA, 2016. 11p.
- NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. Alterações no Projeto de Praças para a Conservação do Centro Histórico. O Caso de São Luís do Maranhão. UFPE. Recife - PE. 2004. 218p.
- PEREIRA, Márcio Rodrigo da Silva. A organização do espaço urbano da cidade de São Luís - MA. São Paulo, 2017. 137p.
- pt.wikipedia.org/wiki. Enciclopédia Livre.
- SANTOS, A. K. de A.; PFLUEGER, G. S. Modernidades Industriais do Maranhão. Labor e Engenho, Campinas, SP, v. 13, p. e019021, 2019. DOI: 10.20396/labore.v13i0.8656090. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8656090>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. Em Busca da Cidade Moderna: A Remodelação Urbana de São Luís Durante a Era Vargas (1936-1945). Florianópolis - SC, 2020. 25p.
- SANTOS, Ricarte Almeida. Música Popular Maranhense e a questão da identidade cultural regional. São Luís, 2012. 155 f.
- SILVA, Fábio Henrique Monteiro. Do Carnaval Carioca à Invenção da Carioquização do Carnaval de São Luís - MA. UFRJ. Rio de Janeiro - RJ, 2014. 300p.
- SILVA, Gabriela Melo. O Plano de Expansão da Cidade de São Luís. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís - MA, 2013. 10p.
- SILVA, Myrna Luiza Mendes. Arquitetura do Poder - Análise da Avenida Getúlio Vargas. UEMA, 2016. 61p.
- SOUSA, Sandra Maria Nascimento. O Império da Folia e as Máscaras da Repressão, UFMA. 7p.
- ZENKNER, Thaís Trovão dos Santos. Legado Renascentista e Forma Urbana: As cidades de São Luís e Belém no século XVII. UEMA. São Luís - MA, 2002. 143p.

LISTA DE SIGLAS

AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
ASSEFAZ – Fundação Assistencial dos Servidores do Ministério da Fazenda
CAEMA – Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão
CEMA – Centro Educacional do Maranhão
CEMAR – Centrais Elétricas do Maranhão
CODEBAM – Companhia de Valorização da Baixada Maranhense
CODOMAR – Companhia Docas do Maranhão
COHAB – Companhia de Habitação Popular do Maranhão
CREA - MA – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Maranhão
DAES – Departamento de Água e Esgotos Sanitários
DCT – Departamento de Correios e Telégrafos
DER – Departamento de Estradas e Rodagem
DMTUSL – Departamento Municipal de Transportes Urbanos de São Luís
DTUSL – Departamento de Transportes Urbanos de São Luís
ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
EMATER-MA – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Maranhão
IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JEMS – Jogos Estudantis Maranhense
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
PDS – Partido Democrático Social
PRODATA – Centro de Processamento de Dados do Maranhão
RFFSA – Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
SAELTPA – Serviço de Água, Esgoto, Luz, Tração Elétrica e Prensa de Algodão
SECMA – Secretaria de Estado da Cultura
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC – Serviço Social do Comércio
SNI – Serviço Nacional de Informações
SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TELMA – Companhia de Telecomunicações do Maranhão



UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Exponho aos leitores, com saudosa lembrança, o Centro Histórico de São Luís, narrando sua rica história e belíssima arquitetura com retratos dos nossos belos prédios, igrejas e monumentos históricos e apresento, em memória, a Quinta (propriedade rural) da Rua 18 de novembro. Presto homenagem ao bairro do Monte Castelo, onde descrevo parte de sua história. Narro as práticas e costumes da época. Resgato memórias e fatos históricos, políticos, culturais, sociais, esportivos etc, tornando conhecido o cotidiano da cidade, naquelas inesquecíveis décadas.

ISBN: 978-65-86707-60-1

BR

